This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 151 695

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

Ed. Garnier

(2)

1 : Oix

ESBOÇOS LITTERARIOS

OBRAS DO AUCTOR

Rhetorica e poetica — 1884.

Introducção ás prelecções de Direito Romano do Dr. Rodrigues — 1887.

A Noiva (escorço de um romance naturalista) — 1888.

A Poesia e a Arte sob o ponto de vista philosophico — 1891

Freze de Maio (Pamph'eto republicano) — 1889.

O povo e o banqueiro (pamphletos de propaganda socialista) 8 numeros — 1892.

Ephemeras (poesias) 1ª edição, 1894, 2ª edição, 1900.

Questões de Direito Civil, de R. von Jhering, com annotações — 1899.

O fundamento dos interdictos possessorios, de R. von Jhering, com annotações — 1900.

A nova phase do Direito Civil, de E Cimbali — 1900.

As garantias Constitucionaes, de A. Alcorta — 1901.

Apontamentos sobre o processo Criminal brazileiro, de Pimenta Bueno — 1900.

ADHERBAL DE CARVALHO

ESBOÇOS

LITTERARIOS

O NATURALISMO NO BRAZIL
O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE
A LEI DA RAZÃO NO THEATRO
GENESIS DO SENTIMENTO CONJUGAL ARYANO
CARTA AO AUCTOR DAS « COISAS PROFANAS »
O NORTE LITTERARIO EM 1895

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, rua do Ouvidor, 71

1902

PRESERVATION
COPY ADDED
ORIGINAL TO BE
RETAINED

JUL 6 1992

A' saudosa memoria de meu pai

O Dr. José Alves Pereira de Carvalho

Le plus vif plaisir d'un esprit qui travaille consiste dans la pensée du travail que les autres feront plus tard.

H. TAINE. — Essais de Critique et d'Histoire.

ANTELOQUIO

Não me illudo absolutamente sobre o valor litterario destes Esboços. *Trabalhos ligeiros, escriptos* à la diable, *mais para satisfazerem a minha curiosidade de touriste nas rapidas viagens pela região das bellas lettras, do que para alimentar vélleidades litterarias, elles almejam todavia um escopo unico, que foi toda a minha aspiração : — o desejo de ver estudada e conhecida a litteratura brazileira.*

O facto de ja haver muita cousa escripta sobre a manifestação do talento nacional na poesia, na sciencia, na politica, etc., e nenhuma só palavra a respeito do romance e dos nossos romancistas, suggeriu-me O Naturalismo no Brazil, *que escrevi* au jour le jour *na* Pacotilha *do Maranhão em 1893, com o espirito pouco calmo pelo futuro de meu paiz que se estorcia nas ancias da guerra civil.*

A offerta de um drama historico do Snr. Almeida Jor. na mesma epocha, fez-me esboçar a silhueta do nosso theatro e, mais tarde, um outro estudo sobre o mesmo thêma, mas sob o ponto de vista geral.

Finalmente uma rápida excursão pelos Estados do Norte em 1895, dispertou-me a idéa de inquirir-lhes da vida intellectual, tão desconhecida no Sul e aqui na propria Capital da União, onde, de vez em quando se ouve um echo longinquo de algum nome provinciano que rapido desapparece.

Creio perfeitamente que melhor avisado eu fôra se não publicasse em livro os artigos de que se compõe estes Esboços, *mas attendendo á celebre phrase de Paul Louis Courier, de que « qualquer producção do nosso espirito, uma vez que se póde tornar util, está por si mesma justificada », aventurei-os ao mar alto da publicidade, com a convicção inabalavel de um crente por um futuro melhor, não obstante a fragilidade do barco e as ondas penhascosas e traiçoeiras do vasto oceano.*

ADHERBAL DE CARVALHO.

O NATURALISMO NO BRAZIL

O NATURALISMO NO BRAZIL

I

Do meiado d'este seculo para cá, quando se pensava que a litteratura havia dado a sua ultima de mão, e que os representantes das lettras não tinham mais nada a fazer do que trabalharem e trabalharem muito por essa nova eschola revolucionaria a que deram o nome de *Romantismo*, para depois colher os louros das suas victorias; ahi nesse mesmo canto da Europa, para quem o prefacio de *Cromwell* era uma biblia litteraria, Michelet ligava a actividade da França á historia da humanidade e dava nova orientação ao estudo da historia, resumindo-a na « lucta da liberdade contra a fatalidade ». Augusto Comte fazia a revolução do pensamento, descobrindo as tres leis capitaes que presidem a intellectualidade humana, systemati-

sando a sciencia e fazendo-a sua classificação hierarchica. Carlos Darwin, na Inglaterra, descobria as leis do transformismo e da evolução e agitava todas as sciencias biologicas, tirando-as da estreiteza descriptiva dos colleccionadores, dando-lhes um ponto de vista deductivo; e Honoré de Balzac fazia por seu turno a revolução artistica lançando, com a simplicidade de seu grande engenho, as bases physiologicas e sociaes do romance moderno.

As novellas de Walter Scott, George Sand, Victor Hugo, Eugenio Sue, Lamartine, Saint Pierre Chateaubriand, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail, etc., faziam as delicias do selecto e ja *grand public* legente de então.

A explicação de tudo isso não seria muito difficil. E' que as lettras não se haviam ainda democratisado e o povo ainda era um producto hystherico, um herdeiro atávico das humilhações e extravagancias dos seculos precedentes. O seu temperamento era doentio e allucinatorio. As *Maguas de Werther* produziram mais de um suicidio amoroso, e *Paulo e Virginia* milhares de idylios ridiculos e serenatas grottescas.

Tudo o que tivesse algo de phantastico, de imaginario, de creações demoniacas, de nevrosismo explosivo de temperamentos tinha o seu consenso. Victor Hugo mesmo já havia dito que « um livro

onde houvesse phantasmas seria um livro irresistivel ».

O autor dos *Miseraveis*, dos *Trabalhadores do Mar*, de *N. S. de Parîz* e de tantos outros, pertence ao numero d'essas individualidades superiores a que Cesar Lombroso chama de « genios conscientes de sua genialidade ».

Elle acreditava ter dado ao pensamento litterario do seculo XIX a sua forma definitiva e a definitiva base fundamental dos aspirações modernas. Fosse elle um photographo exacto das paixões humanas em typos reaes ou verosimeis, e seria ainda o Jeovah das lettras hodiernas. Quasimodo, por exemplo, é uma monstruosidade physica servindo de involucro ás mais bellas paixões e aos mais extraordinarios sentimentos affectivos, que se possam imaginar aninhados na alma de um individuo.

A litteratura como a humanidade está sujeita ás modificações do *meio* e ás influencias do tempo, pois é evidente, diz Buckle — *Histoire de la civilisation en Angleterre*, vol. 1°. pag. 27 — « que todas ás variações ou mudanças na historia e vicissitudes da raça humana, progresso e decadencia, felicidade ou miserias são o fructo de uma dupla acção; acção dos phenomenos exteriores sobre o espirito e acção do espirito sobre os phenome-

nos ». E é isso mesmo o que se tem observado com as escholas litterarias quasi todas em completa tergiversação.

Ao classicismo oppoz-se o romantismo com todos os desvarios da imaginação, n'uma deliquescencia febril e extuante de nervos e de idéas, e a este tomou-lhe desabridamente a dianteira o naturalismo, isto é, o romance moderno, estudando o *meio* como uma experimentação sociologica, collocando-se na situação de vulgarisar, pelo conflicto de todo o condicionalismo em que o homem se *determina*, o que ha de voluntario ou automatico nos seus actos; o romance de caracteres, que significa o estudo artistico-litterario de uma exposição concentrica de todas as influencias, que determinam um pensamento ou um acto.

II

Tratando-se do romance moderno não podemos, de forma alguma, deixar de falar nos seus verdadeiros fundadores, embora de relance, n'uma silhueta rápida de aguarella.

Começarei, pois, pelo maior de todos elles, o grande mestre Honoré de Balzac.

Balzac! este nome vibrante sahe-me tremulo da penna como se escrevesse o nome de um bandido celebre, sobre cujas façanhas hediondas a vasta technologia juridica estacasse examine, desfallecida.

E' que o áutor de *Eugenie Grandet*, assombroso como é, deixa gravada no espirito de quem o lê uma impressão estonteante e nervosa de imagens, de descripções inolvidaveis e de personagens lucilantes de vida e de actividade que fascinam, que enthusiasmam. A historia de sua vida é a historia de uma epocha litteraria, é o *fiat lux* do romance moderno, o genesis litterario do operariado politico. Eil-a em fugitivos e rapidissimos traços.

Foi com a publicação do seu *Dernier Chouan* que o futuro creador de *Vautrin* appareceu na liça dos combatentes. Como era de prever, o seu trabalho soffreu toda a sorte imaginaria de guerra. Uma lucta infrene presidiu sempre aos seus romances, desde as *Scenas da vida publica* e *Scenas da vida privada* até á *Comedia humana*, n'uma deshumanidade pavorosa, n'um desancamento mortal.

Não obstante tudo isso elle foi trabalhando, resignado e esperançoso, n'essa extraordinaria obra social que a morte não o deixou concluir, mas que constitue a pedra fundamental de toda a litteratura experimental e psychologica de nossos tempos, o espiráculo aberto ás novas aspirações belletristas, então cançadas com as extravagancias doentias do romantismo.

Foi elle o primeiro que usou do genero descriptivo ao natural e quem primeiro trasladou para as paginas do livro as observações tomadas aos caracteres, aos costumes, ás cousas e ás individualidades.

Não sei que instincto observador e revelador ensinou-lhe que os lugares e os homens se têm por secretas relações, que tal muralha é um caracter, que tal sitio é uma idéa e que, para bem se reter um retrato social, é necessario conhecer perfeita-

mente todos os recantos e todas as manhas da sociedade etc.

Cada romance de Balzac é uma these moral, um problema social proposto ou resolvido. Elle não escreve sem saber onde irá dar; os seus personagens agrupam-se, falam, agitam-se, mostram-se influenciados pelo meio em que vivem, são de uma logica absoluta em tudo o que fazem. A acção desdobra-se lenta, sem peripecias convencionaes, sem situaçõesintempestivas para produzirem emoções ou prenderem a curiosidade; tem um desfecho natural que ás vezes fica suspensa, como que incompleta.

Theophilo Braga, fazendo uma apreciação de Balzac e suas obras, disse que o « *Père Goriot* é na sociedade moderna o mesmo que o *Rei Lear* entre a vida selvagem retratada nas lendas da idade media, e que a sua lei sentimental é identica a de Shakespeare com a differença de que em Balzac em vez das rubricas passageiras do drama, tem a parte descriptiva, donde deduz quasi sempre o caracter que desenha. »

Onde o seu genio se encontra mais de perto com o creador de *Hamlet* é no estudo da paixão mais violenta do coração humano: — o ciume. Na *Cuisine Bête* por exemplo.

As maiores qualidades de Balzac são a possan-

ça e a saude do corpo, indispensaveis para supportar condignamente o trabalho titanico da composição artistica de suas obras.

A extraordinaria grandesa do plano de classificação zoologico-social, opposto como introducção á sua *Comedia humana* foi, pela sua complexidade e extemporaneidade, a causa dos defeitos que muito judiciosamente lhe notou o critico Sainte-Beuve.

« Se houvesse um cataclysmo social, escreve ainda o Sr. Theophile Braga n'*As modernas idéas na litteratura portugueza* vol. 1° pag. 325 — semelhante ao que se deu no seculo V, quando as tribus germanicas assolaram a Europa occidental, apagando os esplendores da civilisação romana, si se eclipsasse a moderna civilisação, bastava essa estupenda epopéa burguesa intitulada *Comedia humana* para delatar ao futuro todos os nossos progressos na riquesa, no luxo, nos costumes domesticos na vida social e nas relações privadas, nas sciencias naturaes, nas paixões mais occultas e tenebrosas, nas grandes questões e interesses que agitam a alma humana na primeira metade do seculo XIX ».

E' exacto, só com a *Comedia humana*, sem auxilio mais nenhum, poderiamos reconstituir toda uma sociedade, com as suas paixões, com os seus

desvairamentos, com os seus vicios, com a sua sciencia e com a sua fé, como essa em que vegetamos.

* * *

Secundando-o na espinhosa tarefa, surgiu Gustavo Flaubert que depois de alguns trabalhos onde havia ainda muita cousa de romantismo, foi produzindo a *Tentation de Saint Antoine*, concepção violenta, quasi selvagen, onde os substantivos se atropellam confundidos com todas as especies de animaes bizarros, de bestasa pocalypticas capazes de desviar a sciencia dos mais firmes e seguros zoologos; a *Salammbô*, obra de paciente investigação sobre a historiade Carthago e sua civilisação, e finalmente, *Mme Bovary*, trabalho artistico de grande valor, que foi a victoria do seu temperamento irrequieto, nervoso e chimerico, a essa paixão requintada da arte subjectiva, da relatividade do ideal, a essa autopsia fria do organismo social.

Mme Bovary é uma pintura minuciosamente exacta da realidade; vê-se que o romancista conheceu a sua heroina. Todos aquelles typos de pequena provincia são observados mui finamente e denotam paciencia e sagacidade psychologica. Deste livro se poderia formar a poetica do naturalis-

mo, tal como a comprehendeu Flaubert, pois que a penna em suas mãos era como um pincel destinado a reproduzir todas as combinações plasticas da vida e todos sentimentos estheticos da humanidade.

*
* *

Henry Beyle, mais conhecido pelo pseudonymo de Stendahl, se bem que pela ordem chronologica devesse vir em primeiro lugar, mas que eu ponho em terceiro attenta a relatividade do renome litterario, foi o mais extraordinario psychologo que jámais tem apparecido nas lettras francezas.

O *Rouge et noir*, as *Memoires d'un touriste*, a *Chartreuse de Parme* etc., são verdadeiros monumentos psycho-sociologicos, onde a emoção grita e em que a alma se retrata com a fidelidade espantosa das phototypias.

No estudo que lhe dedica nos *Portraits littéraires*, Sainte-Beuve assim se exprime : — « Imaginai um hussard, um ulhano, um corpo de cavallaria avançada, que muitas vezes vai insultar o inimigo até na sua propria trincheira, mas que tambem nas suas fugas e evasivas atraiçôa e aguilhôa a columna que marchava, ás vezes muito lentamente, muito paulatinamente a força de accele-

rar o passo : — ç'a eté la manœuvre et le rôle de Beyle; un hussard romantique enveloppé sous le nom de Stendahl, je ne sais quel manteau scandinave, narguant le solennel et le sentimental, brillant, aventureux, taquin, assez solide à la riposte excellent á l'escarmouche. »

A sua philosophia era a dos sentimentos e a das paixões arrebatadoras, e o seu processo litterario o estudo psychico das organisações febris « essa trombeta de horrendas maldições » de que fala Shakespeare.

No *Rouge et noir*, o proprio Stendahl commentendo as ultimas reflexões de Julien Sorel, exprime-se da forma seguintes : « Esta philosophia era talvez verdadeira, mas tambem de naturesa a fazer desejar-se a morte ».

Nestas simplissimas palavras Stendahl difiniu admiravelmente todo o pessimismo contemporaneo, sem pensar jamais que elle seria o *cachet* das gerações litterarias que o deviam secundar no seu processo psychico analytico.

III

M. Guyau em seu livro posthumo *l'Art au point de vue sociologique*, pag. 143 — diz que o naturalismo já se havia definido por si mesmo como « a sciencia applicada á litteratura », pois que elle tem os mesmos fins e os mesmos methodos da sciencia, isto é, o mesmo methodo experimental, que, alem da observação, comprehende a experimentação, e o mesmo fim, isto é, a verdade, tão exclusivamente a verdade. Infelizmente elle não accrescenta que toda e qualquer verdade.

O romancista naturalista, pois, deve ser, antes de tudo, um observador, antes de escrever elle deve faser o que Taine aconselha, amontoar uma quantidade de notas, de pequenos factos, documentos sobre documentos. Entretando, isso não me parece ser bastante, elle deve submetter o seu proprio trabalho á retorta da experimentação.

O observador dá, os factos tal qual os vio, põe o ponto de partida, estabelece o terreno solido em que marcharão os personagens, desenvolve os

phenomenos com as suas leis e institue a experiencia, isto é, faz girar em torno do seu trabalho a psychologia palpitante dos seus personagens, afim de mostrar-lhe que a successão dos factos será n'esse ponto tal como exige o determinismo dos phenomenos existentes em seu estudo.

« Sob este ponto de vista, diz o sr. Araripe Junior — *Naturalismo e pessimismo* — não resta duvida que, o estylo moderno, o estylo dos fortes, como o producto legitimo da evolução e feitura organica, não tolera nem as vacillações do pessimismo, nem as obscenidades de uma arte que não conhece o seu verdadeiro caminho. »

E no entretanto, é justamente o contrario o que vemos no estylo dos grandes escriptores modernos, desses que são considerados pela mocidade lettrada como os supremos chefes de uma litteratura a que chamam de realista, e que embora represente o mal doloroso da epocha, é todavia falsa e pouco humana.

O romance naturalista propriamente, dito é um producto do determinismo litterario. « Nelle os personnagens, observa o sr. F. Brunetière no *Le roman naturaliste*, pag. 256 — não são encarcerados como outr'ora no circulo estreito da familia, estão em communicação perpetua com os prejuizos, isto é, com a sociedade e com a lei. » E mais

adiante : — « o que não se lhe póde negar é que, tirando-se della a substancia mesma do romance, estas theses introduziram-se-lhe como um mundo inteiro de personnagens que ainda não se tinham visto figurar. »

A eschola naturalista, portanto, vem a ser essa que tudo esmiuça, que tudo investiga, que tudo analysa que tudo decompõe com a flagrancia innocente com que foi apprehendida.

As grandes explosões de temperamento, o amor estudado em todas as suas ramificações psychicas, o odio, a virtude, a luxuria, todas as psychoses e todas as nevropathias são phenomenos de psychopathologia e não podem entrar, portanto, na eschola *soit disant* naturalista e sim nessa outra que, embora de moldes experimentalistas, tem por fim o estudo personalisado das hypertrophias, spino-cerebraes, das grandes nevroses. Della nos occuparemos no capitulo referente ao *psychologismo* e *sociologismo*.

A par do naturalismo roseo das descripções das avenidas, das paizagens, do ruido nervoso das cidades, dos grandes theatros, da vida popular, etc., apparece-nos tambem o da miseria, o do lado ruim, infecto, pôdre e visguento da sociedade. E' o naturalismo realista, o naturalismo pessimista. Tudo o que existiu não presta, é ruim

o que existe e não prestará de certo o que tem de existir. E' no fundo a excentrica theoria buddhista do Nirvana, tratada com o carinho galante da arte. Schopenhauer adornado de lentejoulas e pichisbeques faiscantes.

O distincto escriptor tudesco Max Nordau no seu romance denominado *A molestia do seculo*, desenvolve com grande talento de observação essa theoria philosophica de desanimo terrivel, vinda da India, e a que têm succumbido milhares de intelligencias juvenis.

De resto, todas estas cousas têm a sua explicação, e para autorisal-a com uma opinião de todo irrecusavel, lembrarei que o phenomeno em questão não passa do que Herbert Spencer nos seus *Premiers principes* chama « um estado de consciencia em via de formação », estado um tanto diffuso, incapaz, portanto, de offerecer base ao nissus esthetico e à apprehensão dos elementos necessarios para a sua definitiva expressão.

Que é, finalmente, toda a litteratura moderna, na poesia, no romance, nos estudos psychologiços, senão o grito sobreagudo da alma do seculo, sentindo-se afundar no universal e periclitoso naufragio de todas as crenças, de todas as idéas, de todos os sentimentos? A sociedade vive e prospéra comtanto que a resultante das numerosas

forças de crenças componentes da opinião publica se dirija approximadamente para a grande e luminosa região da verdade pratica, da verdade experimentada.

« Um pouco de reflexão, affirma-nos J. Sully, no seu livro — *Le pessimisme*, pag. 45 — mostra com effeito que as tendencias do optimismo e do pessimismo estão por demais enraisadas na necessidade da vida social », de accordo com a educação intellectual e com a organisação psychica de cada um, accrescento.

Entretanto, como bem pondera o sr. Ramalho Ortigão = *Hist. de um anno* in *Gazeta de Noticias* — todo o artista de hoje é mais ou menos temerario investigador do universo, regressando da sciencia, como Dante do *Inferno*, pallido da commoção do tragico desengano.

A desolação intima e profunda que constitue o cunho caracteristico dos romances desses escriptores, de todos os que nos commovem e nos interessam, porque dentre todos sãó elles os que mais realmente nos offerecem a imagem de nossos proprios estados nervosos, o seu apparente pessimismo, a vaga sombra de mysanthropia que envolve o seu processo de analyse e de invocação creativa, não são como alguns cuidam, casos esporadicos do mal extravagante a que podemos

chamar a doença de Schopenhauer. São simplesmente documentos artisticos da enfermidade geral do seculo. Na falta de *causas eternas*, os artistas famintos de absoluto investigam os effeitos immutaveis no que fica do homem, quando nelle se extingue a visão do infinito a saber: — a miseria das paixões, tendo por movel a fatalidade dos temperamentos.

Tal é a base de toda a esthetica do naturalismo, no romance e no drama contemporaneo.

O naturalismo experimentalista suppõe, por conseguinte, um estado de espirito onde se é sobretudo preso e impressionado pelo lado verdadeiro das cousas Immiscue-se em todas as suas formas e em todos os seus meios. O naturalismo pessimista preoccupa-se exclusivamente com as agonias e os estertores das almas angustiadas e com os soffrimentos dolorosos da sociedade.

O romance experimental dá-se como uma consequencia da evolução scientifica do seculo, visto que elle continua e completa a physiologia que por si mesma se apoia na chimica e na physica. Elle substitue ao estudo do *homem abstracto*, do *homem metaphysico*, o estudo do *homem natural*.

« Submettido, observa Emile Zola no *Le roman experimental*, pag. 22 —, ás leis physico-chimicas e determinado pelas influencias do meio, elle

é, em uma palavra, a litteratura da nossa idade scientifica, como a litteratura classica e romantica correspondeu a uma idade de escholastica e de heologia .... E o proprio Claude Bernard a cada passo repete esta theoria nas paginas da sua *Introducção*. Como elle proprio declara, toda a philosophia natural resume-se nisto : — prever e dirigir os phenomenos. »

Não obstante, a evolução litterario-scientifica tem nestes ultimos tempos progredido de um modo espantoso, extraordinario, graças á circumstancia de que no actual estado da sciencia e do experimentalismo, os apparelhos psychometricos dos anthropologistas deixaram de ser uma phantasia para serem uma necessidade imprescindivel a todos os psychologos e physiologistas. « Em todo o caso, obtempera o sr. Araripe Junior — *Naturalismo* e *pessimismo*.. — é irrecusavel a relação que existe entre os factos physico-chimicos e a successão de certos estados physicos, provocados pelas disposições das diversas partes de uma obra de arte. »

Eis ahi, pois, a lucta das escholas scientifico-litterarias, degladiando-se cada qual pela victoria da supremacia, lançando mão cada uma dos meios mais exoticos e mais originaes de uma arte decadente, nevropatha, desiquilibrada.

O proprio sr. Emile Zola, o arauto do experimentalismo artistico, vê-se embaraçado para definir o romance naturalista. « Se eu tivesse de definir o romançe experimental — exclama elle no *Le roman experimental,* pag. 52 — não diria com Claude Bernard que uma obra litteraria está toda inteira no sentimento pessoal porque para mim o sentimento pessoal não é mais do que o impulso primeiro... O romancista experimentalista é pois o que acceita os factos provados, que mostra no homem e na sociedade o mechanismo dos phenomenos de que a sciencia é a mestra, e que não intervem com o seu sentimento senão nos phenomenos cujo determinismo ainda não se fixou. »

IV

Foi com todas essas theorias aprendidas em H. Taine quanto ao *meio*, e em Claude Bernard quanto ao processo experimentalista, que E. Zola affrontou a burguezia litteraria da França, publicando *Theréze Raquin*, *Madeleine Ferat*, *La confession de Claude*, etc., trabalhos cheios de observação e de estylo, bello prologo dessa projectada epopéa dos *Rougon Macquart*, que elle teve a felicidade suprema de levar á conclusão. Zola entrou na arena, forte para a lucta que parecia renhida, mas que elle soube vencer com os seus pulsos de bronze florentino e o seu torax de romano gladiador.

O *Assomoir*, livro extraordinario onde a debatida these da influencia pathologica do alcool sobre o organismo humano chegou á sua mais elevada altura personalisada em Coupeau, onde a vida operaria de Paris apparece no deslumbramento estonteante da sua nudez cadaverica, e onde o estylo masculo do grande escriptor fascina pela minucio-

sa descripção das mais comezinhas cousas, foi o seu livro de luctas, o seu livro de victoria. N'elle se podia estudar a diagnose e a prognose pathologica do delirium tremens.

Lombroso nota que a apparencia de certos actos bons nos criminosos é o effeito de illusões e allucinações produzidas pela acção exclusiva do alcool.

O celebre psychiatra italiano lembra os casos de Felippe e de Lucke que depois de consummados os seus horripilantes crimes viam as sombras de suas victimas. Tambem o Coupeau, do *Assomoir*, foi accommettido de allucinações e illusões identicas, em consequencia do alcoolismo.

Foi este livro que decidiu do brilhante futuro litterario de Emile Zola. Cento e tantas edições appareceram rapidamente, percorrendo o mundo com a acceleração vertiginosa, electrica, febril de uma celebridade espantosa que o seu nome então grangeára. E' que o *Assomoir* era mais que uma obra litteraria, era um livro de reacção contra o hysterico romantismo, que pelo seu sentimentalismo piégas e pelas suas imaginarias concepções e palavrosa rhetorica, já se estava tornando ridiculo.

No *Assomoir* Zola transformou a imaginação em observação documentada, abandonando inteiramente a phantasia pelo que elle chama « documen-

to humano », visto que para elle a arte não é nada mais, nada menos do que « um canto da naturesa sorprehendido atravez de um temperamento. »

Na *Page d'amour*, um dos seus mais mimosos trabalhos, onde ha creações inolvidaveis, descripções estupendas, observações geniaes, o typo de Jeanne, filha de Helene, é uma das observações psychicas mais completas e satisfactorias para a moderna sciencia nevrologica, no consoante á hystheria e ás hypnoses.

O *Germinal* é, a meu ver, o seu livro mais robusto. O assumpto casava-se com o seu temperamento, e a nudez e as grosserias dos seus personagens nascem, por assim dizer, do fundo mesmo do romance, e dão-lhe uma grande parte de sua força e de sua homogeneidade.

Zola, querendo occupar-se da politica dos operarios, creou esse Estevão Lantier, vindo de Paris com a cabeça cheia de idéas socialistas, perdido em Montsou durante uma noite fria e calliginosa, e encontrando-se com Maheu que o introduz na mina de carvão do Voreux. Elle percorre-a toda, acompanhado pela extraordinaria figura sexagenaria de Bonnemort, a personificação da dôr e da miseria, sentindo percorrer em todo o seu corpo um arrepio de horror e de medo, ao ouvir o ulu-

lar agudo e perfurante do *grisou* que soprava nas entranhas da mina.

De volta, assenta-se do lado de fóra, em Requilart, e observa o fervilhar da immundicie que entra e sae da fauce immensa do Voreux. Cria a *Internacional*, sociedade dos mineiros, e a sua idéa revolucionaria vai ganhando caminho, tomando proporções assustadoras, até que se realisa finalmente, nessa terrivel e formidavel gréve que Zola nos descreve no seu estylo allucinante e enthusiastico de gaulez.

A « impulsação irrisistente » para o crime, de que falam Garofalo e Ferri, occasionada pela « lesão ancestral do alcoolismo » a que Ziino se refere na sua *Fisio-patologia del delitto*, E. Zola nos apresenta nesse mesmo Lantier, com tendencia febril para o assassinato, infeliz herdeiro pathologico uma familia de desgraçados, de quem o autor do *Padre Mouret* estudou os antecedentes vesanicos, directos e atavicos.

O *Germinal* é a biblia do socialismo contemporaneo, a epopéa do trabalho, como o *Inferno* de Dante é a epopéa da dôr.

A *Œuvre* é um bellissimo estudo de allucinação artistica, personalisada em Claude Lantier, outra victima atavica dos Rougon-Maquart, e que não é outro senão esse extraordinario colorista que se

chamou Horace Vernet, esse genio doloroso de um grande pintor desiquilibrado. Neste livro o grande colorista do *Bonheur des dames* forneceu á psycho-pathologia um caso digno de acurado estudo.

O professor Maudsley nota com rasão, que o suicidio é a inevitavel e natural terminação das tristezas doentias e das allucinações artisticas pronundamente morbidas. E' a expressão final de uma serie de antecedentes que todos preparam; um acontecimento tão seguro e tão fatal como a morte de uma flôr roida na coróla por um insecto. « O suicidio ou a loucura, eis o fim natural de uma naturesa dotada de uma sensibilidade morbida, e cuja fraca vontade é incapaz de luctar com as duras provas da vida. » *Le crime et la folie*, pag. 258.

E foi isso mesmo que Zola quiz demonstrar na *Œuvre*, apresentando-nos esse superextesico artista, obsedado, embriagado e enervado pela sua propria concepção, victima da loucura « artistico-espiritual » de que nos fala ainda o mesmo Maudsley na *Pathologie de l'esprit*.

Nana é a desforra violenta, a rapariga crescida sobre a torpeza social dos arrabaldes parizienses, « a mosca de ouro voada das podridões debaixo, que se tolera e se occulta, levando na vibração de

suas azas o germen de destruição, excitando e apodrecendo a aristocracia, envenenando os homens só com o pousar sobre elles, no fundo dos palacios em que entrava pelas janellas, toda uma obra inconsciente de ruina e morte", na phrase brilhante do proprio Emile Zola.

Ha neste livro descripções verdadeiramente assombrosas, como a dos grandes *boulevards* parisienses, verdadeiras arterias, semelhando um vasto rio recebendo diversos affluentes, onde as ultimas construcções se perdem quasi completamente no horisonte longiquo. Como que a gente sente e vê andar por elles uma onda compacta, tumultosa, composta de estrangeiros ociosos, de operarios, de agentes, emfim desta grande multidão que formiga em todas as direcções e que se acotovella, em quanto os omnibus, os bonds e os carros de toda a especie augmentam a confusão, chegando a produzir vertigens ao viajante pouco afeito ao ruido das grandes cidades.

O *Ventre de Paris*, como seu nome o indica, é a psychologia palpitante da pequena vida commercial de Paris, a apologia da fome e da abastança, a eterna lucta dos gordos e dos magros. Ha alli descripções arrebatadoras, sente-se o cheiro dos chouriços nos açougues, e todo aquelle carname das *halles* produz-nos um mal estar no estomago,

como se o vissemos, como se o palpassemos. E' que o seu estylo tem a força prodigiosa das illusões scenographicas.

A *Curée*, a *Joie de Vivre* e tantos outros são uma sólida argamassa do grande edificio dos Rougon Macquart que elle foi construindo com a pertinacia herculea de uma grande força de vontade, vencendo todos os obices e desiderata que se lhe antolharam desde o começo.

A *Têrre* é o estudo completo da vida aldeã da França.

Livro inxundioso de concepção artistico-scientifico, onde a natureza do húmus fermenta, tem febre e allucinação como puérpera de um grande féto que lhe escouceia os flancos : — o homem, a *Têrre* é um trabalho notavel e ha de ser lido sempre com enthusiasmo.

O *Rêve* é a phantasia brilhante, o estudo primoroso de um realismo ideal, o colibri feito de luz, com as cambiantes polychromas do arco-iris, fluctuando nas azas luminosas do extase, sagrando tudo por onde quer que passe; a cathedral imaginaria de arrojadas flechas gothicas, abrindo no espaço a sua transparencia lactea de rendas marmoreas e de agulhas faiscantes, atravez das quaes passam todas as chammas do inferno e todos os raios melancholicos da luz crepuscular.

O *Argent* que descreve com animação e estylo colorido, a febre monetaria da Bolsa no segundo imperio francez, na vertigem allucinada pelas commoções febris das horas terriveis; como a *Bête humaine* que desenha a animalidade humanal em todos os seus periodos psychicos, desde a belfa túmida do sensualismo brutal, até o embriagamento enthusiastico de uma phantasia louca; como ainda a *Debacle* que fez surgir a tona do criticismo historico contemporaneo, todo um mundo de controversias, de polemicas rubras e de insultos virulentos, quanto á descripção desse Bonaparte poltrão, ambicioso, ostentando, ante a miseria dos seus soldados, o luxo nababesco dos reis orientaes, e quanto á pessima orientação e direcção dos generaes que dirigiam o exercito francez de então, são trabalhos magistraes e por conseguinte eternamente duradouros.

Finalmente o *Dr. Pascal*, a cupula do seu immenso edificio, a synthese retrospectiva dos seus vinte volumes, é a lucta da sciencia contra a fatalidade. Ao Dr. Pascal, que pertence á essa familia de antecedentes morbidos dos Rougon, incommoda superexcita extraordinariamente a theoria da hereditariedade pathologica. A idéa de que a lucta, o principio da adaptação e da herança, a selecção natural é uma verdade provada, e a convicção sin-

céra de que elle ou os seus descendentes hão de comparticipar das nevropathias dos seus antepassados, o traz n'uma angustiosa desesperação.

O Dr. Pascal, especie de Fausto solitario, muito semelhante a esses experimentalistas que conhecemos pelos nomes de Pasteur, Claude Bernard, Brown Secquard etc., segregado do mundo em favor da sciencia que lhe absorve toda a vitalidade, tem uma sobrinha, bella rapariga de carnação fresca e exhuberante, respirando a alegria da vida a quem elle educa, ensinando-lhe novos processos de coloração de flôres, que ella exagera n'uma visão exasperada de côres vivas e impressionaveis, com desenhos imaginarios, com empastamentos violentos, phantasticos, brotados de um sonho irriante de poetisa mystica.

A educação de seu espirito forma-se n'uma atmosphera de carolismo e de atheismo, n'um conflicto desolador entre a fé e a sciencia.

Uma occasião Pascal, depois de muito procural-a, encontra-a na área de sua casa, deitada de ventre para cima, na mudez contemplativa de um extase religioso, na quietitude plácida de um deliquio fakiriano; e ahi elles travam uma longa discussão sobre os problemas insondaveis da natureza e da impotencia scientifica a respeito dos destinos humanos.

Elle prepara-a para casar-se com um seu discipulo e emprega toda a sua actividade á resolução desse desideratum. Ella fraca, subjugada pelo mysticimo religioso que lhe inoculára uma velha criada de seu tio, tenta a principio a conversão do sabio ao catholicismo, no que é repellida, e por sua vez repelle o enlace a que já havia dado o seu consentimento, convertendo-se á sciencia do mestre, e entregando-se-lhe depois toda inteira, n'uma explosão de amor, n'um duetto interminavel de beijos e caricias, reavivando assim um desejo morto nelle e rehabilitando o seu nome potente de homem.

O *Dr. Pascal* é finalmente a synthese da sciencia moderna, a coordenação systhematica dos seus vinte volumes.

A questão social, o capitalismo, a prostituição, o alto e o baixo commercio, a agricultura, a propriedade, todos os arduissimos problemas que agitam a alma humana num descabellamento de allucinação e de loucura, todos os phenomenos importantes de hereditariedade e de heterogenia; o condicionalismo do meio, as lesões organicas, as vesanias e allucinações, a explicação physiologica dos actos da vontade como reacção sobre o maior motivo, encerrando a luz das determinações humanas; todas as theorias philosophicas e scien-

tificas, tudo E. Zola discutio nesses vintes gigantescos e phantasticos volumes, em que estudou a genealogia completa da familia dos *Rougon Macquart* durante o segundo imperio francez.

Em toda a sua obra, porém, apesar do pessimismo terrivel com que concebe os seus personagens, num avantesma demoniaco de tortura intima, existe um fundo de verdade humana, de consolação futura: — essa esperança que nunca chega mas que se idealisa proxima, e se aguarda resignadamente como a um basalmo reconfortante, como a uma escandencia de labareda benigna, como ao soar plangente e consolador de um *angelus*. E foi nisso, a meu ver, que Zola mostrou conhecer assombrosamente o interior do homem que se diz sceptico, descrente da propria existencia, blasphemando contra as leis immutaveis da natureza, mas sentindo entretanto, *quelque chose au dedans*, um quer que seja de vacuo no organismo que o superexcita e faz nascer-lhe no peito a esperança azulea de um futuro melhor (1).

(1) Depois da publicação deste ligeiro estudo, E. Zola publicou as suas tres cidades, *Roma*, *Lourdes* e *Pariz*, e iniciou a publicação dos seus quatro evangelhos de que já publicou *Fecundidade* e *Trabalho*, todos elles com o mesmo sopro épico de seus estupendos romances sociaes.

V

Depois de Emile Zola o naturalismo tem tomado um impulso grandioso, invejavel. Os sñrs Edmond e Jules de Goncourts, estes irmãos syamezes da belletristica franceza, por exemplo, são incontestavelmente dous enormes representantes dessa eschola.

A *Manette Salomon*, os *Fréres Zengano*, a *Germinie Lacerteux* e outros, são livros estupendos de novidades estylisticas e facundiosos de observação em *petits croquis*. A sua eschola, se bem que seja a mesma de Zola no tocante ás observações e experimentalismo, tem comtudo, uma visão esthetica mais aperfeiçoada do que a do autor do *Pot-Bouille*, e um processo psychologico mais doloroso, mais febricitante, mais pessimista e mais transcedente do que todas as philosophias schopenhauristas.

Theodore de Banville definiu perfeitamente o caracter dessa fraternal collaboração que fez o assombro de Pariz, e a que se devem algumas obras notaveis onde, depois de unificadas, não se podia descobrir mais os abalos que uma vista

exercitada encontra na maior parte desses conubios litterarios.

« Almas tão estreitamente unidas, diz Banville, e entrelaçadas parece qué, por assim dizer, misturaram os seus sopros. Elles têm a imaginação firme, a força creadora e o valor de dois escriptores, de dois grandes e extraordinarios escriptores... Mas elles são, elles querem ser um unico, estão habituados desde que existem pelo mais adoravel sacrificio que um ser possa fazer a outro, a vêr, a observar, a admirar, a imaginar conjunctamente, a achar juntos, ás vezes ao mesmo tempo (maravilhoso prodigio de affeição!), a palavra que pintam, a phrase rythmada, as harmonias e os gritos de dores e, emfim, estas repentinas scintillações de luz e de vida que são o que o orador, o poeta e o homem têm de mais individual ».

Ainda não houve occasião que eu os lesse sem sentir a cabeça atordoada por uma qualquer cousa de novo, de bello, de extasiante, de enthusiastico que descubro sempre em seus livros admiraveis, que não sentisse sacudirem-se-me todos os nervos, n'uma vibratilidade electrisante de embriaguez artistica.

Do fundo sombrio, tenebroso, espesso, pezado como o tedio, triste como a mendicidade, dos seus livros admiraveis, a acção destaca-se luminosa-

mente, vibrantemente, e penetra-nos com a nitidez poderosa dos espectaculos vivos de uma tragedia de sangue.

Jamais em livro algum o estylo foi tão rico, a phrase tão hilariante, a lingua tão plastica, e tão embellecada a imagem d'uma cinzeladura vaporosa, como nos desses xyphópagos intellectuaes.

Os seus talentos ávidos de novidades, rebuscando effeitos os mais excentricos e' exoticos, e querendo ferir por uma originalidade archidoida, estrangulam a voz dos sentimentos naturaes, turvam a grande veia limpida da inspiração, e immiscuem-se pela vereda fria, enervante e anfractuosa da analyse anatomica, da analyse psychologica.

E' a propria vida humana com toda a sua trivialidade real que nessas paginas sublimes perpassa aos nossos olhos, como aquellas florestas phantasticas que Shakespeare poz no sonho delirante de Macbeth.

No entretanto todos os seus livros são filhos exclusivos de uma psychose degenerativa, dessa nevrosidade cerebral que já fulminou um d'elles, separando-lhes a collaboração.

Eis como se exprime Edmond de Goncourt no seu extraordinario *Journal* a respeito desse lamentavel desastre:

« Na minha opinião, meu irmão morreu de trabalho, e sobretudo du elaboração da forma, da cinzelagem da phrase, do trabalho do estylo. Vejo-o ainda retomando trechos escriptos por nós ambos, que ao principio nos tinham satisfeito totalmente, e elaboral-os aperfeiçoando-os durante horas e meios dias com uma pertinacia que era quasi colera.

« Notem ainda que toda a nossa obra, e é essa talvez a sua originalidade, originalidade duramente paga, deriva da doença nervosa; porque estas photographias da doença, colhemol-as em nós mesmos, e que á força de nos analysarmos, de nos estudarmos, de nos dissecarmos, chegamos a uma sensibilidade super-aguda, que os infinitamente pequenos da vida lesavam. Digo « nós », — porque, quando escrevemos *Charles Demailly*, eu estava mais doente do que elle. »

*
* *

Alfonse Daudet, tambem um dos coripheus do naturalismo, só differe do mestre no modo de conceber a arte.

O estylo de Zola é, como elle mesmo declara, mais geometrico, o de Daudet mais agil, mais espontaneo e tambem mais ornado, que é, en-

retanto, o defeito que Zola acha no seu. Ot sñr Edmondo de Amicis nos seus *Ritratti letterari*, pag. 196, no capitulo referente ao autor da *Port Tarrascon* diz que « ha paginas do *Nabab* e dos *Rois en exil* que offerecem a imagem de ramalhetes de flores ou de jarros orientaes cheios de agua crystalina onde se esbate o sol, ou d'aquelles estofos chineses tão cheios de arabescos de ouro, que quasi se lhes não pode vêr a côr do tecido, e grandes periodos ondulados e sonoros, as vezes precipitados, que perturbam a quem lê e parecem sahidos de um orador no momento mais enthusiastico do improviso. »

O naturalismo de Daudet não tem a côr negra do de Zola, os seus trabalhos só vêem as cambiantes azuladas e sympathicas da naturesa. *Tartarih sur les Alpes*, por exemplo, é um livro innocente, mais um tanto mordaz na ironia gaulesa, fina e sarcastica que nos encanta e arrebata.

Sob o ponto de vista da fidelidade de reproducção, os livros de Daudet são o descspero do romancista e o cliché bem acabado da sociedade francesa, cujos habitantes, de caracteres heterogeneos ora agrupam-se aqui, ora somem-se para alêm das torrentes de sombra, estrillantes, esfervilhando numa onda densa de sol, como as apotheó ses theatraes.

Nunca o escapello do anatomista, nunca o microscopio do observador paciente foi mais longe na descoberta dos infinitamente pequenos, do que no *Nabab* do grande physiologista moral da França contemporanea. A illusão é completa. O Pariz dos dioramas não seria capaz de nos exhibir scenas e espectaculos mais flagrantes de exactidão, desta exactidão em que se sente quasi o roçagar das folhas e o respirar dos labios. A penna de Daudet é um raio de sol que estampa com uma fidelidade completa tudo o que cahe debaixo do seu angulo de incidencia.

O *Immortel*, *Jack*, *Sapho* e tantos outros são verdadeiras obras primas da litteratura naturalista franceza. Cheios de observação, clareza e fidelidade nas descripções, escriptos com grande arte e num estylo primoroso, elegante e fino, estes livros pertencem ao numero dos que « hão de ficar », na phrase feliz de Jules Lemaître.

O *Obstacle*, drama burilado com a paciencia e o gosto artistico de um ourives da Renascença, bem como *Souvenir d'un homme de lettres*, são verdadeiros pábulos succulentos, vivificantes, dôces e puros que o artifice do livro e o obreiro da educação artistico-litteraria ministra ao publico estudioso de dez partes do mundo, adubando-os com uma fórma fulminante, sublime, unica.

Sob o imperio da acuidade pictural que põe em movimento todos os seus livros, a phrase solta-se aligera, e vae percorrendo pagina a pagina, numa cadencia ruflante e rythmica, torcendo e lapidando exames luminosos de vocabulos solertes, turbilhonantes, exoticos; num *crescendo* gradativo de colorações extranhas, inconscientes, como essas que lobrigam olhos dubios de louco, com as iris amarellecidas numa sclerotica vermelha de sangue vivo.

* * *

O desventurado Guy de Maupassant, pertence tambem a essa phalange gloriosa das modernas idéas nas lettras francesas. O autor de *Pierre et Jean* (uma das obras primas da litteratura francesa no seculo desenove), *Sur l'eau, Fort comme la mort* etc., é o mais irreprehensivel cultor da forma dentre os litteratos que hão apparecido na contemporanea geração estylistica da França litteraria, e sobre-leva os seus illustres confrades na maneira facil attrahente e leve de descrever os objectos, as sensações, os desvarios e as physionomias de seus personagens.

Quando escrevia, elle procurava no ideal a nota do seu sentimento, rebolcando-se no azul ethereo

e na luz tropical, em um estylo doido de côres estupefacientes, de tintas vividas, de colorações expectantes, na sua proverbial gymnastica de phrases e de vocabulos, n'uns tons orgiaticos de imaginação inominada.

Se o individuo é, como obtempera Sergio na *L'éducazione del carattere*, pag. 49, « o centro de uma esphera, composta de espheras concentricas das quaes a mais externa e universal é o ambiente physico e o *meio* moral », ninguem como Maupassant servirá de exemplo á definição do escriptor italiano, pois ninguem como elle se enfluenciou tanto do mal doloroso deste terrivel fim de seculo, que o victimou desastrosamente.

Todo o requinte da forma na escripta, todo o candôr deslumbrante do estylo, todos os requintes e refinamentos philosophico-pessimistas que atormentam o seculo, ressumbram em seus livros que foram feitos de dores e agonias, no maelstron lethal de uma duvida terrivel.

A sua extraordinaria obra, producto de um delirio febril de allucinado sublime, traz-me sempre a lembrança aquella explendida concepção sahida do lapis diabolico de Gavarny, nas *Toquades* : — a Loucura, segurando com ambas as mãos um craneo, por cujas fendas sahem myriades de borboletas iriantes.

*
* *

A' Russia deve caber tambem um quinhão dessa innovação litteraria do experimentalismo artistico. Nicoláu Gogol, Tcherniaswsky, Griboideff, Pisensky, Lormontoff e outros, não são em nada inferiores aos seus confrades francezes.

Leon Tolstoi, um dos mais extraordinarios escriptores da litteratura moscovita é, com Dostoïevsky, a sua culminancia litteraria. Em seus trabalhos, extremamente notaveis, encontra-se um espirito de observação estranha, um sabor local exquisito, o encanto e o imprevisto do detalhe, que é muitas vezes maravilhoso, mas que pecca tambem pelo desfecho que se perde como n'uma especie de nevoeiro confuso. Sua obra prima, que é por seu turno, uma das obras primas da litteratura russa é a *Guerra e a paz*, onde elle esboçou os retratos os mais fielmente acabados das lettras slavas.

Não sei explicar qual a influencia, a attracção que sobre mim exerce o extraordinario autor de *Anna Karénine*, que qualquer uma de suas obras me traz sempre á lembrança, inconscientemente, essa aurora boreal das terras polares, illuminando impassivel dia e noite, com a sua luz phantastica, o épico espectaculo da vida e da morte, tal é o seu grande poder de evocação.

Os seus romances estão cheios de paradoxos como a *Sonata de Kreutzer*, e de verdades scientificas como a *Krotkaia*. O seu estylo, travesso e circumspecto ao mesmo tempo, tem ora a frialdade enervante e rígida das grandes steppes, ora as scintillações rubras dos paizes tropicaes.

Ultimamente a mania de imitação da sua maneira artistica tem sido de tal fórma exagerada que mereceu de Max Nordau (*Degenerescence, Le tolstoismo*) e de Pompeyo Gener (*Literaturas malsanas*), uma critica subtil, repassada de fina ironia. Se bem que sevéros de mais nos reparos apontados, todavia não deixam de ter razão estes dous illustres criticos.

* * *

Iwan Turghenief, escriptor mixto de nihilismo e romantismo, *meliorsista* na phrase acceitavel de George Elliot, foi o escriptor russo que mais trabalhou para tornar conhecida a vida intellectual de sua patria no centro litterario do mundo. Graças a seus esforços, é que conhecemos esses estupendos escriptores que fulguram na constellação da mentalidade moscovita como astros de primeira grandeza, luminosos e offuscantes, elevando-se como os deuses, no meio da nebulosa atrazada e ferrenha

dos litteratos cortezãos, e dos poetas palacianos de seu paiz.

O imigrado litterato e philosopho assistio as primeiras armas de Zola e as suas fortes e dolorosas luctas. Elle foi um dos que mais lhe applaudiram a tentativa, por muitos repudiada e acrimoniada de insultos, e um dos primeiros que introduziram na litteratura russa o gosto pelas lettras francezas, popularisando o musculoso athleta dos *Mes haines*.

Nenhum escriptor foi seguramente mais dominádo de sua obra, nenhum escreveu sob o golpe de commoções mais sinceras, nem seguio com mais solicitude, com mais lagrimas, talvez, o seu ideal. E' que Turghenief não manejava a penna por mero amor da arte, nem pelo prazer de saciar os seus instinctos poéticos. Compungido das desgraças autocraticas de sua patria, espantado dos symptomas da politica barbara que se revelavam no seio da Russia, soltou um grito de alarma, poz patentes os cancros occultos de uma sociedade apodrecida, e verberou duramente, impassivelmente os que affrontavam a luz fulgurante do sol.

Os seus livros são a dynamisação de um grande punhado de dores, possuem paginas de uma concepção e de uma tonalidade dolorosamente tragica, profundamente elegiaca, tectricamente solemne, que nos fica vibrando por muito tempo na

memoria como o echo funebre, tristonho e lugubre de um *dies iræ*.

* * *

Parece á primeira vista haver inteira similitude no processo empregado pelos russos e francezes na confecção dos romances experimentalistas. Não obstante existir muita, ha comtudo entre elles differença bastante capital. Os naturalistas francezes, com orientação experimentalista muito mais vantajosa, forjam os seus romances no methodo empregado pelos evolucionistas, tendo por escopo a fatalidade do determinismo. Os russos, deixando de lado as investigações physiologicas, intromettem-se pela velha theoria de Schelling, segundo a qual « o mundo ideal da arte e o mundo ideal dos objectos são productos de uma unica e mesma actividade, sem consciencia do mundo real mas com consciencia do mundo esthetico» *Système de idealisme transcedental*, pag. 349.

O orgão geral da philosophia e o desfecho da abobada de todo o edificio litterario da Russia é a philosophia da arte. Os russos são mais obsedados pela arte litteraria do que qualquer outro povo do Occidente.

« Verdadeiros artistas, escrupulosissimos buri-

ladores do vocabulo e da phrase, elles (os russos), procuram dar á aspereza do seu idioma a flexibilidade e sonoridade das linguas latinas », observa o celebre critico Ernest Dupuy em seu livro *Les grands maîtres de la littérature russe.*

Nos estudos psychologicos individualisados, elles sobrepujam os francezes em todos os pontos de vista. E' assim que a França, não obstante ser o empório de todos os grandes emprehendimentos da intelligencia humana, não possue um psychologo da força de Setchnoff e um philosopho criminalista da altura de Minsloff.

VI

A esthetica e em geral toda a arte é um esforço para reproduzir os sentimentos affectivos. Se bem que os artistas de hoje empreguem nas suas laminas a photographia ou a photogravura, visando a mais escrupulosa exactidão na reproducção da natureza, os escriptores dos seculos precedentes, que eram, entretanto, sabios e não artistas, não sonhavam senão exclusivamente com a phantasia e a imaginação. O gráo de realidade que contem uma obra de arte não tem importancia esthetica senão porque nos concede medir o poder de penetração, que era necessario, e a força de imaginação que permittiu a reproducção com um relevo e uma fidelidade que admiramos e enaltecemos.

A maneira de photographar a natureza das cousas, como a natureza das paixões, com a fidelidade escrupulosa de um crente, não deixando escapar os menores symptomas psychicos ou phy-

siologiolicos, produziu essa nova eschola litteraria a que deram o nome vago de *psychologismo*.

Graças a ella e ao *sociologismo*, isto é, ao estudo social em massa, ao estudo litterario individual, sob o ponto de vista do meio, da raça, do momento e do temperamento, cujo axioma se resume no problema que consiste em saber o que tal ou tal paixão, agitando em tal meio e em taes circumstancias, produzirá sob o ponto de vista do individuo e da sociedade. Graças a estas escholas, podemos nos tripudiar de jubilo por ver litterarisados os trabalhos dos physiologistas e psychologos modernos.

O processo verbal da experiencia que o romancista repete sob os olhos do publico, e a resolução dos problemas ethnographicos e sociaes são a base e o fundo mesmo do romance dito sociologico.

A theoria da arte moderna, irrecusavel no seu temperamento capital, debate-se todavia no campo das hypotheses, quanto ás questões accessorias em que se subdivide, emquanto as sciencias com quem mais immediatamente se corresponde, e especialmente a physiologia-psychologica, não attingirem a um gráo de desenvolvimento que permitta resolver as conjecturas pelo criterio positivo, ou pela fatalidade do determinismo.

*
* *

O maior representante do psychologismo litterario na Europa é, sem duvida alguma, o russo Dostoïevski que produziu verdadeiros tratados de psycho-pathologia criminal, e de analyse experimental das sensações e dos sentimentos, em trabalhos como as *Recordações da casa dos mortos,* o *Idiota,* o *Espirito subterraneo,* os *Irmãos Karanrasow* e outros muitos.

O *Crime e castigo,* notavel estudo psychologico de um homicida da mesma eschola dos nihilistas, é o livro mais extraordinario que existe em litteratura moderna, no que se refere ao estudo acurado, investigador e percuciente de todas as explosões da alma humana, desde o odio mais feroz, até o amor mais sublime.

Dostoïeivski tem muito de Kant quanto á percepção logica dos factos, e muito de Shakespeare quanto á analyse profunda e esmiuçante do desabrochamento das paixões. Todas as suas obras têm um cunho genial de epopéa, estão cheias de visões, de allucinações, de idéas fixas, de Macbeths e Lears dos nossos tempos; são *féeries* apavorantes de excentricidades psychologicas, expandindo num delirio allucinante ou n'uma orgia descabellada

de cupidez infernal, toda a escala chromatica das sensações humanas.

No *Crime* e *castigo* é que transparece em maior quantidade toda a sua pujança herculea de um grande philosopho de genio desiquilibrado. O heróe, triste heróe do livro, Raskolnikoff, é um estudante pobre, que se sente humilhado por estar sobrecarregado com a penosa obrigação de sustentar a sua velha mãe e uma irmã. Elle pauperrimo, tenta a principio resignar-se, mas o dinheiro falta-lhe de todo, e esse mesmo só lhe emprestava uma sórdida usuraria com juros fabulosos. Um dia, depois de premeditações febris, violentas, quasi selvagens, Raskolnikoff, em lucta com a sua educação, com os seus impulsos nobres, com a acção social do seu meio, fraqueja e assassina-a.

Condemnado, segue pare a Siberia e ahi o seu ser dissolve-se na essencia pura de um amor sincero, ideal e sublime de dedicação e reconhecimento pela filha de Marmeladoff.

A sua figura assume proporções assustadoras, phantasticas, hypnoticas, e as paginas das descripções dos seus desvarios e allucinações produzem-nos febres e arrepios aterradores.

Tudo isso é escripto n'um estylo pujante, arrebatador, com as côres mais rubras, com as tintas as mais fixas e impressionaveis e com as colorações

as mais exoticas, vibradas pela sua atormentada e pungunte sensibilidade de pessimista incuravel, roido até a medula por essa especie de morbus philosophico-indiano, mediador plastico entre a morte e a loucura.

O *Crime e castigo* não é somente uma das obras mais notaveis do romancista slavo, é tambem uma das suas obras mais substanciaes e mais scientificas.

Elle é, como bem pondera o distincto escriptor Melchior de Vogué no *Le roman russe*, « o mais poderoso estudo de psychologia criminal que se tem feito depois de Macbetch ». E o celebre criminalista francez Berard de Glajeux em seu ultimo livro *Les passions criminelles* pag. 49, fazendo a apologia do *Crime e castigo*, diz que Dostoïevski deveria intitulal-o Tratado de concepção criminal no cerebro humano », tal é a grandesa de suas observações psychicas.

O distincto escriptor russo é uma figura isolada nas letras européas, elle é como um oasis fertillissimo, cheio de uma agua crystalina e pura, que nos sacia a nós que, sahindo de Shakespeare, chegamos extenuadissimos e exhaustos, depois de termos, em vão, procurado mitigar a sede do nosso espirito por todo este extenso deserto empoeirado, suffocante, e por demais pedregoso da litteratura européa comtemporanea.

Até nos seus personagens secundarios Dostoïevski mostra a mesma paciencia de analyse, o mesmissimo poder de evocação, que assombra o mais impassivel soffredor, para quem os grandes golpes moraes são brinquedos de creança.

As *Recordações da casa dos mortos* podem, como bem pondera o illustre Clovis Bevilaqua em seu livro *Epochas e individualidades*, pag. 194 — figurar brilhantemente n'uma estante, ao lado da *Craniologie des assassins* de Ardouin e dos *Caracttere dei delinquenti* de Marro.

* * *

Paul Bourget, novel e já famoso analysta psychologo, tem por sua vez produzio trabalhos excellentes de critica, e romances explendidos de observação inter-individual, de investigações passionarias, num estylo tumultoso, excachoante, flexivel, meridional, que acompanha como um violino, todas as cambiantes, todos os arabescos e todas as silhuetas do seu espirito irrequiéto, numa adjectivação nervosa de poeta romantico.

O Cœur de femme é a dissecação, fibra por fibra, desse precioso musculo que tanto enaltece o sexo fragil. O interior do coração feminino pintado por Bourget semelha-se a um immenso bazar egypcio,

a um mostrador ideal, a um phalansterio de agonias, de amores, de sensações e desconsolos, em que se confundem num grande aperto, a noiva, a mãi, a esposa e a viuva.

O *Disciple*, as *Mensonges* (livro paradoxal mas brilhante), *André Cornelis*, *Térre promise*, bem como *Physiologie de l'amour moderne*, *Etudes et portraits*, *Psychologie contemporaine* etc., são trabalhos estupendos de concepção artistico-scientifica e de uma finissima percepção esthetica, mas todos algum tanto eivados desse terrivel buddhismo litterario, desse compadecido desolamento intellectual de fim do seculo. Nelles cabriolam, com verdadeira arte clownista, milhares de paradoxos que se entrechocam, que se unem, que se agrupam num *brouhaha* infernal, de phrases e conceitos, num *sabbat* feérico de extravagancias philosophicas, vibrando intensamente todos os dolorosos problemas que agitam a alma moderna, tocando subtilmente, vaporosamente nos mysteriosos arcanos de incoercivel amargura, deixando-nos transparecer a cada espaço, nesse documento extremamente pessoal, que constitue a grande e irresistivel seducção de toda a obra de arte destes ultimos tempos doentios, o seu proprio coração ulcerado, cruelmente desilludido, cercado de uma duvida terrivel.

Discipulo de Taine, Paul Bourget applicou cégamente em seus livros as theorias do mestre, onde ha um pouco do estoicismo pantheistico de Spinosa, do pessimismo de Schopenhauer, do nihilismo de Stendahl e do diletantismo de Renan. A bom tempo, porem, o filho intellectual do autor da *Philosophie de l'art* compenetrou-se da inexequibilidade da applicação da theoria da innacção ás observações artisticas, e rompeu contra o velho mestre abjurando completamente todas as suas theorias de naturalismo artistico e philosophico, no seu extraordinario e bellissimo livro *Cosmopolis*.

* * *

Seguindo-lhes os passos na celebridade, em Inglaterra, vemos a darwinista George Elliot, delineando com um talento verdadeiramente genial (em que pese ás considerações ultimamente feitas pelo professor Lombroso na *Revue des Revues* de 1°. de Agosto deste anno [1]), explendidas monographias psycho-physiologicas, atirando-as ao publico legente, com o modesto receio das individualidades ainda não estragadas pelos encomios, causando o assombro e o enthusiasmo nas rodas litterarias de Londres e Pariz.

(1) 1893.

« Eu não encontro uma fonte de perenne interesse, exclama ella, nessas representações ficis de uma monotona existencia domestica, que foi o quinhão de um grandioso numero de meus semelhantes, do que numa vida de opulencia ou de indigencia absoluta, de soffrimentos tragicos ou de acções esclarecidas... Eu não desejaria, mesmo se me fôra dado escolher, ser a habil romancista que pudesse crear um mundo de tal fórma superior ao em que nós vivemos, do que o que sou actualmente, isto é, uma investigadora sciente e consciente das hypnoses e das psycho-nevroses... Eu não aspiro senão representar fielmente os homens e as cousas que se reflectem no meu espirito, sinto-me firme para mostrar-vos este reflexo tal qual está em mim, com tanta sinceridade como se eu estivesse em alguma audiencia como testemunha, depondo sob juramento. »

Os seus trabalhos, verdadeiros documentos nevropathicos, escriptos com o carinho impeccavel da arte, com a calentura rigida do sangue britanico, têm as scintillações fulgurantes dos diamantes aos raios do sol. Ella é uma das escriptoras mais escrupulosas no consoante ao colorido descriptivo e á uberdade efflorescente de novidades sensacionaes e emocionaes.

*
* *

Immensa já se vae tornando esta phalange gloriosa do naturalismo experimentalista. Armand Sylvestre, Catulle Mendes, Hector Malot etc., na França; Emilia Pardo Bazan, a celebre romancista gallega a quem E. Zola chamou de George Sand da Hespanha, Palacio Valdéz, e mais alguns no reino de Aragão; G. Verga, Mathilde Serão e outros na Italia, Teixeira de Queiroz, Luiz de Magalhães, Eça de Queiroz, Abel Botelho, etc., em Portugal, e muitos outros têm interpretado o naturalismo a seu modo, mas todos com grandes talentos e extraordinaria habilidade artistica.

Resta-nos fallar de J. K. Huysmans, fiel ao summario por nós opposto no primeiro artigo deste ligeiro e defeituoso estudo.

Foi de uma grande sorpreza o apparecimento dos *Croquis parisiens*, do *A rebours*, do *Un dilemme*, de *l'art moderne* etc., no centro litterario de Paris. Julgava-se serem aquelles livros, trabalhos de escriptores já conhecidos do publico, e o nome que os encimava um simples pseudonymo. Todavia Huysmans fez-se apresentar aos coripheus do dia, aos directores intellectuaes da *Ville*, e immediatamente o seu nome teve a consagração do

mérito e o respeito que reclamava o seu grande, o seu admiravel e extraordinario talento. Desde então a sua figura tornou-se um ser unico nas lettras francezas, uma especie de divino somnambulo, crystalisando dôr a dôr, pagina a pagina, na sua propria alma, como num escrinio, a força de concentração, o grande ideal do amor absorvente, a grande lucta secular do espirito e da materia, no transcendentalismo doloroso de uma philosophia lympathica e doentia, preoccupada com as obsessões tenebrosas das suas incertezas.

Seus romances têm, todos entre si, debaixo de uma apparente diversidade, uma semelhança sorprehendente. Seu fundo commun é a insipidez monotona da vida. A inutilidade do encadeiamento, o mau exito de todos os esforços, eis o thema pelo qual o autor se compraz constantemente. Seus principaes personagens, depois delle haver tentado em vão crear-lhes uma existencia menos fastidiosa, do que as que levam, resignam-se a ficar o que haviam sido anteriormente. Um exemplo, o celibatario das *Sœurs Vatard* atravessa todo o percurso do volume em torno de um casamento que pretende realisar e que não consegue; depois de uma grande reflexão desiste do enlace e persiste solteiro.

Lá bas, sua obra prima, é um trabalho de

grande transcedencia psychologica, alliado ao mais terço e flexivel dos estylos e á mais rythmica e cantante das linguagens.

Neste livro extraordinario de profundo estudo de psychologia intima, Huysmans faz-nos transparecer todas as modalidades porque passa a alma humana, especie de um thermometro arrazoado ou desarrazoado, conforme os gráos que lhe faz marcar a paixão, este mercurio poderoso e corrosivo que penetra até a medula dos ossos.

E' que o celebre escriptor, pondo de lado as extravagancias litterarias, que infelizmente assolam o Paris intellectual moderno, encerrou-se no seu gabinete de trabalho, a estudar os grandes mestres, e a produzir esses livros admiraveis em que estuda a lucta da alma com a alma, o conflicto das grandes paixões que nos encantam, que nos enthusiasmam, que nos enlevam, e que tánto se differem dessas inutilidades nevropathas, desses livros inexpressivos, doentios impertinentes, *surmenés* como os qualifica Max Nordau no seu recente livro denominado *Degenerescence*, hystherisados n'um bysantismo de requinte, sem sinceridade e sem sentimento, que formam a caracteristica litteraria deste desolador *fin de siècle*.

VII

Não ha por ahi quem não affirme, em se tratando da nossa intellectualidade, que somos um paiz de barbaros onde nem siquer os requicios das civilisações européas e americanas echoam brandamente. E no entretanto, máo grado o palavriado estulto d'esses gratuitos affirmadores, nós tivemos o romantismo na mesma epocha que surgiu na Europa, e as sciencias naturaes, philosophicas e historicas tiveram entre nós, representantes eminentes, a quem de certo as fulgurações dos seus similares de alem mar não empanariam.

Quem quer que lêr attenciosamente a *Historia da litteratura brazileira* de Sylvio Roméro, os estudos e escriptos de Pereira da Silva, Fernandes Pinheiro, José Verissimo, Mello Moraes Filho, Ferdinand Wolf e de tantos outros, verá que muito ao envez de uma pobreza intellectual, tivemos homens da estatura dos irmãos Andrada, de Conceição Velloso, de Gregorio de Mattos, de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, etc., distinctissimos todos pelos seus grandes talentos e alta sabedoria.

Um facto bastante caracteristico se nos antolha no problema da formação da nossa nacionalidade: — é que ainda não temos bem definido o nosso caracter ethnico, e nem tão pouco temos bem estudado a nossa psychologia social.

Como é sabido, nós os brazileiros somos o producto immediato das tres raças que constituiram a nossa nacionalidade, o branco portuguez, que, como bem diz Sylvio Roméro, é por sua vez « um resultado complicadissimo da historia », o preto africano e o indigena selvagem americano, que a seu turno produziram esse hybridismo ethnologico conhecido por mameluco, curiboca e mestiço, ou simplesmente mulato. Attendendo-se ao factor *meio*, que em sociologia e em litteratura se pode determinar pelas differenciações climatologicas, pelo aspecto topographico e geologico da região e pela alimentação de seus habitantes, teremos ainda que separar o homem do norte do homem do sul, individualidades heterogeneas entre si, que se separam de um modo extraordinario, quer psychica, quer physiologicamente.

Parece-me bastante impossivel definir-se com acerto o que venha a ser o brazileiro. Se eu tivesse de o fazer, não diria certamente com o sr. Sylvio Romero—obra citada vol 1.° pag. 56—que o brazileiro é « um ser desiquilibrado, ferido nas fontes

da vida, mas apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador; mais lyrista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que de idéas scientificas e demonstradas », porque me parece que essa deveria ser a descripção psycho-physiologica da população lymphatica, hystherica do norte, e nunca do brazileiro em geral. Contra essa difinição protesta solemnemente a população plethorica e musculosa do sul, cuja organisação physica e intellectual, modo de vida etc, etc., são extremamente desiguaes ás dos seus irmãos do norte.

Abandonando de todo o indio, pois que a sua influencia, no caracter nacional é nulla, quasi nenhuma, investiguemos rapidamente o papel do preto na civilisação e organisação da patria brazileira.

Quando affirmamos que o elemento indigena é nullo na formação do nosso caracter ethnico, pois que elle só apparece taxeonomicamente, não fazemol-o por méra phantasia e sim por estribarmo-nos na historia e nos factos. E' incontestavel que o ramo americano, que se relacionou com o europeu durante os primeiros tempos da conquista, de ha muitos annos se pode considerar inteiramente fora das nossas relações de familia e de sociedade. E nem podia dar-se o contrario, visto que não eram

muito numerosos os indios, e destes quasi todos cahiram destruidos em guerra de exterminio, quer entres elles proprios, quer entre os portuguezes.

O egrégio escriptor maranhense João Francisco Lisbôa, refutando o padre Antonio Vieira e outros historiadores que dão avultadas proporções a população braziliense ao tempo do descobrimento do Brazil, faz as seguintes e judiciosas reflexões: « Que população encontrou aqui Claudio d'Abbeville? doze mil almas na ilha (referia-se á S. Luiz do Maranhão), e cerca de dez mil em Tapuytapéra e Cumã. Quantos poude mover Ravardiére contra os seus figadaes inimigos os portuguezes? dois mil da ilha e seiscentos de Cumã. Assim se quarenta annos mais tarde, André Victal de Negreiros, portuguez inimigo dos Tupynambás, ao revez de Ravardiére que era seu grande amigo, apenas poude pôr em campos oitocentos homens, segundo affirma Vieira, o facto é natural, e conforme a população anterior, nem ha mistér para ser explicado que se admitta a hypothese absurda e monstruosa de uma matança annual e regular de cincoenta a cem mil indios, durante o espaço de quasi meio seculo.

Mas ainda admittindo que o ferro e o fogo os dizimou pelo littoral, porque rasão ainda hoje são tão raros nestes vastos sertões por onde vagueiam

livremente? Apenas um ou outro viajante transita a espaços, e sob a sua tolerancia, pelo meio d'elles, sem de nenhum modo os molestar; e não consta todavia que alguem os visse e contasse jámais senão por centena, e, a muito estender, por alguns milhares.

E' tambem manifesto que as imigrações frequentes e forçadas, a que andavam affeitos, a penuria e a fome, a que tantas vezes se viam expostos, e sobretudo a guerra incessante e incarniçada que uns aos outros se faziam, nem só eram obstaculos permanentes a que a população pudesse medrar e florescer, senão que vieram afinal a ser causa de sua total extincção.» *Obras*, vol. 2.° pag. 235.

Isto somente prova que ha muito o indio escapa ás nossas relações, e que a sua contribuição para a formação do caracter nacional se tornou afinal nulla, quasi nenhuma, desde talvez os principios do seculo passado. O mesmo entretanto não acontece á raça preta, esse doloroso problema ethnographico, essa raça desgraçada que serviu por muito tempo de pábulo ás especulações torpes de um commercio aviltante.

Como é sabido, a raça preta não só tem modificado o caracter nacional, mas tem até influido nas instituições, nas lettras, no commercio e nas sciencias do paiz.

De resto, não foram diminutos os subsidios prestados pelos negros nos primitivos tempos do trafico africano, depois da acquisição do Brazil por parte dos Europeus. Os nossos historiadores são todos unanimes em exaltar-lhes a grande contribuição na formação ethnographica e ethnologica da nacionalidade brazileira.

Nas guerras de conquistas, a defesa do paiz foi feita pelos portuguezes, alliados a muitos negros e a muitos poucos indios. Demais a emigração constante do indio, e a grande massa da população africana que penetrava nos principaes estabelecimentos coloniaes do Brazil, como a hulla no ventre das caldeiras, impulsionando de modo extranho e assombroso a nossa lavoura, devia actuar no caracter do nosso povo.

« Se exceptuarmos essas industrias infantis, mas de immediata utilidade nos nossos usos domesticos, as quaes os portuguezes tomavam logo aos indios, pouco mais deixaram estes da sua vida espiritual e social ao brazileiro.

Grande parte das superstições dos pretos está no intimo das nossas familias : das superstições dos indios muito pouca. Suas tradicções e lendas nós devemos aos poetas e aos viajantes que as recolheram dos proprios indios nas aldeias, e não do nosso povo que as desconhece. O preto está

ainda na familia, nas ruas, na roça, nos estabelecimentos publicos, no exercito, no commercio; acompanha o brazileiro do berço a sepultura.» Franklin Tavora, Notas bibliographicas in *Revista Brazileira*, 1879, vol. 3° pag. 425.

E' entretanto uma consoladora verdade, que esse elemento ethnographico não será daqui alguns annos, mais que uma triste lembrança, uma simples curiosidade archeologica.

Na lucta pela vida das raças predominará certamente a branca, que é a mais forte e por conseguinte tem todos os elementos de victoria.

Certamente que o brazileiro daqui a cincoenta annos será muitissimo diverso do actual no tocante á raça. A extraordinaria quantidade de immigrantes italianos, turcos, allemães e hespanhóes que têm invadido o sul do Brazil, desenvolvendo a nossa exhuberante lavoura, dando um impulso febril a industria, ao commercio, e um largo incremento ás nossas cousas em todos os ramos da actividade humana, mesclando-se com as nossas familias, produzirá forçosamente um povo artista, pensador e o que é principal, activo.

Deste conflicto ethnographico a que está sujeito o povo brazileiro, surgirá uma raça mais pujante de que todas as existentes, de actividade mais complexa que a dos yankees e de intelli-

gencia superior a dos europeus. Deveremos isso aos tres climas que predominam em o nosso sólo.

E' indubitavel que o habitante do sul, vivendo sob um clima frio e sustentando-se de substancias analeticas, pesadas, será mais forte de musculatura, terá a pujança varonil do peão, aspirada nos pampas do Rio Grande e nas campinas de Minas e São Paulo. A sua actividade sobrelevará a do seu irmão do norte, a sua intelligencia será mais real, mais pletorica e mais pesada, por conseguinte mais humana; ao passo que o habitante do norte, florescendo na estufa torrida do equador, na languescencia voluptuosa e enervante de um clima abrazador, alimentando-se com substancias amylaceas, pouco nutrientes, possuindo uma imaginação mais ardente, mais febril, mais nervosa e mais irisada, inoculado desde o berço desse *morbus* sentimentalista que caracterisa os povos meridionaes, será poeta, nevrosthenico, inventor, artista, estará constantemente cheio de novos ideáes, pingue de novissimas concepções.

E' que os climas quentes têm, como bem pondera o illustre hygienista Michel Levy, a propriedade de enlanguecer o organismo humano e de exaltar-lhe a imaginação em constante ebulição, e a intelligencia viva e penetrante; ao passo que os climas temperados e os frios robustecem-n'o corporal-

mente, activam—n'o ao trabalho grosseiro e apoucam-lhe a intellectualidade, pondo-lhe um freio.

Este phenomeno sociologico do conflicto das raças e da adaptação climatologica, unico até agora provado scientificamente, como bem procura demonstrar o illustre scientista Gumplowicz em o seu recente trabalho *La lutte des races*, é certamente bastante curioso entre nós que, alem de uma heterogeneidade ethnographica, possuimos o mulato, o curiboca e o mameluco, resultados da fusão de tres raças, que tendem a desapparecer, e todas as zonas climatericas em que pode medrar a flôr humana.

Estou por demais convencidissimo de que o notavel philosopho allemão ver-se-hia embaraçado se tivesse de classificar ethnographica e ethnologicamente o povo brazileiro, tirando uma illação sociologica do seu futuro.

Um outro facto não menos curioso observa-se na ethnographia braziliense e vem a ser o do phenomeno physiologico do atavismo.

E' o caso da profunda differença dos nossos habitos, usos etc., com os dos portuguezes (herança directa), e o da semelhança, senão perfeita ao menos approximada, com os dos hespanhóes. (Herança regressiva, atavismo.)

No Brazil tudo o que veio do velho reino se transformou, desde a lingua que se tornou mais mei-

ga e flexivel e augmentou-se com um vocabulario riquissimo de termos indigenas, africanos e outros, criados pelo povo, a ponto de termos um diccionario exclusivamente brazileiro, até o modo de sentir e pensar dos nossos escriptores e poetas.

A lingua portugueza transformando-se entre nós não perdeu, entretanto, o seu caracter organico, apenas adaptou-se ao caracter do ideal e do pensamento do nosso povo, modificando-se á influencia catalyptica da terra, á acção irresistivel de um clima differente do paiz em que brotára e á uma outra mentalidade e emocionalidade. Ella resentiu-se tambem do phenomeno semeiologico de que nos falla o illustre L. Setembrini nas suas *Lezioni di letteratura italiana* nas paginas referentes a erupção do movimento romantico-litterario em seu paiz: « La lingua, diz elle, non muta sua natura organica per nuove parole che ella riceva, ma per mutamento interno del pensiero. Vol, 1°, p. 19. »

De resto, como bem conjectura algures o sr. Araripe Junior, o facto de no Brazil quasi todos os escriptores escreverem com grandes incorrecções, facto este que se repete constantemente, denuncia a existencia de uma lei, a qual se liga estreitamente a contextura do espirito da *terra*, do espirito nacional.

A nossa extraordinaria approximação physica com os castelhanos é facto constatado por quasi todos os escriptores observadores — comparativos que se têm interessado pelo estudo do nosso povo e da nossa psychologia. E' assim que aos viajantes aventureiros hespanhoes muito se assemelham os nossos arrojados jangadeiros do norte.

Os nossos genuinos typos de homem e de mulher, o gosto pelo vestuario, no que ha de mais nacional, como as saias curtas, a vestimenta vaporósa das babianas, etc., são quási que a reprodução insensivel dos costumes castelhanos. Os nossos *lundús* e fados populares em muitos pontos se parecem com os seus congeneres hespanhóes e bastante se differençam das xacaras portuguezas, e dessa insossa e tão caracteristica *canna verde*.

Muitas cousas porém, é forçoso confessal-o, houvemos directamente dos luzitanos. Foi d'elles que herdamos esse abençoado sentimento da caridade que tanto nos engrandece aos olhos das nações civilisadas, e o arraigado amor pelo lar, e especialmente pela familia.

Isto é sem duvida um symptoma que muito ha de desvanecer a essa gloriosa nação portugueza, que se fez a hegemonia das nações européas na Idade Média, e a raça a mais valorosa e a mais brilhante dos conquistadores maritimos.

VIII

Dir-se-ha, ouvindo-se falar em naturalismo brazileiro, que elle não existe e que não temos siquer, para consolação da nossa exigencia intellectual, um só livro que preencha, de modo satisfactorio, todos os requisitos da eschola, quer no apuro eucharistico do estylo, quer na applicação do estudo das sciencias experimentaes e das nevroses e psychoses que atormentam todos os cerebros pensantes, ávidos de novas investigações, de nóvos ideáes e de novas descobertas.

Quem, ao ouvir essas exclamações, se dér ao cuidado de investigar o que possuimos no genero, não deixará de encontrar rasão no interlocutor, reclamando comtudo alguns applausos para as muitas tentativas auspiciosas que têm apparecido, algumas ingenuas certamente, outras, porem, de não pequeno merecimento, seja pelas theses que desenvolvem, seja pelo rendilhado e quilotamento do estylo ou seja ainda pela interpretação philosophica ou scientifica do personagem, em torno

do qual se convergem todas as attenções durante o completo periodo da sua gestação e do seu desenvolvimento psychologico.

Entre os nossos homens de lettras que cultivaram o romance, alguns houve que escreviam por deleite, sem a minima preoccupação de eschola, nem tão pouco do castigo rigoroso do estylo, que neste fim de seculo tem chegado a um tal gráo de perfeição, a ponto de se poder dizer que mais um passo acima e o abysmo se apresentará subitamente, produzindo o seu aniquilamento inevitavel, fatal.

E' assim que Manoel de Almeida, no seu livro *Memorias de um sargento de milicias* e Velho da Silva, na *Gabriella*, tentaram a pintura descriptiva dos usos, costumes e epocha dos nossos tempos coloniaes, querendo por essa forma resuscitar a chronica, aproveitando a tradicção viva dos poucos espectadores que ainda sobreviviam e que já iam desapparecendo.

Velho da Silva, apesar da sua tentativa, não produziu senão uma topographia imaginaria da cidade do Rio de Janeiro, nos tempos da colonia, exaltando os feitos desse povo extorquidor da nossa seiva e da nossa victalidade em prol de uma dymnastia adoentada, maniaca e anti-patriotica, que por sua vez não vacillou em presentear com os seus poderosos dominios americanos, asiaticos afri-

canos — o padrão e mais glorioso da raça latina — ao ambicioso povo britanico, em troca de um pretenso auxilio para a salvaguarda de um throno, que desse modo se desvalorisava, impellindo a nação portugueza para o barathro profundo do desespero e da agonia, fazendo-a descer ao nivel dos pequenos paizes, sem valor.

Alem da falta absoluta de uma originalidade, que caracterisa quasi toda a producção litteraria, a *Gabriella* é escripta n'um vernaculo pedantesco, n'um estylo bordalengo de quinhentista, que irrita a nossa sensibilidade nervosa, afeita com os primores artisticos do mais acurado lavor linguistico e do mais extraordinario Celine da linguagem, e já um tanto acostumada a saborear esses livros escriptos com um requinte artistico de parnasiano impeccavel, que nos fortificam e consolam o espirito como aquelles decantados ágapes religiosos da Idade-Media fortificavam o corpo.

Manoel de Almeida na fórma despretenciosa e fluente do seu *Sargento de milicias*, escripto *au jour le jour*, para ser publicado em folhetim, fez um bom livro no tocante á simplicidade e elegancia de expressão, na felicidade de algumas descripções e na pintura de certos personagens, como o do Sargento e o de sua mulher, o do celebre Vidigal, o terror da população, que sempre se nos

apresentam, quando tentamos uma recordação do livro, ou quando pronunciamos o nome do auctor.

Se o *Sargento de milicias* fosse elaborado por um artista zeloso, por uma dessas organisações robustas para quem as lettras são um glorioso *metier* e não um passatempo elle seria ainda hoje o primeiro romance nacional, pois que nenhum dos existentes o sobrepuja na maneira brazileira de sentir e descrever as nossas cousas, no modo bruscó de colorir os nossos costumes e de sorprehender o interior de nossas casas, na convivencia intima e honesta das nossas familias.

O sr. Joaquim Manoel de Macedo que viveu, pode-se dizer, das suas locubrações litterarias, produzio, além de trabalhos historicos e geographicos, uma duzia de novellas quasi todas deficientes, sem uma these, sem um methodo preconcebido, sem um fito social e sem uma orientação artistica pela qual se lhe possa estudar o caracter litterario. As suas melhores novellas, *Moreninha* e *Moço louro*, peccam pelo que têm de inverosimil e de incongruente. Fatigam pela ingenuidade feminil com que são feitos e tratados os personagens e pela tantologia irritante de exclamaões pueris.

O srs. Escragnolle Taunay, Teixeira e Souza, Joaquim Noberto e alguns outros cultivaram o romance tradicionalista tendo por base a nossa his-

toria, e produziram umas novellas insossas, sem originalidade, muitos frias, sem arte e incolores.

A não ser a *Retraite de Laguna* do sr. Taunay que pinta com imparcialidade e patriotismo, num estylo fulgurante e enthusiastico, esse facto heroico do povo goyano, não sei em que reside o merecimento das elaborações dos outros dois escriptores. A sua decantada *Inocencia* é um livro de valor litterario somenos. Não encontrei nelle as excellencias que lhe attribuem os criticos, nem mesmo essa ligeira sympathia pela heroina do romance, que quasi sempre nos despertam os livros bons.

A *Historia da conjuração mineira* do sr. Joaquim Norberto, para se avaliar do papel historico do legendario Tiradentes e dos documentos consultados, basta que se diga que ella foi obra de encommenda do sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, cidadão suspeito por conseguinte.

Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes de Teixeira e Souza, é um livro massudo, sem estylo e sem *ficelle*, escripto num portuguez incorrecto e desataviado. Dos seus romances prefiro as *Fatalidades de duas jovens*, embora escripto *á manière* de Ponson.

O sr. José da Patrocinio cultivou tambem o romance historico, dando-lhe, porem, uma feição

mais litteraria que a dos precedentes e desenvolvendo algumas theses com uma philosophia toda ideal e poetica, com uma logica intuitiva de compaixão.

E' assim que no *Motta Coqueiro*, o seu melhor trabalho, elle procura um argumento vigoroso e concludente contra a pena de morte e fal-o de um modo elegante, é certo, mas num palavriado rethorico a Victor Hugo, num gongorismo academico de phrases bombasticas, e sem uma só consideração scientifica.

N'*Os Retirantes*, que é um bello livro de estylo, onde a sua imaginação encandescente de mestiço equatorial descreve, numa epopéa brilhante de tintas e de phrases, os paroxismos e os estertores escruciantes desses cearenses acossados pelo flagello hediondo da secca, falta não obstante, o cunho artistico indispensavel em trabalhos deste genero.

E' de lamentar-se profundamente que José do Patronicio não trabalhasse numa obra semelhante a da auctora da *Cabana do pai Thomaz*, inteiramente de propaganda abolicionista, elle que foi o S. Paulo da raça preta na America do Sul.

Franklin Tavora creou o nosso romance de costumes campezinos, escrevendo tres volumes com o sub titulo de *Litteratura do Norte*.

O *Matuto* que phothographa com felicidade o

typo de um desses homens rudes, creados no interior dos nossos Estados, alheios ao menor movimento da civilisação e do progresso, vivendo a vida rural dos primitivos habitantes, numa vegetação inconsciente de irracional, é incontestavelmente um bom livro, e me parece que unico no genero.

E', no entretanto, injustificavel que Franklin Tavora que, sem contestação, possuia uma grande envergadura litteraria, ao envez da frieza e monotonia de suas tintas e das colorações fracas e apagadas das suas descripções, não empregasse todo o seu amor de escriptor e toda a sua actividade de artista na confecção dos romances da sua *Litteratura do norte*. E' assim que, depois de algum tempo nenhuma vaga reminiscencia nos fica de um personagem, de uma dessas descripções caracteristicas de festa na roça que elle descreve com fidelidade, mas sem arte e sem sentimento no *Lourenço*, no *Matuto* e no *Cabelleira*.

O sr. Araripe Junior tambem acompanhou Franklin Tavora no seu processo de Litteratura do norte. *A Luizinha*, romance de costumes cearenses, se bem que se resinta de mil defeitos artisticos, tem, não obstante, muita observação e algumas paginas attrahentes de imaginação descriptiva e de estylo elegante. Ha nella a impressão dos livros de Alexandre Herculano e Camillo Castello

Branco, impressão que lhe tira a naturalidade caracteristica de escriptor, e a preoccupação dos romances antigos cujos capitulos eram todos rubricados com os factos a desenvolver-se. Apesar de tudo isso a *Luizinha* tem descripções brilhantes como a do *Samba* e a do *Bumba-meu boi,* danças populares muito nossas conhecidas e que tanto caracterisam a população rural do morte do Brazil.

O sr. Araripe Junior faz na *Luizinha* uso do nosso vocabulario provinciano, misturando-o, comtudo com o do reino portuguez que desconhecemos e que só o vemos nos livros que de lá nos importam, o que me parece um grande defeito.

De mais a preoccupação de querer historiar os factos occorridos num romance, citando nome de autores, desmerece muito o valor litterario do livro, motivo que encontro para justificar o seu rapido esquecimento e o seu nenhum ruido nas rodas litterarias de então.

O poeta Bernardo Guimarães legou-nos outrosim bellos romances no mesmo genero campezino dos dous anteriores, descrevendo porém os usos e costumes do povo mineiro. Tem por conseguinte o mesmo idéal litterario de Távora com a differencia somente de zona; é o que se poderia chamar, em antithese á denominação do escriptor cearense, Litteratura do sul.

O *Seminarista*, o *Garimpeiro*, a *Escrava Isaura* e outros, são explendidos trabalhos de observação e de um *humour* a Dickens muito pronunciado.

O illustre critico sñr Sylvio Roméro, no estudo que lhe dedica na *Historia da litteratura brazileira*, affirma ter sido o distincto mineiro um dos precursores do naturalismo a moderna (sic), e uma das organisações mais bem acabadas do romancista brazileiro.

J. M. Machado de Assis, talento robusto, envergadura litteraria pouco commum, *contador* e dramaturgo habilissimo, tentou por sua vez o romance humoristico a Thackeray e a Sterne nas *Memorias posthumas de Braz Cubas* e no *Quincas Borba*. Conseguio-o? creio que não, pois não obstante serem estes livros optimos attestados do grande talento de seu auctor, fallam, comtudo, de um mundo desconhecido, ficticio ; estão eivados de um transcedentalismo philosophico assaz atrazado, e recentem-se da principal preoccupação de Machado de Assis: a correcção extrema da lingua portugueza, que conhece perfeitamente, mas que não é a que fallamos, e muito destoam desses livros nacionaes que manejam o nosso dialecto com o amor extremoso e ascetico de um musulmano. Certamente a correcção vernácula é a condição essencial de uma obra litteraria, mas não o

exagero, o quinhentismo forçado como faz o Sr. M. de Assis. A lingua como tudo o mais evolue e ninguem será capaz de negar que a actual lingua portugueza é muito differente da do seculo XVII.

Os seus livros de contos, são, no meu fraco entender, muito superiores aos seus romanoes, visto que possuem bellas observações psychologicas e, como diz o sr. Clovis Bevilaqua, « um certo sainete de mal disfarçada ironia que lhes dão direito ao nosso suffragio. » Ob. cit.

O egrégio José Martiniano de Alencar, uma das intellectualidades mais extraordinarias que temos possuido foi, com Gonçalves Dias, a figura mais pujante e a mais grandiosa do nosso periodo romantico.

Elle é incontestavelmente o vulto mas proeminente do romance branzileiro e talvez o mais popular dos nossos romancistas. Imaginação fecundissima, alma ciosa de renome e de glorias, José de Alencar atirou-se a todos os ramos litterarios, com a ancia febril do mineiro que procura nas anfractuosidades dos rochedos o fio aurifero que lhe ha de compensar o trabalho.

Homem de grandes idéas, via-se só, cambaleando no ar, sem um ponto de apoio no maremagnum periclitoso de uma litteratura toda extranha ao movimento do seculo que elle acompanhava com um amôr effervescente de artista.

Com a cabeça repleta de escriptos de Chateaubriand e de Fenimore Cooper, que cantavam n'um estribilho elegante a exhuberancia florestal e a população nómada dos Estados-Unidos, elle atirou um cartél de desafio aos directores intellectuaes de então, publicando o *Guarany*, romance que destoava de todos os que tinham apparecido, exaltando n'um estylo eloquente e arrebatador, n'uma poesia altisonante de lyrismo meridional, a grandeza apocalyptica da nossa esplendida natureza; cantando este factor ethnographico, o indio, n'um madrigal extenso de sonoridades agradaveis, n'uma nota interminavel de sentimentos estheticos e de bellezas infindas. O *Guanary* era, emfim, um livro puramente nacional, o primeiro que apparecia embebido no sentimento sublime da patria.

José de Alencar, com a publicação de seus romances, deu uma nova orientação ás lettras brazileiras, ensinando-lhes que o verdadeiro caminho a seguir era o de uma litteratura exclusivamente indigena, no que foi elle o primeiro a dar o exemplo creando o *Indianismo*, que, diga-se a verdade, só foi grande em suas mãos e nas do glorioso poeta dos *Tymbiras*.

« De todos os seus trabalhos, observa o sr. Clovis Bevilaqua, transluz esta idéa: — a constituição e o avigoramento de uma litteratura bra-

zileira... E se não obteve plenamente o resultado a que visava, é preciso confessar que a essa obra superior dedicou elle o melhor das energias de que era capaz a sua vigorosissima organisação litterarira.»

Qual o joven ou mesmo o ancião que houvesse lido a *Iracêma*, a *Senhora*, o *Gaúcho*, *Diva* etc., e que não sentisse lhe subir á face esse conhecido fremito de enthusiasmo allucinante que causam sempre as paginas brilhantes de um livro arrebatador, nervoso, inteiramente extranho aos das nossas leituras. Tal é o grande poder dos romances de José de Alencar.

O seu maior merecimento, porém, consiste em ter sido elle o primeiro que usou da linguagem brazileira nos seus romances, a despeito todavia dos apôdos e das invectivas virulentas que lhes atiraram pedantes grammaticographos. « Somos nós, exclama elle, é o Brazil, quem deve fazer a lei sobre a sua lingua, o seu gosto, a sua arte e a sua litteratura. » E foi isso mesmo o que elle fez.

Se José de Alencar não fosse já uma rutilante gloria nacional, bastaria este grito de guerra que nos libertou do jugo autocratico da lingua portugueza a que nos submettiam nullidades classicas, e que firmou a nossa autonomia litteraria, para immortalisal-o no coração de todos os patriotas.

IX

Trabalhos naturalistas, contos ou romances, tivemol-os? Possuimos actualmente algum que se possa considerar filho legitimo dessa eschola litteraria? Não, tentativas é que têm havido. Se bem que possuam alguns delles os traços maternos, não obstantes ainda se resentem dos vicios e defeitos dos seus antepassados.

O gosto pelos romances de Alexandre Herculano, Garrett, Julio Diniz, Camillo Castello Branco, etc., contribuio bastante para a falta de iniciativa dc romance sociologico, do romance naturalista, tendo por base o desenvolvimento de uma these philosophica ou scientifica, e o estudo de um temperamento, de uma nevrose.

O primeiro dos nossos homens que se occupam de lettras, que tentou o romance experimental, foi o maranhense Celso de Magalhães que publicou em 1880, na *Revista Brazileira*, um trabalho que não concluiu, denominado: *Um estudo de temperamento*, em que ha muita cousa bella, optimo estudo de caractéres, boa movimentação psycholo-

gica e uma observação percuciente e analytica das melhores e das mais exigentes. O desventurado escriptor maranhense photographa, n'um estylo simples e despreoccupado, com uma nitidez assombrosa, a vida do fazendeiro do norte, não deixando escapar-lhe as mais co-mesinhas cousas, nem os mais futeis assumptos. Falta-lhe somente esse vigor descriptivo, esse sentimento de *savoir dire* que tanto engrandece uma obra de arte.

Inglez de Souza, do Amazonas, escreveu algumas variedades e romances (*Contos Amazonicos*, o *Missionario* etc.) em que pretende descrever com tintas indeleveis e fixas, essa luxuriosa vegetação do norte, e sorprehender a vida, uso e costumes da população civilisada e aborigene d'aquelle Estado na flagrancia dos suas labutações. Se bem que fosse bastante feliz em alguns pontos, não obstante o sr. Inglez de Souza faz dos seus trabalhos um tal embroglio litterario que escurece as suas immensas bellezas.

Marques de Carvalho, no Pará, iniciou-se com o romance *Hortencia*, um bom trabalho em que estuda e delata um doloroso facto teratologico de um incesto de dois irmãos. Bem concebido, a *Hortencia* tem paginas magistraes de observação e descripção, como as delirio da mulher do sapateiro Claudio, do passeio ao Marco da Legua, da

agonia da velha preta Maria, mãe dos incestuosos, etc. Ha nella estudos dignos de um Zola e de um Flaubert. O typo de Lourenço, por exemplo, mulato debochado, embriangando-se constantemente, debruçando-se sobre o cairel do abysmo, e as desenfreadas libações das soturnas crapulas inenarraveis, vivendo desde creança a vida desordenada de um *meio* infecto, commettendo essa monstruosidade voluptuosa do incesto, a que o levou o irresistivel determinismo do seu temperamento, é um estudo bem feito, e uma observação optimamente soprehendida, psychologicamente descripta.

A. de Paiva e José Verissimo, ainda no Pará, o primeiro com estudos ligeiros, contos elegantes a *la Maupassant*, e este com um solido preparo intellectual, trabalharam bastante para a victoria das nóvas idéas litterarias *au courant*, publicando diversos trabalhos, quasi todos bem escriptos, sem possuirem, todavia, o segredo estylistico das obras artistico — litterarias, nem a analyse de um temperamento qualquer, exigidos nas elaborações deste genero.

As *Scenas da vida amazonica*, para só falar n'uma obra sua, são o attestado peremptorio do que vim de affirmar, não obstante serem um bom livro descriptivo, composto em linguagem elegante e despretenciosa.

Mas o que? ter de dar opinião sobre cada um dos que tentáram o naturalismo entre nós, seria um trabalho fastidioso, que não deve, de forma alguma, entrar n'um trabalho restrictamente synthetico como este, e que demandaria, outrosim, a leitura de todos elles, o que me é impossivel, uns por não existirem em livros, outros por já não haverem nas livrarias.

Virgilio Brígido, Rodolpho Theophilo, Adolpho Caminha, D. Julia Lopes de Almeida, Valentim Magalhães, Thomaz Alves Filho (Hop-Frog), Virgilo Varzea, Coelho Netto, Xavier Marques, Medeiros e Albuquerque, Pardal Mallet, Carneiro Villela, Cruz e Souza, Affonso Arinos, Papi Junior, Garcia Redondo e muitos outros formam uma pleiade gloriosa dentre os modernos romancistas e contadores da nossa pequena e ja bastante original litteratura, e merecem, por conseguinte, ser contemplados e estudados por todo aquelle que investiga a vida intellectual brazileira com escrupulosa exactidão.

Quem é que já leu os primorosos lavores artisticos de Coelho Netto (1), o mais moderno e o

(1) O snr. C. Netto, publicou posteriormente um romance de alto valor, *Inverno em flôr*, e uma recolta de contos, *Sertão*, em que a nossa vida campesina é fielmente estudada e onde é bem galtonisada a psychologia dos nossos matutos.

mais escrupuloso burilador do vocabulo dentre os nossos modernos escriptores, os *Contos do tio Jeronymo*, de Medeiros e Albulquerque e outros, que não se compenetrasse de que nesta quasi ignorada região da America, a arte tem o seu culto divino, maior talvez que a industria, lá no paiz material dos Yankees?

O philologo Julio Ribeiro, na sofreguidão intellectual de querer tudo abordar com a sua intelligencia desiquilibrada de um homem extraordinariamente superior, deu-nos a *Carne*, livro magnifico de estylo fluente, de novidades linguisticas, de descripções febricitantes de uma belleza rara, mas todo elle inverosimil quanto ao estudo dos caracteres.

Domicio da Gama, nos *Contos a meia tinta*, apresentou-nos tambem uma excellente amostra de uns bellos trabalhos psychologicos a Poë, de uma penetração fina e sagaz, e em nada inferiores aos do celebre Paul Bourget.

Horacio de Carvalho n'um romance (?), o *Chromo*, a que pôz o subtitulo de « estudo de temperamentos », criou uns individuos da alta sociedade paulista, com uma moral deturpante, inverosimil em taes entidades, cujos caractéres se desenvolveram e se formaram n'um meio falso de *higlife*, de moralidade empavezada.

Não é absolutamente crivel que um facultativo da nomeada do dr. Teixeira, seja capaz de abusar de seus estudos scientificos para despir e usar, como bem lhe aprouver, do bello corpo de sua cliente qual era Esther, a protogonista do romance, que se submette docilmente aos seus processos hypnogenicos.

Demais a preoccupação constante de querer mostrar erudição, e os trechos de artigos e discursos politicos de propaganda separatista paulista, que o autor encaixa no livro tiram todo o merecimento que possa haver nelle; o seu conteúdo semelha-se a um desses bazares orientaes em que ha um pouco de tudo, uma *melange* por demais variada que nos cança a vista e o cerebro, acabando por enfastiar-nos.

Raul Pompeia, o moço mais bem preparado talvez que possuimos, de uma organisação essencialmente artistica, e de uma percepção esthetica apuradissima, deu-nos no *Atheneu* um esplendido estudo psychologico, um livro grandioso, de estylo elegante, finamente dourejado de phrases sónoras, e de uma observação finissima e sagaz. Ha nelle paginas verdadeiramente assombrosas de descripção, analyses as mais percucientes, as mais incisivas, as mais suggestivas que possam existir, e pinturas das impressões pessoaes as mais bem

acabadas, as mais esthéticamente modeladas, que relemos com uma satisfação inextinguivel de artista sequioso de bello. Póde-se dizer, sem o menor receio de errar, que o *Atheneu* é o unico livro nacional cuja movimentação psychologica se desenrola suavemente, imperceptivelmente, de modo a interessar e prender com agrado a attenção de quem o lê. Esse é o grande segredo do escriptor, isto é, dos grandes escriptores. O unico senão que lhe encontro é a falta absoluta de poesia, de algumas paginas phantasiosas e ideáes, recurso que o proprio Zola, e mesmo Bourget não dispensáram.

X

Creio que não ha quem ignore que o nosso centro intellectual, o theatro das nossas lettras, politica, é sem duvida alguma o Rio de Janeiro, isto é, a Capital Federal. Della é que irrompem, com todas as fanfarras e as volatas do escandalo e do terror, as novas theorias scientificas, philosophicas e litterarias, as tentativas de deposição, de mudança de regimem etc.

Todas as vezes que philosópho sobre as cousas do meu paiz, fazendo-lhes um estudo comparativo com a historia da raça latina na Europa, acóde-me sempre ao pensamento uma lei intuitiva de sociologia :— a da influencia centenaria das revoluções. Assim como as epidemias e as declarações bellicas entre a nações etc., tém o seu periodo de erupção, uma epocha determinada em que se manifestam, assim tambem as revoluções têm o seu, e este manifesta-se de cem em cem annos.

Exemplifiquemos.

Sem precisarmos sahir fóra da historia patria,

sem termos necessidade de lembrar a influencia da revolução franceza, que actuou na Inconfidencia mineira, basta que volvamos nossas vista para os recentes factos da proclamação da Republica em 1889 e da revolta da esquadra agora em 1893. A nossa Bastilha, que era o regimen monarchico, foi derruida, e o anno do Terror ahi está ressucitando-se na capital da Republica, produzindo o exodo, o panico, a allucinação histerica do medo na população cosmopolita que lhe habita. Quem nos dirá o que de atrocidades, de immolações, de encarceramentos não fará a parte belligerante que vencer? Quantos innocentes soffrerão e quantas delações torpes e vingativas não serão acatadas? (1)

Nada podemos responder com acerto, se bem que conheçamos o momento em que se desenvolveu a psychologia do caracter brazileiro, docil, nevrotico cheio de perdão para os inimigos e de uma compaixão doentia, mas puramente christã, para todos os vencidos. Muitas vezes a docilidade é a capa em que se occultam os heróes.

Deixem falar do nosso sentimentalismo indigena com o ridiculo que sóe a penna de quem quer que seja, na certeza de que a historia das artes e da sciencia tem demonstrado a contento que to-

(1) Infelizmente aconteceu o que previramos em 1893.

dos os grandes feitos da humanidade têm sido brotados do coração. Ridicularise-se embora a organisação physica do nosso povo, de « construcção anemica e sangue quente », que só nos pode exaltar ao em vez de nos diminuir, visto que o sangue frio é, como bem disse Schopenhauer, o caracteristico por onde se conhecem os animaes venenosos e peçonhentos.

Tachem-me embora de apocalyptico embevecedor do povo brazileiro, o que é certo è que nós somos uma nação novissima, um producto ethnographico complicadissimo e seremos, portanto, na futura historia confederada dos povos, um elemento de profundas investigações, de estudos controvertidos, a respeito das grandezas fabulosas, dos inventos maravilhosos, do progredimento phantastico da industria, da litteratura, da sciencia etc., desta exhuberante e futurissima região da America do Sul.

Bom, já vamos nos alargando n'um incidente que surgiu ao acaso, ponhamol-o ponto final e prosigamos no assumpto que queriamos desenvolver: — o meio intellectual brazileiro e a repercussão que teve entre nós o naturalismo litterario com os trabalhos do sr. Eça de Queiroz.

Ainda não vai por muito tempo que o *Conde de Monte Christo* e as *Memorias de um medico*,

mediocres producções litterararias de uma celebridade franceza, faziam as delicias de todos os leitores brazileiros a ponto de haver differentes traducções nacionaes, proporcionando assim bons proventos aos editores. Não possuiamos então club, revista ou jornal litterario, e ainda hoje não os temos. *A Revista Brazileira* (1), uma bella publicação litteraria, morreu logo, e a *Semana* (2), que acaba de reaparecer, se bem que interessante, foi, não obstante, de um exclusivismo a toda a prova, fazendo guerra a alguns talentos esperançosos e acatando verdadeiras nullidades, que a esponja do tempo se encarregou de apagar da lousa intellectual em que figuravam como verdadeiros pontos de interrogação, como hyerogliphos indecifraveis.

Os nossos theatros, os folhetins dos nossos jornaes, emfim, tudo quanto se refere á educação intellectual de um povo era do mais ferrenho atrazo, da mais desoladora decadencia.

Devorava-se, e ainda devora-se, Montepin, Ponson du Terrail, Gaboriau etc. Não tinhamos litteratura, não tinhamos idéa, não tinhamos arte; iamos

(1) A esforços do illustre critico sñr José Verissimo resurgio a Revista Brazileira, em 1895, que acaba de suspender a sua publicação, tendo todavia conseguido aguentar-se cinco annos.
(2) Desappareceu mezes após.

buscal-as de preferencia em França ou (irrisoria verdade!), no velho Portugal; em politica aos mais retrogrados tratadistas, e em litteratura e sciencia aos mais futeis perlimpimpineiros a quem a grossa massa da burguezia lhes applaudia a elevada sabedoria com a consciencia anafada da sua profunda estupidez.

Ha bem pouco tempo, dizia eu, é que tudo isso se dava, e no entretanto é doloroso confessar que nos tempos actuaes ainda se observa tudo isso, não obstante haver já espiritos avidos de novas sensações artisticas, ciosos de uma luz esthetica que illumine a vasta seára da intelligencia humana. Se não fôra offender susceptibilidades indicariamos aqui, embora de, passagem, os individuos que mais actuaram no movimento intellectual do paiz, oppondo um freio a tudo quanto cheirasse a novidade, a tudo quanto significasse uma nota de clarim, um grito de alarma contra os velhos idolos da então moribunda litteratura classico-romantica. Muitos delles ainda vivem, recolhidos à sua gloriosa prosapia intellectual, como decrépitos reis desthronados, e como elles riem-se alvarmente dessa luxuriosa e crepitante fascinação da arte que envolve a mocidade belletristica num sonho oriental de sensações modernas, numa allucinação nevrosthenica de grandes e consummados artistas.

As suas retinas visuaes estão obscurecidas pela cataracta do classicismo, pela ophtalmia purulenta do decrépito romantismo lamartineano, que tantas deliquescencias produzio nas nossas moças hystherisadas pela educação atrophiante de estufa a que eram submettidas, subtrahidas á atmosphera vivificante de um novo sol, de um outro ar mais puro e saudavel.

Os livros de Michelet, de Quinet, de Renan etc., eram considerados impios pelos directores intellectuaes de então, e portando prohibidos de penetrarem no lausperenne das familias, no sanctuario das escholas. Nas academias, a excepção de algumas organisações litterarias de verdadeiro mérito, que abriram aos estudos juridicos e litterarios dos modernos, uma valvula esperançosa, permanecia o mesmo antigo caturrismo didatico, o mesmissimo processo da interpretação juridica e causuistica do direito divino.

Era este o nosso estado intellectual quando appareceu na *vetrine* dos livreiros *O Crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz. Não sei se por miopia cerebral, ou por inanição litteraria, o certo é que esse livro passou inteiramente despercebido, não conseguindo siquer transpor as raias do escandalo a que visava, e de cuja triste fama gozava a eschola littero-physiologica a que se tinha elle

filiado. Zola ainda era uma entidade obscura, uma personalidade desconhecida pelos *parvenus* de então, e sabia-se da existencia do grande mestre Balzac pelas criticas de Sainte-Beuve e Villemain. E tudo isso nos tempos em que tem Scherrer e outros eram universalmente applaudidos e traduzidos em diversas linguas, em que o industrialismo europeu inventava e aperfeiçoava as machinas Marinoni para dar vazão á ancia nervosa de um tiragem de cem mil folhas por hora, para satisfazer a secura encandescente, febril e allucinante de uma leitura electrica, vertiginosa. Tudo isso, porem, tem a sua explicação e é preciso não esquecermos de que a nossa vida intellectual foi toda feita pelos portuguezes que sempre dominaram em a nossa imprensa, em o nosso comercio, em a nossa industria, em a nossa politica etc., emfim, que sempre absorveram a nossa vitalidade, apoucando por conseguinte, a nossa intellectualidade exhuberante, forte. Nós, se bem que nos tenhamos libertado um pouco das sanguesugas lusitanas, possuimos não obstante alguns dos seus vicios e defeitos, e ainda nos resentimos das causas e dos phenomenos que se produzem no centro desse povo nosso pregenitor. Se os proprios modernos escriptores portuguezes, como bem o disse Ramalho Ortigão — n'*As Farpas* vol. 9 — pag.

224 — « por uma fatalidade physiologica, por um effeito de hereditariedade, são baldos de orientação cerebral da independencia », que diremos nós dos nossos que, com raras excepções, não passam de subalternos copiadores dos livros lusos?

Os espiritos dos novos paladinos, possuidores não obstante de uma tensão nervosa apropriada á concepção de tudo que é bello, de tudo que é sublime, de tudo que signifique um clangor iconoclasta contra as ruinarias envelhecidas das lettras conservam, todavia, por um determinismo de organisação, o estigma servil, o signal ignominioso da marca que, em muitas gerações que nos precederam, foi deixando a grilheta da oppressão mental.

Eis ahi, pois, explicado o motivo porque o livro do sr. Eça de Queiroz não produzio o ruido que se esperava, não obstante ser esse romance « misantropicameute concebido, e executado com uma ironia mordente e com um humorismo repassado de lagrimas, que deixa todavia no espirito uma forte impressão consoladora; ser a obra de um grande artista, de um poderoso revelador de ideal, e de, como toda a idealisação perfeita, repousar-nos das nossas preoccupações pessoaes e egoistas, engrandecer-nos, elevar-nos aos nossos proprios olhos, infundir-os a fé, obrigar-nos a vêr

no sagrado desinteresse da arte, na divina immortalidade do bello », como bem affirma o sñr. Ramalho Ortigão.

Outro tanto não aconteceu com o *Primo Bazilio* que cahio em o nosso meio litterario como uma verdadeira bomba de dynamite, fazendo o estrondo mais forte de que ha noticia nos nossos annáes litterarios, escandalisando a pacata burguezia, offendendo a pudicia dos nossos mamuths intellectuaes, da nossa archeologica litteratura.

Estava, pois, dado o primeiro golpe. Desde então começou a chover nos roda-pés dos jornaes diarios, folhetins, contos, e alguns romances filiados a eschola do autor de *Fradique Mendes* e dos *Maias*. A figura que mais se salientou foi incontestavelmente a do sr. Aluizio Azevedo no Maranhão, de quem trataremos detalhadamente no proximo capitulo. Deixe-me, agora externar, de relance, o que penso da individualidade litteraria do primoroso estylista da *Reliquia*. Ahi vae em duas palavras: um grande talento artistico, uma organisação litteraria excepcional, e possuidor de uma percepção esthetica digna dos Goncourts. Um defeito, entretanto, lhe noto, é o da preoccupação constante de quorer imitar o autor da *Salammbô*. E' assim que o *Primo Bazilio* se não se parece muitissimo com a *Madame Bovary* não deixa outrosim de

transparecer a obsessão do seu auctor pelo romance de Flaubert. O seu processo analytico e descriptivo approxima-se extraordinariamente, assombrosamente com o do grande psychologista francez. Os *Maias* tem paizagens que insensivelmente nos fazem recordar as da *Bovary*; e o trabalho perseverante e herculeo que o sr. Eça de Queiroz está empregando ha mais de um anno na *Vida de S. Christovão*, confirma essa persistencia sublime de querer ser elle o continuador do genial psycho-pathologista da *Tentação de Santo Antonio*. Isto todavia não me inhibe de consideral-o como um dos mais notaveis artistas da lingua portugueza, e o mais extraordinario escriptor dos nossos tempos entre Portugal e Brazil, e o maior, talvez o unico, representante da observação experimental na litteratura de seu paiz.

XI

Foi com a publicação do *Mulato*, romance, do sr. Aluizio Azevedo, que despertáram para as lettras nacionaes ás auroras do novo ideal artistico e scientifico nos, livros de ficção, alimentando como um olhar materno todas as nossas manifestações estheticas.

Falar d'elle, o homem, mais detalhadamente embora de modo succinto; estudar-lhe o caracter litterario, a predisposição artistica, as suas primitivas inclinações; investigar conscienciosamente o meio em que se formou e desenvolveu o seu espirito, tirando dahi uma illação do que elle é actualmente, será o objecto deste artigo.

Informam-me parentes de Aluizio Azevedo que possuidor de uma habilidade precoce para o desenho, o futuro auctor do *Livro de uma sogra*, esteve a seguir para a academia de Roma com o fim de estudar pintura, quando apenas contava quatorze annos de idade, sendo-lhe porem frustado esse intento em consequencia da tenaz opposição que lhe fizera seu pai. Dos deseseis aos deze-

sete annos manifestou-se-lhe o prurido de escrever, e desde então começou a collaborar em diversos jornaes, rabiscando má prosa e máos versos. Nessa mesma epocha iniciou-se no magisterio particular leccionando portuguez primario e desenho no collegio Feillon, no Maranhão. Alguns annos dspois vemol-o no Rio de Janeiro, onde de 1875 a 1877 mostrou a sua rara habilidade de caricaturista no *Figaro*, na *Vida Fluminense*, no *Mequetréfe*, no *Zig-zag* e em outros periodicos illustrados. Nessa mesma epocha fez um anno de aula de modelo vivo na Academia de Bellas-Artes, pintou, de collaboração, um panno de bocca do theatro Gymnasio, parte do scenario da *Pêtite mariée* do theatro Alcazar, e leccionou em diversos collegios e externatos desenho e grammatica portugueza. Em fins de 1877 fez ainda uma nova tentativa de seguir para a Italia, requerendo para isso uma subvenção á assembléa de sua provincia que lh'a recusou.

Por esse tempo fellece-lhe o pai, e Aluizio teve de voltar ao Maranhão, onde permaneceu até fins de 1881, epocha em que regressou para a Côrte. Na capital de sua provincia natal, o auctor da *Mortalha de Alzira* não esteve de todo inactivo, collaborou em varios jornaes publicando contos, poesias, chronicas leves etc., e o seu primeiro romance *Uma lagrima de mulher*, livro muito im-

pregnado de um lyrismo lamuriento, de uma sentimentalidade infantil, e que foi recebido friamente pelo publico. Havia então em S. Luiz um jornal catholico, A *Civilisação*, dos padres do convento de Santo Antonio, que se tornou celebre nos anneas da imprensa maranhense pelas disputas e guerrilhas de toda a especie, assim politicas como litterarias, scientificas, religiosas etc. que provocou, a ponto de sahir barra fóra e luctar peito a peito, braço a braço com Tobias Barretto, no Recife, então elevado a semi-deus da intellectualidade academica pernambucana. Para oppôr-lhe um baluarte forte, inexpugnavel, Aluizio Azevedo, alliado a um valente grupo de rapazes intelligentes, creou o hebdomadario *O Pensador*, não deixando um só dia de trabalhar para essa folha. A luta com os padres travou-se ferozmente, corajosamente e os insultos e as invectivas virulentas trocaram-se de lado a lado, numa confusão medonha de vocabulos rubros, sanguinolentos, encandescentes.

Entretanto não se satisfazendo com o *Pensador*, Aluizio fez-se redactor chefe da *Pacotilha* e dia a dia, vertiginosamente, acceleradamente sustentou o trabalho mais vivo de que ha noticia no jornalismo da provincia. Isto serviu, contudo, para tornal-o senhor do *afaire de ecrivain*, do profundo segredo do *metier* de escrever, o que elle demons-

trou brilhantemente, publicando o seu primeiro trabalho de moldes naturalistas *O Mulato*, que foi por sua vez o seu primeiro successo litterario.

Foi esta a epocha da absorpção e germinação do talento litterario de Aluizio Azevedo, pois nos apontamentos que tenho a respeito de sua vida espiritual, jamais a sua actividade intellectual se manifestou tão heterogenea, tão multiplicadamente irrequieta, como nesta, que eu considero o periodo da irrupção do seu talento, da manifestação artistica do seu temperamento. Folhetim, chronica, drama, comedia, poesia, artigo de fundo, romance e quejandos, sahiram então de sua penna; tudo Aluizio ensaiou num estylo travesso e ameno de menino intelligente e promettedor.

Esse periodo foi por sua vez um dos mais effervescentes para as lettras maranhenses; alem da conclave dos moços em cujo numero figurava Aluizio Azevedo, havia o grupo dos circumspectos, como elles mesmos se chamavam, e de onde se destacavam Paula Duarte, João Moraes Rego, Raymundo Capella e outros. Desse grupo trouxe Aluizio, ou por outra, Aluizio aprendeu com o sr. Capella, então consul portuguez no Maranhão, a conhencer Spencer, Darwin e Augusto Comte, conhecimento que não lhe aproveitou, diga-se em bem da verdade, pela sua falta absoluta de base e

dos conhecimentos rudimentares, indispensaveis a comprehensão das obras desses eminentes philosophos, pois ninguem certamente ignora que a educação intellectual de Aluizio não passava então da leitura dos romances de Ponson du Terrail, Alfonse Karr, Chateaubriand, C. Castello Branco, Alexandre Herculano, Julio Diniz, Garrett, Castilho etc., e da de alguns escriptores e poetas brazileiros, portuguezes e francezes.

E foi justamente nesse desabrochamento benefico e propicio para as lettras naciones que surgiu o *Mulato*, produzindo uma verdadeira revolução litteraria na provincia, repercutindo depois em todo o Brazil como uma nova estrellejante de salvação, como um espiráculo aberto ao naturalismo artistico.

O momento foi decisivo; ao passo que Aluizio era fortemente atacado e censurado no Maranhão, todas as outras provincias expandiram-se-lhe em applausos freneticos de enthusiasmo e animação. No Rio de Janeiro, o centro de onde quasi sempre partem as novas ideas sahidas de qualquer provincia das cogitações humanas, a imprensa foi a primeira em prodigalisar palmas ao novo romancista que surgia valente para a lucta. Araripe Junior, na *Gazeta da Tarde* augurou-lhe os melhores auspicios, e Urbano Duarte no *Globo* soltou um grito

sonóro e estridulo de « romancistas ao norte! », grito que repercutiu vibrantemente como uma nota aguda de clarim, por todos os angulos do paiz.

No Maranhão, a despeito da campanha ingloria de discredito contra o autor e o livro, venderam-se do *Mulato* dous mil exemplares em poucos dias. Desde as camaras douradas até ás mansardas obscuras, desde o moço academico até o noticiarista e o negociante, desde o rico homem até o pobre diabo, ninguem via, nignuem fallava noutra cousa senão do livro, que todos devoravam febrilmente, embriagadoramente, enthusiasticamente. Os descontentes da *Civilisação* tiveram de abrir as suas valvulas de salvação para não-voarem em hastilhas, numa explosão nervosa e allucinada da mocidade estudiosa. Estava pois dado entre nós o primeiro passo no camínho da arte de Balzac, na estrada do realismo litterario; e descortinara-se então para as intelligencias o campo luminoso e extenso da observação e do experimentalismo artistico.

Percorramos agora celeremente o *Mulato*.

A these que Aluizio procura desenvolver é a do preconceito da côr, ainda muito arraigado em o norte do Brazil. O autor faz de victima, o dr. Raymundo, um mestiço intelligente e rico, formado em Direito por Coimbra. Pinta-o chegando do Rio de Janeiro, aboletando-se em casa de um seu

tio que o hospeda, rodeado a principio de todas as considerações que reclamavam o seu titulo de bacharel e a pequena fortuna que herdára do pai, e depois, chasqueado, insultado por toda a familia do tio, pelo *abominavel* crime de pretender desposar sua prima, que era branca, elle que « toda a gente sabia que tinha casta, o patife do cabra».

Toda a sorte de offensa, de desfeita foi-lhe então feita pela familia da prima, até o *consumatum est* no epilogo do seu assasinio pelo portuguez Luiz Dias, suggestionado pelo conego Diogo, uma figura repellente de padre ignominioso que atravessa todo o longo percurso do romance, num colorido espectante e gritador de tintas vivas.

Apezar das muitas infantilidades litterarias que possue e dos graves defeitos de arte que encerra, o *Mulato* tem descripções felizes, observações bem apanhadas, optima movimentação psychologia dos personagens, e o que é principal : — photographias psycho-phsiologicas excellentes, de alguns caracteres. Anna Rosa, Maria Barbora, Luiz Dias, a hystherica Anna Maria e, com especialidade, o conego Diogo são tão extraordinariamente descriptos, estão observados com tanta exactidão, que a gente duvida que podessem ter sahido da penna de um moço de vinte e dous annos de idade, completamente ignorante dos se-

gredos da arte e do *savoir faire* litterario como o era então Aluizio Azevedo, e num meio em que os novos sopros das intelligencias robustas chegavam frios, sem um atomo siquer da calentura nervosa e febricitante com que fôram expellidos.

O grande successo do *Mulato* decidiu da carreira litteraria de Aluizio Azevedo que com o producto de sua venda regressou para o Rio de Janeiro, a tentar um nome, que adquiriu, conquistando-o com a sua inquebrantavel força de vontade, luctando peito a peito com as mil prevenções que a seu respeito havia, num conflicto cyclopico entre o desalentado scientificismo europeu e o nosso lyrismo nacional, pujante dessa sensualidade morbida e hysterica, e desse sentimentalismo lymphatico e lamuriento que tanto nos caracterisam.

Na então Côrte elle foi produzindo constantemente ora artigos ligeiros, contos, folhetins etc., ora comedias e dramas de pequena monta, e publicando nos jornaes diarios de grande circulação, romances escriptos sobre a perna, no genero Montepin e Gaboriau, como as *Memorias de um comdemnado*, *Philomena Borges* e *Mysterios da Tijuca*, mais para satisfazer o interesse das folhas que lhe pagavam miseravelmente, (quando elle não o fazia de graça), do que para ser agradavel

aos innumeros leitores de rodapés, e dando a luz outrosim bellos trabalhos de experimentalismo litterario, em nada inferiores a muitos dos mestres francezes. Tudo isso, porem, debaixo de uma lucta terrivel pela vida, de um indifferentismo doloroso do publico e da imprensa, que o recebia com o olhar desconfiado do matuto, com o sorriso dissimulado do algoz.

Elle é um dos nossos escriptores que bem poderiam repetir com Zola; « Sou um ressuscitado de mim mesmo, sou um producto directo da fome, dessa fome terrivel que mata os mendigos e abate os fracos e que me teria aniquilado certamente se eu não lhe oppuzesse a inflexivel energia da minha poderosa força de vontade. » Sim, Aluizio Azevedo poderia fazer suas estas palavras do grande constructor dos *Rougon Macquart*, porque como elle passou incriveis provações, como elle soffreu muito e luctou bastante, e ainda como elle gosa de um nome relativamente glorioso em nossa litteratura, conquistado palmo, a palmo a custa exclusivamente de uma grande somma de pertinacia, e de um talento robusto, extraordinario.

O seu melhor romance *Casa de Pensão* foi elaborado justamente nesse tempo de privações do auctor. Nelle, Aluizio Azevedo como que concentrou toda a sua alma angustiosa de artista, como

que viveu só para o livro durante todo o periodo da sua gestação.

Todo o mundo sabe o fundamento desse bello romance e portanto desnecessario é reproduzil-o aqui, cujo limite assaz restricto me inhibe de o fazer. Elle ainda está palpitante no cerebro de todos os que estão a par das chronicas fluminenses. Demais este escripto é um estudo rapido, e conseguintemente não pode se expandir com minudencias sobre cada um dos livros produzidos pelo auctor.

Basta que se diga que como trabalho de observação, de descripção, de movimentação psychologica dos personagens e dos objectos a *Casa de Pensão* é um dos melhores livros da lingua portugueza, e pode com galhardia figurar numa estante ao lado dos *Maias*, de Eça de Queiroz.

Assim é que as figuras do ingenuo provinciano Amancio de Vasconcellos, do Paiva, estudante da Polytechnica, de Coqueiro, de Amelia, de Lucia Pereira, de Mme. Brizard, de Hortencia, mulher hystherica caprichosa, de Nini, hystherica nymphomana etc., bem como as scenas do almoço no *Hotel dos Principes*, do baile em casa do Campos, da exploração posta em evidencia por Coqueiro, a mulher e a irmã; do julgamento do processo de Amancio etc., estão estupendamente observados,

vivamente descriptos, e pincelados com uma firmeza e vigor admiraveis de tintas vividas, e cheios de umas colorações luxuriantes que impressionam a quem lê o livro.

A vida intima, a psychologia interior da Casa de Pensão de Mme. Brizard, igual a todas as outras suas congeneres do Rio de Janeiro, está photographada nas paginas do romance com uma fidelidade espantosa, e a illusão é tão completa que ao lermos o livro nos parece estar assistindo tudo o que se passa no bôjo desse monstro, verdadeiro microcosmo onde os individuos de toda a especie social, de todas as reputações, de todas as cathegorias, se acotovelam, se promiscuem, se entrechocam, se relacionam, se aborrecem, se amam e se odeiam. Esses personagens não sahiram da phantazia do autor, elles são verdadeiros, existem; encontramol-os a cada instante e a todo o momento por onde quer que andamos.

A pagina em que Aluizio Azevedo descreve a agonia e morte de um tysico, commensal de Mme. Brizard, é de um colorido tão vibrante e de um estylo de tal forma arrebatador, que nos faz compartilhar um pouco do terror e da compaixão que lhe tivera o Amancio nessa noite terrivel.

Não posso me furtar a tentação de a transcrever, eil-a :

.....« O homem estava muito afflicto, debatendo-se contra os lençóes, no desespero da sua orthopéa. A cabeça vergada para traz, o magro pescoço estirado em curva, a barba tesa, pyramidal, apontando para tudo; sentiam-se-lhe por detraz da pelle empobrecida do rosto os angulos da caveira; accusavam-se-lhe os ossos por todo o corpo; os olhos extremamente vivos e esbugalhados, de uma fixidez inconsciente pareciam saltar das orbitas, e pelo esvasamento da bocca toda aberta, via-se-lhe a lingua dura e secca de papagaio, e divisavam-se lhe as duas filas da dentadura.

Não podia socegar. O seu corpo chupado lentamente pela tysica, nú e esqueletico, virava-se de uma para outra banda, entre manchas escrementicias, a porejar um suor gorduroso e frio que humedecia as roupas da cama, e dava-lhe á pelle côr de osso velho, um brilho repugnante.

« Faltava-lhe o ar e, todavia, pela janella aberta para o nascente, os ventos frescos da noite entravam impregnados da musica de um baile distante, e punham no triste abandono daquelle quarto uma melancholia dura, um aspero resentimento de egoismo, alguma cousa da indifferença dos que vivem pelos que se vão metter silenciosamente dentro da terra... »

Aqui está uma pagina que Balzac, ou mesmo

Flaubert, o impeccavel artista da phrase, não faria certamente melhor.

A caracteristica do talento de Aluizio Azevedo é puramente, essencialmente representativa; a sua principal preoccupação é o da reprodução do espectaculo com todas as suas peripecias, com todos os seus accidentes, não lhe faltando mesmo a projecção longa e esguia da sombra de um predio ou de uma arvore.

O *Coruja*, o livro mais compacto do auctor do *Mulato*, resente-se de muitos defeitos artisticos, e tem creações inteiramente romanticas, absolutamente inverosimeis, senão impossiveis. A figura do *Coruja*, o principal personagem, nunca existiu em a nossa sociedade, e as de Theobaldo, Aguiar e Branca estão muito exageradas. Entretanto não quero dizer com isso que desgosto do livro, pelo contrario, elle tem optimas qualidades descriptivas, uma movinentação extensa e complicada dos personagens que agrada e deleita, e que nos faz lembrar as *ficelles* dos romances de V. Hugo. *O Coruja* possue, não obstante, alguns defeitos taes como dialogos compridos que fatigam a quem está habituado com a leitura desses delicadissimos livros modernos, vaporosos como um desenho a pastel, e em que, a analyse das sensações, das psychonevroses e das anomalias de um determinismo

qualquer, passa imperceptivel, ligeira, atravez da poeira luminosa e offuscante de um estylo fascinador.

O *Homem* é, por emquanto, o unico livro do romancista maranhense que desenvolve uma these scientifica, e o primeiro em que elle demonstrou os suas grandes qualidades de estylista.

Não obstante, o estudo da hystheria em Magdá, a these scientifica do livro, não é de todo o ponto verdadeiro, attento talvez á pouca leitura que do estudo dessa nevrose fizera então o autor. O desabrochamento da individualidade da filha do Conselheiro Pinto Marques não é um simples incidente, muito ao contrario percorre todo a livro, no esmagamento doloroso da molestia cerebral que lhe corróe o organismo e o espirito, e que o romancista descreve minuciosamente, detalhadamente numa linguagem doida de vobabulos sonóros e fórtes.

Eu disse que o estudo da hystheria em Magdá, não é rigorosamente verdadeiro, sob o ponto de vista pathologico, e vou dar a minha razão de assim pensar.

Quasi todos os livros que tém cogitado do assumpto, desde Bernhein, Ochorowicz, Azam, Liegeois etc., até Fajardo e outros, provam a exhuberancia, que o cerebro das hystericas não tem

pensamento que não seja o do seu auto suggestor, que lh'o transmitte, lançando para isso meio da hypnose, como fizeram Richet e Binet nas suas innumeras experiencias sobre a *objectivação dos typos*, e entre nós Erico Coelho, Fajardo etc. E entretanto isso não foi observado por Aluizio Azevedo, com relação a heroina do *Homem* que tem sonhos phantasticos, idealmente poeticos, de uma mulher de grandes sentimentos estheticos, e possuidora de uma cerebração robusta e valente de moça letrada, o que ella não era.

A não ser este pequeno descuido scientifico, o *Homem* não é somente um dos nossos melhores livros, elle é tambem um dos melhores da lingua portugueza. O seu estylo fluente, estrellejante e flammivono, com aquella precisão com que busca as côres e a impressão viva das paizagens descriptas, tem as scintillações metallicas das espadas nuas aos raios vibrantes do sol, o fulgor sanguineo de uma alvorada de Abril e o *rictus* dolorosamente sybilino das grandes epilepsias.

A sua importancia, como trabalho de psychologia e physiologia intima está no vigor dessas mutações, na exactidão dos resultados moraes que as impressões da vida determinam no caracter primitivamente exposto.

Se pudessemos dar uma idéa do estylo de Alui-

zio nesse livro, trasladariamos para aqui as bellissimas descripções do passeio de Magdá á pedreira e ao campo da Acclamação, da morte de Luiz e de sua noiva, estortegando-se ambos numa dôr violenta, e asphixiando-se depois no paroxismo cruciante e doloroso de um envenenamento cruel.

Ahi vae a pagina em que Aluizio Azevedo descreve o sonho de Magdá:

« Começou vendo-se no alto da pedreira, a olhar para o espaço, justamente como acontecera na realidade; mas a pedreira afigurava-se-lhe tres ou quatro vezes maior. De repente, falta-lhe o terreno debaixo dos pés, e ella cae, não para traz e sim bem de frente — no ar. Nisto, uma garra fortissima empolga-lhe as roupas das costas, sustentando-lhe a vertigem da queda, sem todavia impedir que ella continue a resvalar; mas ja não cae, deslisa suavemente, como se estivesse voando. Um braço musculoso cinge-lhe as curvas dos joelhos, outro toma-a pela cintura, e o seu collo é recebido em cheio por um largo peito nú, onde ha cabellos que lhe põem cocegas na pelle. Magdá ri com as cocegas, e sua cabeça repousa num taureo pescoço de Hercules, cujo suor lhe humedece as faces. E assim, abraçados deslisam voluptuosamente no espaço, descendo numa embriagadora delicia de vôo continuo.

« O vôo dura um tempo infinito. E ella como receiando ficar desemparada, trata de agarrar-se ao outro o melhor que pode. Estreitam-se mais.

« E mais.

« Ha ja um principio de frenesi no modo porque se estreitam. A moça procura com ancia unir-se bem ao corpo do cavoqueiro; quer que os seus peitos lhe fiquem bem collados ao peito: quer que os seus braços sintam em toda a extensão a carne das espaduas do homem; que a sua barriga se ajuste a delle e que as suas coixas lhe apalpem os rins.

« E continuaram a descahir, sem parar nunca. Magdá sente nas faces uma impressão desagradavel de frio; sella immediatamente o rosto contra o outro rosto, e deixa-se aquecer ao calor dos beijos. Então os seus olhos desmaiam de gosto; as suas narinas arfam com mais força, porque ella não pode respirar pela bocca que está tomada pela outra bocca..... »

E neste estylo brilhante prosegue o auctor a descripção desse sonho doentio, inverosimil scientificamente, como desmonstrei, mas bonito debaixo do ponto de vista esthetico. Esse dous amantes ficticios, extremamente unidos, extremamente collados, voando no espaço como duas sombras vaporosas, fazem-nos recordar insensivelmente Fran-

cesca de Rimini e Paolo de Lancioto a quem o Dante terçou os mais bellos versos de toda a trilogia da sua *Divina Comedia*.

Não sei se por impressão das ultimas leituras, ou por um defeito organico de temperamento artistico, o certo é que o *Cortiço*, o ultimo dos seus romances, em nada se parece com os anteriores. O processo analytico, descriptivo, observativo (va lá o termo), é inteiramente outro, e outro o seu ponto de vista psycho-litterario. No *Cortiço*, como na *Casa de Pensão* ha a psychologia do tumulto, com a differença somente dos assumptos, porêm o processo descriptivo de um, differe extraordinariamente do processo descriptivo do outro.

Na *Casa de Pensão* Aluizio preoccupa-se mais com copiar a cousa ao vivo, em flagrante, e fal-o com muita felicidade mas inestheticamente, numa tautologia incommoda de adjectivos e de phrases dispensaveis; no *Cortiço* porem, elle reune a primeira destas qualidades ao seu processo artistico da escripta, isto é ao seu estylo individual, sonóro como um cristal, elegante como um *biscuit*, leve e sympathico como uma silhueta. Não obstante tudo issó, continuo a preferir a *Casa de Pensão* a todos os outros seus livros. Estes ultimos são mais artisticos, mais esthcticos, de estylo mais castigado e, direi mesmo, mais attrahentes; a *Casa de*

Pensão porêm é o seu livro mais nacional, mais verdadeiro, mais bem sentido e melhor executado.

Quem não conhece o que seja um *cortiço* no Rio de Janeiro, com todas as suas intrigas, com todos os sens deboches, com toda a sua algazarra, não tem mais nada a fazer do que comprar o romance de Aluizio Azevedo e o lêr. E' tal a vivacidade e o colorido dos seus personagens e das suas descripções, que nos chega a produzir febre e impaciencia a ponto de entorpecer-nos, como se fôra uma atmosphera impregnada pelos vapores do opio.

O taberneiro José Romão, o portuguez Jeronymo, Pombinha, a cocotte Leonie, Ritta Bahiana, uma mulata debochada, esse nosso producto aphrodisiaco da mistura de duas raças, e outros mais, estão photographados ao vivo, com uma exactidão assombrosa, com uma nitidez deslumbrante.

As descripções da luta entre a povoação dos dous cortiços belligerantes, da capoeiragem de Firmo com Jeronymo, da phantasia do sonho de Pombinha por occasião de lhe romper do ventre o grito da puberdade etc., são paginas admiraveis, de estylo rorejante e luminoso como gottas de orvalho sobre um grammado de parque. Aqui vão as linhas em que Aluizio descreve um samba bahiano :

«....Ella (Ritta Bahiana) saltou em meio da ró-

da, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de goso carnal, num requebrado luxurioso, que a punha offegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços extendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse á vida, soltára um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miudo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços que dobrava, ora um, ora outro sobre a nuca, em quanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.

« Em torno o enthusiasmo tocava ao delirio; um grito de applausos explodia de vez em quando, rubro e quente como deve ser um grito sahido do sangue. E as palmas insistiam, cadentes, certas, num rythmo nervoso, numa persistencia de loucura. E arrastado por ella, pulou á arena o Firmo, agil, de borracha, a fazer coisas phantasticas com as pernas, a derreter-se todo, a sumir-se no chão, a resurgir inteiro com um pulo, os pés no espaço, batendo os calcanhares, os braços a querer saltar-lhe do tronco. E depois surgiu tambem

a Florinda, e logo o Albino e até, quem diria? o grave e circumspecto Alexandre... »

Digam-me agora se isto que ahi ficou transcripto não é uma desses paginas sublimes de descripção e de estylo que valem por um livro inteiro, e que marcam epocha nas lettras de um paiz, por mais rico que elle seja em grandes talentos? A gente ao lêlas impressiona-se de tal modo, de tal modo se deixa embevecer pela situação descripta que vemos como ao natural, e que sentimos como se a estivessemos presenciando, a ponto de tambem nos interessarmos pela folia e soltarmos, mentalmente, bravos e vivas estrepitosos.

No conjuncto de toda a obra de Aluizio Azevedo, encontra-se uma nota caracteristica da sua unica preoccupação artistica : — a hystheria.

Um exemplo : Anna Maria, no *Mulato*, Hortencia e Nini na *Casa de Pensão*, Philomena Borges no romance deste titulo, Magdá no *Homem* etc. E uma observação constante : — a da immoralidade em acção, que no *Cortiço* chegou ao seu auge.

Não sei porque sempre que Aluizio tem de escrever uma scena de immoralidade fal-a num estylo nervoso, esfusiando rachinante a luxuria carnal, num colorido esmagador de vivacidade e repugnancia.

Eu não sou dos que codemnam em absoluto a

pintura picaresca de certos actos libidinosos, pelo contrario acho-a necessaria quando ella vem naturalmente, como nos romances de Zola e no *Mulato* do proprio Aluizio Azevedo; detesto-a porem, quando entra no livro, a trouche mouche com o fito exclusivo de produzir escandalo, controversias e contumelias virulentas por parte do pacato publico burguez.

Uma obra de arte deve antes de tudo ser uma obra de arte, isto é, deve abstrahir-se de toda a idéa que não seja a do bello, do esthetico, que não esteja fóra das regras dictadas pela philosophia da arte, ás quaes deve observar lealmente, fidedignamente, com toda a serenidade de um espirito consciente da sua grande, da sua elevada missão. (1)

*
* *

Ahi ficou resumidamente apontado o que vem a ser a eschola *soit disant* naturalista e quaes os seus principaes representantes.

Nesta synthese rapida, vertiginosa, percorremos

(1) O snr. Aluizio Azevedo, pouco escreveu, desde então, que mereça ser notado. O seu *Livro de uma sogra*, que mereceu uma traducção *hespanhola*, não passa de uma reminiscencia de leitura da *Sonata de Kreutzer* de Tolstoi, aliás sem o explendor de concepnão deste escriptor notavel. A *Mortalha de Alzira* é um livro de valor litterario muito discutivel.

uma alluvião de livros e de autores, todos elles differentes entre si quanto a preoccupação esthetica, e ao mesmo tempo todos elles iguaes no processo philosophico, de um pessimismo blindado ás alturas de um desespero shakespeareano, de um *Inconsciente* a Hartmann, de um nihilismo a Stepeniak.

Sobre qualquer que seja o ponto de vista esthetico de cada um, o certo é que a philosophia, o determinismo psychico de um é o de todos. Este phenomeno da descrença philosophica na arte, sahido da Allemanha segundo Nordau — *Paradoxos* —, ou do imperio moscovita como quer Courrière — *Litterature contemporaine en Russie* —, é semelhante ao que se deu nos espiritos juvenis com a irrupção do romantismo litterario. Como este, o pessimismo ha de produzir obras primas e depois, exgottados todos os recursos, cahirá num ridiculo descalábro, em mãos somente das nullidades empavezadas.

Não creio que esta formula artistica persista por muito tempo, pelo simples e essencialissimo facto de não ser verdadeira, isto é, de externar unicamente o que o capricho de uma phantazia ephemera e voluvel ditou ao cerebro nervoso do artista que a concebeu.

Si toda a vida de Schopenhauer, de Alfiére, de

Hartmann etc., é em todos os sentidos inteiramente opposta ás suas terriveis e desanimadoras theorias subjectivistas, como attestam escrupulosos biographos, não é menos certo que essas theorias fóram creadas com o fito exclusivo de prender a attenção do mundo pensante para as suas individualidades superiores, commentando-as e incensando-as. Os seus livros semelhan-se a essas bombas pyrotechnicas que attrahem a nossa curiosidade somente na occasião em que espocam, lançando para todos os lados uma myriada de luzes polychromas extraordinariamente bellas, heteroclíticamente espalhadas, mas de duração vaga, rapida e inoffensiva.

De resto, a manifestação artistica de um temperamento, como de uma epocha, para ter elemento de vitalidade, para poder impor-se como uma obra prima a admiração dos pósteros, precisa, antes de tudo, de ser verdadeira, ou presuppostа tal. Assim é que toda essa volumosa bagagem litteraria de V. Hugo, por isso mesmo que não era verdadeira, já está esquecida dos leitores, já ninguem falla della; ao passo que outro tanto não se dá com os livrinhos de Alfred de Musset, que representam unicamente, exclusivamente a verdade; e emquanto houver no mundo um coração humano, esses admiraveis volumesinhos hão de ser eternamente

lidos, perennemente decorados, e infinitamente amados. E' que o poeta de *Rolla* servia-se da poesia para exprimir as angustias dolorosas e as nevroses intensissimas que atormentavam a sua sensivel e delicada alma de um grande poeta desequilibrado, epileptoide como o classifica Cesar Lombroso no seu extraordinario estudo sobre o *Uomo di Genio*.

Um artista, por isso mesmo que o é, não deve abusar das suas manifestações sensacionaes, esteriotypando-as em trabálhos exoticos, ridiculamente extranhos e nebulosos, em desproveito e em sacrificio do real, isto é, da unica formula exigida pelo bello, da unica linha viavel para a immortalidade.

Feliz do escriptor que, a semelhança do João Macquart da *Debacle*, assistindo com os olhos cheios de lagrimas e o coração despedaçado pela dôr, o incendio completo das lettras sans, arrecadando nas suas igneas chammas um mundo inteiro de intelligencias robustas, de grandes organisações artisticas, possa, no meio de todo o pessimismo que o cerca e que o accommette, trabalhar denodadamente no seu gabinete, alimentando lá bem no intimo da sua consciencia, um fundo de esperança de poder restaurar toda essa litteratura doentia fim de seculo, verdadeiro documento compromettedor para o futuro.

O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE

O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE

(A PROPOSITO DO DRAMA REDÉMPÇÃO DE TIRADENTES)

O investigador litterario que lançar as vistas para o nosso passado intellectual, brilhantemente illuminado por um lyrismo poetico encantador, e por trabalhos historicos e scientificos equiparaveis aos dos seus similhares europeus, quer já no periodo colonial, quer mesmo depois da nossa independencia politica, terá com certeza um profundo sentimento vendo que o genero theatral foi completamente descurado, justamente n'essa época que foi, póde-se dizer, o periodo aureo da litteratura dramatica em toda a parte do mundo.

Torna-se, pois, necessario reconhecer que existe uma causa ou circumstancia mais intima, ou um defeito imanente no caracter do nosso povo,

ou mesmo uma razão oriunda do momento historico-evolutivo actual.

Que outros mais abalisados investiguem pacientemente a melhor d'estas hypotheses e a estudem. Quanto a mim, attribuo ao cruzamento das tres raças que constituiram a nossa nacionalidade e cujo problema ethnographico ainda não foi resolvido satisfactoriamente.

Fazer-se um estudo aprofundado do theatro brazileiro, seria senão uma utopia um contrasenso, pois que o critico ver-se-hia na necessidade de tactear nas trevas, á procura d'essa luz brilhante de Venus que lhe guiasse o caminho, sem poder lobrigal-a, senão ephemera, pallida e esmaecida como os fogos fatuos.

Folhei-se o *Curso elementar de litteratura nacional* de Fernandes Pinheiro, o *Bresil littéraire* de Ferdinand Wolf, o *Curso de litteratura* de Sotero dos Reis, o *Theatro brazileiro* e *as condições de sua existencia* de Clovis Bevilaqua, o *Bresil en 1889* de Sant'Anna Nery e a consubstanciosa *Historia da Litteratura brazileira* do criticista Sylvio Roméro, e ter-se-ha a prova cabal do que vim de affirmar, isto é, o theatro brazileiro não existe, não pode ter ainda uma historia.

Elle ainda não sahiu do seu periodo de lactação; não anda, gatinha, não falla, chóra e resmunga.

A não ser Antonio José da Silva que eu não considero dramaturgo brazileiro, pois que ao Brazil deve elle tão exclusivamente o seu nascimento, e o celebre estadista Alexandre de Gusmão, não sei quem tenha ensaiado este genero de litteratura em o nosso periodo reinól.

O auctor da *Guerra do alecrim e da mangerona* não é um producto das lettras brazileiras, dísse e o repito, visto que todos os seus estudos, o *meio* em que se desenvolveu o seu espirito, a influencia exercida sobre os seus trabalhos e a acção capital dos seus dramas são todos genuinamente portuguezes.

Se os extraordinarios lyristas da eschola mineira são considerados nossos pela maneira de poetar, pelo modo de photographar com nitidez e verdade a nossa natureza, pela indole artistica e pelo modo de sentir as nossas cousas, não podemos affirmar o mesmo do judeu Antonio José, victima das atrocidades inquisitoriaes.

Quando na Europa os reformadores de 1830 em luta aberta com o classicismo dominante, alteiaram victoriosos o estandarte do romantismo, d'aqui, d'este outro lado do mundo já o possuiamos, embora fraco e doentio.

Parece-me ser um grande erro, erro esse em que têm cahido quasi todos os nossos historiado-

res litterarios, o dizer-se que fôra o sr. visconde do Araguaya o introductor do romantismo entre nós, quando salta aos olhos, mesmo dos de vista curta, ser elle um dos mais enfatuados classicos dos nossos poetas, e serem-lhe anterior no poetar romantico da Europa, Maciel Monteiro, Salomé Queiroga, José Maria do Amaral e muitos outros.

Ao sr. Araguaya e ao sr. Porto Alegre deve caber a gloria das primeiras tentativas de um theatro brazileiro. Infelizmente, porém, os seus trabalhos só o são pela nacionalidade de seus auctores e não pela concepção artistica das obras. *Olgiato*, por exemplo, é assumpto estrangeiro, *Othelo* é uma traducção da parodia de Duccis, o *Poeta e a inquisição* está cheio de inverdades historicas e não deixa de ser assumpto um tanto estrangeiro.

De Porto Alegre somente a *Estatua amazonica* póde-se considerar assumpto nacional, se bem que não trate da critica dos nossos costumes, mas por ser « uma satyra á leviandade com que alguns viajantes fallam do nosso paiz. » (Fernandes Pinheiro, ob. cit.).

— Gonçalves Dias deixou-nos quatro dramas, *Patkull*, *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*. São trabalhos feitos com um esmero artistico admiravel, verdadeiros monumentos de vernaculidade, porem sem grande energia de

acção, sem *trucs* imprevistos, sem analyse de paixões e sentimentos e nem rigor de observacção.

Leonor de Mendonça, drama magistral, todo cheio de peripecias, com optimo desenvolvimento psychologico, se bem que um tanto precipitado no desabrochar das paixões, um dos erros perniciosos do romantismo nascente de então, não possue, com tudo, a originalidade e as nuanças brazileiras das poesias do seu auctor.

— Alvares de Azevedo, intellectualidade morbida, nevrosthenica e visionaria de allucinado, produzio tambem o seu *Macario*, especie de sonho phantastico, impregnado de um pessimismo desolador, e cheio de nebulosidades *à la* Byron e Pöe, que atormentavam a sua alma desesperada de moço, filho da duvida!

Joaquim Manuel de Macedo, o mais popular dos nossos dramarturgos, escreveu o *Luxo e vaidade*, o *Cego*, o *Phantasma branco*, *Cincinato quebra louças* e muitos outros, todos mais ou menos brazileiros, quer na concepção artistica, quer no assumpto, se bem que não possuam os intuitos e qualidades litterarias do grande poeta maranhense.

— Fagundes Varella, o nosso maior poeta lyrico socialista, deixou-nos tambem alguns dramas em verso, taes como *O demonio do jogo* e *Fun-*

dação de Piratininga, escriptos com um grande enthusiasmo juvenil, num estylo mirabolante de vivacidade pictural que os absolve dos erros de dicção e metrificacão de que estão replectos.

— Joaquim Norberto, Pinheiro Guimarães, Teixeira e Souza, Franklin Tavora, Machado de Assis, Rangel de S. Paio, Castro Lopes, Maciel Pinheiro, Quitino Bocayuva, Sizenando Nabuco, Achilles Varejão, Damasceno Vieira, Domingos Olympio, Augusto Britto, autor dos *Criticos mómentos*, *dos Amôres burlescos* e outros, Valentim Magalhães, Annibal Falcão, autor do dr. *Alberto* e da *Plastica*, França Junior, os irmãos Arthur, Aluizio e Americo Azevedo, Figueiredo Coimbra que nos deu na *Carta anonyma* uma bella promessa, e muitos outros, ensaiaram com proveito e talento esse tão descurado genero de litteratura entre nós.

— Jose de Alencar, um dos politypicos mais extraordinarios das nossas lettras, que a tudo se entregou, poesia, historia, critica, romance, jornalismo, *folk lore*, politica etc., delineou trabalhos como o *Demonio Familiar*, *Mãi*, *Azas de um anjo*, *Verso e reverso*, etc., que embora inferiores a seus romances, não deixam, todavia, de marcar uma época na nossa pauperrima litteratura dramatica

Para Agrario de Menezes, porém, é que se devem convergir todas as nossas vistas. Elle é um astro de primeira grandeza, de quem todos os outros são satellites.

O autor de *Calabar*, dos *Miseraveis*, de *Bartholomeu de Gusmão* e de muitos outros é incontestavelmente o maior dos nossos dramaturgos. Elle possuia a verdadeira intuição do theatro. Em seus dramas transparece o estudo acurado dos caracteres. *Calabar* por si só faria a reputação de um homem de lettras.

O arrojado poeta bahiano Castro Alves tentou tambem por sua vez o drama, e produzio *Gonzaga* em que transparecia um talento de eleição, mas inpregnado d'esse estylo gongorico, phraseolátra e d'essa imaginação apocalyptica que caracterisam os trabalhos de Victor Hugo. E' que o moço poeta se deixára levar pelo enthusiasmo do condoreirismo de então, de que fôra, com Tobias Barretto, um dos creadores.

Resta-nos fallar de Martins Penna, um dos nossos maiores comediographos, cognominado com justiça o Moliére brazileiro, e de França Junior.

Os *Irmãos das Almas*, o *Juiz de Paz na Roça*, *Judas em Sabbado de Alleluia*, etc. são trabalhos todos muito conhecidos do nosso publico, em que entra com muita simplicidade natural toda a so-

ciedade flumineuse, e onde se photographam com verdade e nitidez os costumes e as intrigas das nossas aldeias.

Finalmente França Junior, o humorista theatral de mais merito que temos tido, escreveu diversas comedias : *Por linhas tortas*, *Como se fazia um deputado*, e outras tantas cheias de naturalidade, pingues de espirito fino e sarcastico, adubadas com uma grande dóse de sal attico. O seu ultimo trabalho *Doutoras* é incontestavelmente um dos melhores do seu repertorio. Cheio da influencia franceza dos comediographos comtemporaneos. as *Doutoras* não deixam de ser uma critica innocente e chistosa ás nossas moças que se dedicam aos estudos universitarios.

* * *

Actores, tivemos alguns que fossem além da craveira commum da mediocridade? Creio que neste ponto podemos ter tambem um pouco de orgulho, pois João Caetano dos Santos é incontestavelmente uma gloria nacional. O nosso actor electrisou platéas européas e viu, pode-se dizer, coroados os seus triumpos em vida. Delle diz o conego Pinheiro em seu *Curso elem de litt. nacional* pag. 465 : «Havia em nosso patricio, uma combinação de Garrick e de Thalma, esplendido talento,

alma sensivel e apaixonada, sympathica e movel physionomia, gestos naturaes, voz agradavel numa palavra, tudo o que sóe para electrisar uma platéa. »

O nosso distincto escriptor tradiccionalista Dr. Mello Moraes Filho, numa roda em que se conversava a respeito do grande tragico brazileiro disseme : « Foi o maior talento que hei até agora visto no palco, era muito superior ao celebrado Rossi e a Felps, a culminancia do theatro tragico de Inglaterra. Só o posso comparar á Ristori. »

De Stella Sezefredo, Pedro Joaquim, Furtado Coelho, uma das nossas melhores organições dramaticas, digo nossa porque apezar de ter nascido em portugal, foi aqui que elle educou o seu espirito, e aqui foi que se fez actor; Joaquim Augusto Ribeiro, Franscico Corrêa Vasques, Florindo José da Silva, Xisto Bahia, Thereza Martins, Guilherme de Aguiar, Jesuina Montani e alguns outros, ainda guarda saudosa lembrança a nossa platéa illustrada.

* * *

Que vemos hoje no palco dos nossos theatros? Quaes os trabalhos moralistas e educacionaes que têm visto ultimamente a luz da rampa? Eis uma interrogação sem resposta. Os nossos theatros fo-

ram invadidos pelos *vaudevilles* canalhas dos boulevardeiros francezes, pelas operettas immoraes em que entram obrigados, *pour faire bien á la santé de l'âme*, o cancan e a dança do ventre, forjados exclusivamente pela cupidez monetaria dos emprezarios, e pelos dramas de capa e espada que nem aos menos de recreio intellectual nos servem.

Qual a razão de um tão profundo desanimo do não proseguimento das tentativas havidas?

Será porque o theatro deixou de ser uma grande eschola romantica de educação popular, para tornar-se uma mal entendida eschola da natureza? Não o creio, pois que as licções da natureza temol-as constantemente sem precisar do concurso do palco. Demais, o theatro deve ser a educação do espirito, uma eschola de declamação e nunca uma flagrancia da experiencia

Que é o principal no drama? A isto Hegel affirmaque o caracter, nunca porem o caracter superficial, deficiente e ás vezes *sufficiente* como entendem alguns criticos.

A esthetica, e sobre e tudo a esthetica especial e applicada, exige meditações como a mais elevada philosophia, e gesto e experiencia como a mais selecta obra d'arte.

Para saber que é o caracter dramatico não

basta tomar-se a palavra no seu sentido vulgar e corrente, razão por que todas essas condições que se lhe exigem são muitas vezes ridiculas e arbitrarias.

O caracter é o principal, porque como o drama é a *poesia plena de la humanidad*,na phrase de Calderon, o que interessa é a resultante das propriedades humanas, como força na conveniencia social influidas pelo *meio* que obram, e ás vezes influem.

As propriedades humanas individualisadas constituem o caracter, e esta é em definitiva a essencia, a transubstanciação do caracter dramatico. Não ha nisto porem, desprezo da *acção* como alguns estheticos suppõem, senão que esta não venha a ser mais do que a linha que assignala o caracter.

Assim em *Hamlet*, de Shakespeare, e em *La vida és sueño*, de Calderon, é o caracter que decide da acção, sem que esta deixe de ser importante, porém o sendo somente pelo valor do proprio caracter.

E por fallar do caracter como principal elemento no drama, accóde-me á idéa a chamada eschola dramatica naturalista, eschola infima, decadente, fraca demais para se impôr.

Se o fim do drama é a commoção, a instrucção e o deleite, elle tem necessidade da ficção para conseguir os seus fins. E disso está convencido

certamente D. José Echegaray, o maior dramaturgo da raça latina dos tempos actuaes, pois que em todas as suas grandiosas producções intercalou paginas e paginas de uma grande *sensiblerie* romantica, desde o *Lo que puede decirse,* até a *Mala raça*. Estou certo tambem que Pailleron, um dos mais meticulosos dramaturgos francezes, não deixará de crêr nessa observação, mórmente attendendo a rapidez com que se popularisou o seu *Le monde ou l'on s'ennuie*, bastante romantico no fundo.

E' pois a grande eschola da experiencia que tem provado que o naturalismo no theatro não póde medrar, visto que ao romantismo é que elle deve a sua vida.« Ao seu influxo, — diz Edmond de Goncourt, o mais artista, o mais investigador e o maior dissecador da psyché humana dentre os modernos escriptores francezes,—deve o theatro o seu lado de falso, de humano e de sublime... Mas as qualidades de uma humanidade verdadeiramente sincera, o theatro repelle-as por sua natureza, por sua mentira etc.» (Apud Emile Zola: *Nos auteurs dramatiques*, pag. 393).

De resto, a sociedade em geral pensa com Theodore de Banville, quando se expressa pela forma seguinte:—«Conheço Hamlet, conheço Romeu, conheço Ruy-Blas, porque são exaltados pelo **amor,**

mordidos pelo ciume, transfigurados pela paixão, perseguidos pela fatalidade, esmagados pelo destino.

São homens como eu. Como eu, viram lagos, florestas, grandes estradas, céos constellados, clareiras prateadas pelo luar. Como eu, adoraram, fizeram preces, soffreram mil agonias ... *Mais comment connaitrais-je ces bourgeois nés dans une boite? ils ont, me direz vous, les mêmes tracas que moi, de l'argent á gagner et á placer, des termes á payer, des remédes á acheter chez le pharmacien. Mais justement c'est pour oublier tous ces ennuis que je suis venu dans un théatre.*»—POÉSIES COMPLETES, vol. 3.° pag. 9—Apud Clovis Bevilaqua, *Epochas e individualidades*, pag. 110.

*
* *

A terrivel e perniciosa mania da imitação, foi que deu causa de morte de mal de sete dias ao nosso theatro.

Pode-se affirmar, sem o minimo receio de errar, que não possuimos um trabalho original de autor brazileiro que se recommende pela descripção verdadeira do assumpto nacional, que delineie caracteres conhecidos, com precisão e arte; não,

quasi todos têm em si a transubstanciação dos *trucs* e *ficelles* dos dramas francezes actuaes, que são por sua vez muito inferiores aos dos seus antecessores.

Não deixa de ter, em parte, razão o celebre philosopho e litterato allemão Joahannes Scherr, quando disse que os francezes depois da *debacle* de 1870, não só perderam o dinheiro como o espirito.

Infelizmente, porém, ainda este preconceito está arraigado em os nossos directores de theatro, verdadeiros especuladores commerciaes.

Drama que se não pareça com os do estrangeiro, não têm a sua acceitação.

Todos os dias vemos nos jornaes annuncios d'este jaez : « — hoje o drama ou a operetta tal que produziu em Pariz successo extraordinario».—E o facto de ter feito successo em Pariz deve implicar, a seu modo, successo no Rio de Janeiro, cuja sociedade é muito diversa d'essa babylonia artistico-scientifico-litteraria, mas tambem voluptuosa e *surmenée*. E não é sem motivo que um escriptor francez fallando da mentalidade litteraria da França actual, chamou-a de *un melange de volupté et de ivresse*. (F. Brunetière — *Histoire et littérature*, vol. 3°. pag. 39.)

Não se pense que estou fantasiando, muito ao

contrario, é por me vêr estribado em factos que me abalanço a diser tudo isso.

Não ha entre nós quem não conheça o sr. Fernando Pinto d'Almeida Junior, autor dos dramas *28 de setembro*, *Azas de Icaro* e *Redempção de Tiradentes*, todos elles historicos. O primeiro photographa com nitidez e grande observação a aurea lei que disse a fonte da escravidão—pára; o segundo é uma critica elevada e grandiosa ao nosso meio social e um látego feroz á imprensa pornographica; e o terceiro finalmente é um estudo aprofundado da historia patria, no centenio de 1789 a 1889; é por conseguinte uma revista de seculo. Nelle o sr. Almeida Junior põe á luz da ribalta o historico fiel da Inconfidencia mineira e o supplicio do martyr da liberdade brazileira, os ultimos estertores da monarchia e o advento da Republica.

Além destes dramas, conheço muitas comedias suas, todas originaes, e em nada inferiores ás representadas nos nossos theatros.

Pois bem, este homem de merito incontestavel, tem luctado com todas as difficuldades possiveis e imaginaveis para conseguir vêr os seus trabalhos em scena.

Tem sido recebido com desdêm por todos os emprezarios e por uns tantos actores mediocres,

que não admittem que um brazileiro faça cousa que preste, além das bambochatas revistas de anno e quejandas litteratices.

O drama *Redempção de Tiradentes* não é uma obra prima, está, ao contrario, eivado de graves defeitos que se relevam pelas suas innumeras bellezas e pelos seus lances verdadeiramente dramaticos; elle não deixa, porém, de ser um trabalho de alto valor historico, conseguintemente importante para as lettras nacionaes, e digno de vêr a luz da rampa em um dos nossos melhores theatros.

N'elle estão bem delineados os caracteres dos seus personagens, que a primeira vista se adivinha quem os seja. Sua movimentação psychologica é admiravel; a distribuição dos assumptos está bem feita, os saltos dos acontecimentos são imperceptiveis e o desabrochamento das paixões bem estudado.

De resto, o sr. Fernando de Almeida Junior é um brazileiro que trabalha e portanto merece as nossas animações, que lhe aproveitarão certamente, e quem sabe se o estimulo não fará delle uma gloria da dramaturgia nacional?

A LEI DA RAZAO NO THEATRO

I

Depois que o dinamarquez Georges Brandes na sua monumental obra da critica internacional : *As grandes correntes da litteratura no seculo desenove*, — nos deu a conhecer os talentos da Scandinavia, valentes de concepção, senhores de uma esthetica nova, original, nervosa, grandiloqua, em contraposição com tudo quanto de doentio e inexpressivo se tem publicado nestes ultimos tempos nos paizes europeus, podemos affirmar com Max Nordau (*Degenerescence*, trad.ª franc. pag. 170-171), que « se levantam de todos os paizes vozes que reclamam para Henrique Ibsen a mais alta dignidade intellectual que a humanidade

tenha a conhecer. Querem que o dramaturgo da Noruega seja reconhecido e acclamado como o poeta universal do seculo que finda. »

Ora ahi está justamente um desses symptomas de decadencia litteraria, de absoluta falta do gosto esthetico, de ausencia completa do que se poderia chamar a lei esthetica da razão.

E a questão é que todos ao proclamarem o nome de IBSEN, o fazem com o respeito e a profunda admiração devida aos ESKHYLOS, aos MOLIE'RES aos CALDERONS, aos GARRETTS, embora não comprehendam e não supportem a esthetica estravagante e doentia do autor da *Casa de boneca*. E tudo isso porque querem lobrigar no fogoso originario dos gelicos *fjords* norueguezes uma como que especie de *Geyser* effervescente, distribuidor de uma quentura reanimadora de vida intellectual aos laponios das lettras.

Sem desconhecer-lhe os grandes merecimentos achamol-o, todavia, muito longe de ser, como pretende a critica moderna, considerado como o Shakespeare do Seculo XIX. E neste ponto estamos ainda de accordo com MAX NORDAU quando qualifica *o savoir dire* do dramarturgo slavo de « technica de fogo de artificio, porque ella consiste unicamente em preparar, de ante-mão, uma base sobre a qual se collocarão no logar conve-

niente os sóes, as candeias romanas, os foguetes, etc., e depois, que tudo se achar prompto o panno subirá e a obra artisticamente construida scintillará, chammejando sem interrupção, com estrepito, com deslumbramento. Esta technica, diz o notavel critico tedesco, produz certamente um bellissimo effeito, mas pecca por inverosimil. »

E neste gosto prosegue Max Nordau analysando, dissecando fibra por fibra, musculo por musculo todo o organismo litterario e artistico do dramarturgo do *Pequeno Eyolf*, reduzindo-o a proporções tacanhas, minusculas.

Pondo-se de parte alguns paradoxos e grande dóse de pessimismo de que o philosopho das *Mentiras convencionaes* se trahe constantemente, elle não deixa, neste seu estudo, de ter a razão de seu lado em grande parte, mesmo porque toda a obra de IBSEN resente-se, não ha negal-o, dessa falta de razão esthetico-litteraria, de que fallava LEMAITRE, a condição *si ne qua non* do drama moderno, e cuja lei pretendemos estudar nas linhas que se seguem.

II

Muitos dos que se têm por entendidos em belletristica, veem como indicio de rapida e inevitavel decadencia o discorrer continuo da critica em se tratando das theorias da arte, da sua essencia, seus genios e influencia.

Não pensamos, entretanto, do mesmo modo, se bem que conheçamos algumas anomalias da historia litteraria, em que muitas vezes tem occorrido coincidir com a decadencia de uma litteratura, o florescimento dos estudostechnicos do que podemos chamar a arte de bem dizer. Isto está provado pela historia. Geralmente é de máo effeito e mesmo pouco agradavel, o ver-se a eterna opposição das escholas introduzir toda a sua bilis no templo sacrosanto da arte, e causará sempre mal estar ao espirito amante do bello, lobrigar os mestres envoltos nas polemicas das multidões, e muitas vezes capitaneando essas guerrilhas inglorias de folhetim.

E' indubitavel que Victor Hugo, não obstante seu immemso genio, está muito longe de valer

como critico, comparativamente ao que vale como poeta: Emilio Zola, cujos *documentos humanos*, máo grado alguns senões, revelam que são obras de um talento forte e de um estudo profundo, chega com suas producções criticas ao mais superficial positivismo, e no meio de muitas obs rvações agudas e acertadas escreve vulgaridades desoladoras. E entre nós Sylvio Roméro, ao passo que muito se recommenda como critico e philosopho, nada absolutamente vale como poeta.

Em regra geral os artistas, aquelles que têm a elevada ambição de enriquecer a caudal da litteratura propriamente dita, não se consagram á critica; não porque esta arrefeça o espirito, mas porque os Aristarchos precisam de tempo e certo preparo, que o poeta e o romancista dispensam em parte. E é por esse meio que elles adquirem a subtileza e perspicacia com que descobrem as descahidas e os defeitos dos que lhes cahem na retorta.

Mediante esta natural divisão do trabalho, na qual não ha obices nem *desiderata* que necessariamente apartem as funcções do poeta e do critico, cabe-nos sustentar que a critica não prejudica, com suas reflexões, analyses e controversias, o livre vôo da fantasia. E' bom notar-se, comtudo, que é *avis rara* encontrarem-se estas duas quali-

dades em um unico individuo. Todavia não é impossivel.

Concretisando-nos ao assumpto que desejamos tratar — o theatro — diremos que não descobrimos maior symptoma de enfermidade litteraria do que este que a critica põe constantemente na ponta de seu escalpello, tal como o genero que se cultiva presentemente, assignalando um indicio da deficiencia do theatro contemporaneo na frialdade com que o publico recebe muitas comedias e no desvio com que se aparta da arte que chamamos classica, para procurar espectaculos de indole distincta, alguns dos quaes, ainda que conservem todas as apparencias theatraes, nada possuem de dramaticos.

Assim como seria absurdo que abandonassemos, por haver passado da moda, o romantismo dos autores que no theatro continuam cultivando esta *maniére* da arte, não o seria menos oppormo-nos por systema a innovações que espiritos revolucionarios e iconoclastas quizerem tentar. Mesmo porque isso de escholas literarias são como as modas de Pariz, assim como vêm vão-se.

Não é de bôa praxe que os poetas desçam do Parnaso para escalar a tribuna ou para rabiscar folhetins nos jornaes; não vemos, porém inconveniencia que deem nova esthetica aos seus versos, e produzam dramas e comedias que assignalem

novos rumos á arte do palco, e que rompam os artificiosos limites, assignalados pela arbitrariedade dogmatica, pela abstracção fria e anti-poetica e pela ausencia absoluta do sentimento e do ideal.

Julgar que toda a obra litteraria que não reflecte a ultima tendencia, a actualidade palpitante, como se diz, é só por este facto secundaria ainda que revele grande engenho, ainda mesmo enthesourando bellezas de inestimavel valor, é manifestar um exclusivismo de seita que não póde produzir nada de aproveitavel nas lettras.

Outro exclusivismo ainda mais pernicioso, é o daquelles a quem repugnam a novidade e o atrevimento, e que têm por absolutos e eternos os dogmas historicos, a romper com os quaes é preciso outrosim romper com as leis constantes do bello.

O povo, o que forma o grande publico, « essa hydra polymorphica da mentalidade », como lhe chamou Scipio Sighele (*La fola delinquente*), esse elemento que é como a atmosphera em que toda a manifestação importante de uma litteratura necessita viver, já não se identifica com as verdadeiras obras-primas da *scena*, e facilmente deixa que lhe tomem a vontade e o gosto esses espectaculos de baixa estofa, hybridas creações, productos de varias obras, mescladas com vicios

e defeitos innumeros. E a parte selecta da sociedade culta, os espiritos melhor educados, de gosto puro e fino, os unicos capazes de seguir o artista em seu genio profundo, original e delicado, em todas as suas gradações e nos matizes de sua fantasia, sentimento e expressão, essa parte do publico que é com a qual conta o homem de lettras, acaba a seu turno por se enfastiar dos espectaculos dramaticos, tal como se lhe offerecem e, deixando para os espiritos embotados o prazer das primeiras emoções, inteiramente alheios á poesia, prefere gozar a belleza menos gritadora, menos viva, menos estrepitosa, porém mais sympathica ás suas afflicções intimas, mais espiritual, mais percuciente, mais humana que lhe offerece o romance ou a poesia.

Muita gente pensa ser inevitavel, fatal, a decadencia do theatro e que a evolução do gosto litterario, determinada por concausas sociologicas demasiado complexas, torna invencivel esta força de reacção que se vae apoderando do publico, a ponto de leval-o a preferir o romance ao drama.

Pertencemos ao numero dos que opinam ser o romance o genero mais proprio da sociedade presente do que o theatro; não acreditamos, todavia, que estas fórmas tão distinctas da arte se tornem successivas, senão que possam e devam coexistir,

ainda que umas ou outras predominem, consoante as épochas.

Hoje o predominio é sem duvida do romance. nem por isso se annuncie, comtudo, como necessaria, a ruina do theatro, e nem tampouco se repita que por estreito, insufficiente para a missão actual da arte, o theatro, por convencional e limitado, deve succumbir, quando é certo que elle pode melhorar, alargar seus moldes, aspirar a nova vida, em restauração proveitosa para si e para os progressos do espirito collectivo.

Qual será, pois, o caminho desta regeneração?

No que deixamos dito, parece-nos, claramente o declaramos. Por que razão prepondéra actualmente o gosto geral pelo romance? Satisfará melhor este ás necessidades estheticas do publico? E' essencial no drama o manter-se á immensa distancia de que hoje se acha do romance?

O theatro deixou de ser uma eschola social, para se transformar num salão de elegancias equivocas?

Muitos acreditam que sim, sobretudo em França e na Hespanha (1), onde e theatro foi sempre em tempos de gloria e de decadencia, puramente

(1) GEORGES BRANDE'S — *Les grands courants de la littérature au* XIXe *siècle*, vols. 3° e 4°. — E. ZOLA. *Le naturalisme*

idealista, cheio de fórmas convencionaes, artificiosas em extremo, alheias á realidade da vida e ás leis da sua morphologia.

Quem, conhecendo bem a historia litteraria, deixará de admirar o theatro hespanhol do seculo XVII, creador do theatro moderno (em que pése a THEOPHILO BRAGA que reclama esta gloria para GIL VICENTE, portuguez, no seculo XVI), — honra e gloria desses peninsulas sublimes, palacio da poesia sustido no mais alto do Parnaso pelos hombros herculeos de seis gigantes? Cada vez que CALDERON DE LA BARCA, LOPE DE VEGA, TIRSO DE MOLINA, ROJAS, AGOSTHINHO MORETO e FERNANDO ALARCON (1), de quem um celebre critico, referindo-se ao seu defeito physico de corcunda, dizia ser elle o maior dos poetas, visto que trazia o Pindaro às costas, fallam de seus colyseus, como que se sente a alma, o orgulho nobre do patriotismo trasvasado no rico lavor daquella fantasia original, fresca e etherea como as madrugadas de Sevilha, poderosa e grandiloqua como a architec-

au theatre, e os trabalhos de LEMAITRE, SARCEY, STE-BEUVE, e *España literaria contemporanea* de EMILIA-PARDO BAZAN, em *Revue des Revues*.

(1) Não obsante ter Alarcon nascido no Mexico, é considerado todavia como poeta e dramaturgo hespanhol, pois, ao tempo de seu nascimento, seculo XVII, ainda era aquelle paiz simples colonia castelhana.

tura da Alhambra, tão natural, tão colorida e divina como as madonas de Murillo, tão simples e candurosa em sua exuberancia, que chega a pasmar em seu aventurado e audacioso vôo levando a vertigem nas azas.

Quanto era fecunda, nova e rica a imaginação de então?

Esses sublimes idealistas queriam ir e vir por espaços sonhados, porém deslumbrantes

Cada poeta desses é um Colombo que descobre um mundo, não no seio das ondas, nem nos ares nem na região celeste das nuvens, mas por sobre a terra onde nos rojamos como reptis.

Tudo isso, ao mesmo tempo que é bello e poetico, é tão grandioso como a abertura do canal de Suez ligando dois mares ou a electricidade diminuindo as distancias.

Esse tempo, porém, passou e não servirá mais, estamos certos, para o drama que desejar attrahir ainda um pouco a vista do publico que o vae abandonando.

III

Ha um theatro contemporaneo, o francez, que possue alguma cousa de que o novo drama necessita, mas que, ou por vicio inveterado ou por herança em todos os theatros latinos, não poderá nunca attingir as condições precisas da uma obra dramatica digna dos nossos tempos. Na Hespanha e na Italia Dom Jose' Echegaray e Giuseppe Giacosa ensaiaram genialmente os processos psychonaturalistas á luz da rampa, mas infelizmente os seus dramas ainda não ultrapassaram os limites dos seus territorios.

É certo que nas obras de Sardou, Dumas filho, Augier, vê-se a palpitante vida intellectual em scena, mas faltando, todavia, um *que* da vida hominal, do homen social, tal como o conhecemos. Os successos com que Sardou enréda seus argumentos, são uma imitação exacta da forma que os successos analogos seguem na realidade. Entretanto, esta semelhanca é somente no superficial; a verdade dessas ficções dramaticas não está senão na apparencia, e falta-lhes ainda muito para que o

interesse, que só póde gerar ante a contemplação da vida humana representada, se produza no publico, cansado já do convencional jogo do palco, de onde só se offerece ao espectador uma velha travação de successos, que por artistica combinação de fingidas casualidades, produz em breve quadro, uma acção representativa de muito mais vida e realidade, do que a que lhe caberia naturalmente em estreitos limites de espaço e de tempo, se tudo isso ultrapassasse o mundo real.

Se isto se nota em o theatro de SARDOU, no que se refere á verosimilhança do movimento, da psychologia scenica, das fórmas de acção e, quiçá, o que mais se aproxima das exigencias da realidade, que diremos dos demais autores que, dando uma importancia exclusiva ou predominante aos elementos distinctos do drama, ora ao caracter, ora á lição moral, ora á these philosophica ou juridica, pouco se esmeram na invenção do trama de sua fantasia, e ainda menos em dar-lhe a vida, a forma dramatica? ALEXANDRE DUMAS, filho, por exemplo, é hoje o grande mestre de quantos entendem que o theatro póde ser eschola de philosophias transcendentes, palanque democratico, como o *A' gora* ou o *Fórum*, de questões de direito civil como o divorcio, e de economia politica como as theorias socialistas. Para o illustre des-

cendente do romancista das *Memorias de um medico,* o argumento é um mero pretexto para a these que se propõe discutir. Qualquer occasião, qualquer hora, qualquer logar é-lhe sufficiente para pôr os seus personagens em movimentação, discorrendo larga e proficientemente sobre o assumpto da dissertação.

Dumas filho, estuda a sociedade por todos os seus representantes; creanças, velhos, mendigos, mulheres, comicos e banqueiros, fidalgos e burguezes, todos têm nos seus dramas o que dizer da sociedade.

E se elle usa dessa *maniére* é porque esta fórma de concepção constitue a sua originalidade, a sua faculdade *maitresse*, a sua esthetica e não como um mero recurso para «produzir effeito e dourar a pillula que o publico ha de engulir calado, sem tugir nem mugir », na ironica phrase de E. Zola em *Nos auteurs dramatiques*.

Achamos demasiado forte esta censura do constructor dos *Rougon Macquart*, porquanto, apezar dos trabalhos de Dumas filho serem menos *reaes* que os de Sardou e de Escribe, visto que nelles o convencional entra por demais em scena, comtudo o artificio da acção é mais transparente. E tudo isso faz com que, ante obras de tal genero, o publico se acredite em frente de um mundo que

não é o seu, que tem leis especiaes de tempo, espaço e combinação de successos, leis que é préciso conhecer de ante-mão, para não se pasmar diante de taes prodigios imaginativos e de personagens ficticios, puramente ideaes.

EMILIO AUGIER, menos brilhante que DUMAS filho, menos habil que SARDOU para imitar estes na movimentação e *localisação* da scena com a naturalidade que os distingue, é-lhes, sem embargo, superior como autor dramatico de seu tempo, visto que é mais humano e menos fantasista.

Seus trabalhos hão conquistado em toda a linha applausos unanimes, visto que satisfazem as exigencias d'esse publico de ha muito cansado do convencionalismo. Pode-se mesmo dizer que o seu theatro é, no conjunto, o melhor emquanto tendencia a cumprir essa revolução necessaria nos palcos, se estes conservarem o direito de attrahir a attenção publica. E' que no theatro de AUGIER existem, tal como são, todas as paixões e todos os vicios e erros de logica.

Nos seus dramas mesclam-se virtude e vicio, força e debilidade, enfim pintam-se ao vivo os homens em sua natural construcção de carne, nervo e osso.

O poeta EDMOND ROSTAND, em uns bellissimos trabalhos — *Cyrano de Bergerac*, *L'Aiglon* e *La*

Samaritane—, mais litterarios do que dramaticos, pretende inocular sangue novo no velho organismo scenico do theatro francez, mas creio que não o conseguirá, attento aos finissimos e subtis traços ironicos de sua obra, notavel certamente pelo lavor artistico, porém mediocre como enscenação dramatica.

Um dramaturgo suéco, AUGUSTO STRINDBERG, procurou por sua vez abordar todas as questões palpitantes da actualidade nos varios dramas que tem lançado nestes ultimos tempos á publicidade.

Os successos que elles obtiveram, principalmente no theatro francez, são extraordinarios, inacreditaveis.

Serão seus trabalhos realmente dignos de tão elevado conceito?

Não podemos affirmal-o, visto que o não conhecemos directamente, e sim através das criticas que de seus dramas fizeram SARCEY, LEMAITRE, FOUQUIER, LÉO CLARETTIE, HENRI BAUER e CAMILLE MONCLAIR na *Revue encyclopédique*, e principalmente L. BERNARDINI em o seu recente estudo — *La litterature scandinave*, pag. 94—, que vê na sua obra « um cahos genial de contradicções e de paradoxos; uma penetreção de aguia que atravessa tudo o que toca; uma miseravel incerteza que o amanhan, com a mesma segurança escarnece e cospe sobre

tudo o que edificou na vespera; um deprezo sangrento, os mais baixos ultrages, espalhados sobre tudo o que, mesmo o peior dos homens, respeita como sagrado, e ao mesmo tempo um soffrimento tão amargo, uma logica tão percuciente, vistas de conjunto tão novas e tão originaes que, no torvelinho da revolta de todos os nossos sentimentos offendidos, uma penetração tal se nos apodera ao lermo-la, que muitas vezes chegamos a nos inquirir intimamente com uma certa inquietação : — não terá, elle, na verdade, bastante razão? »

IV

Não é preciso, como quer o romancista do *Germinal*, chegar-se aos exaggeros do naturalismo positivista, que transforma a litteratura em sciencia experimental, para reconhecer que, se cada momento da historia tem assumpto proprio, esphera peculiar, a arte dos nossos dias já não é, ou não deve ser aquelle fantasiar espontaneo, exuberante, sem freio, nem medida nes-se proposito, que o distinguiu em épochas afastadas. Hoje a arte, sem abdicar a missão que lhe é inherente em todos os tempos, deve procurar por secundar o movimento geral da cultura, e sómente desta sorte poderá ser digna de seu nobre destino.

A épocha que atravessamos é de exame, de observação e de experimentalismo. Decadas passadas destruiram dógmas, instituições, e o que não arrazaram deixaram sobre os debeis cimentos da duvida. Nossos dias, mais tranquillos comparativamente na apparencia, são reclamados para tentar uma nova reconstrucção, mas antes de emprehendel-a, necessitam examinar e comprovar o

valor dos materiaes que se hão de empregar. Uns são restos de antigos edificios tradicionaes e dignos de respeito, porém quiçá carcomidos; outros são novos e torna-se difficil conhecer, antes de experimentar-lhe as forças, o quanto podem resistir.

A tarefa da sociedade presente consiste em observar e experimentar os elementos que devem entrar na nova construcção. E a este trabalho improbo, de modestas apparencias em vigor, de summa importancia na realidade, consagram-se os sabios serios e conceituosos; os politicos mais estudiosos, integros e graves, e não vemos razão para que a arte deixe de levar pelo mesmo caminho sua influencia benefica e salutar, que será sempre grande, assim pela lei de sua natureza, como pelo de toda a vida social.

O romance naturalista já conseguiu compenetrar-se do assumpto (em que peze ao velho mestre Carlos de Laet, que lhe annunciou a morte. Vide *Em Minas*, cap. V). E é nessa eterna preoccupação de agradar, de ter leitores, que vemos empenhados todos os autores contemporaneos. E os que mais fama conseguem são os que, sem exaggero, acompanham em suas obras as tendencias geraes da cultura scientifica pelos tractados, e não pelos diccionarios e revistas, como maliciosa-

mente affirmou o Sr. Laet (op, cit- pag. 149), sem faltar por isso ás leis estheticas que impõem á arte um modo peculiar no desempenho dessa missão, commun ás varias manifestações do espirito humano.

Desterrado está, de ha muito, por todos os romancistas de valor aquelle fantasiar sem freio e sem objectivo que enchia de vento, ha bem pouco tempo, a cabeça de muita gente papalva, nos folhetins de myriades de jornaes. Hoje em dia despreza-se o artificio das intrigas mais ou menos habeis, cujo unico escopo era despertar o interesse de futeis leitores, e procura-se no fundo da vida real, o reflexo artistico que pode servir para gravar-se na placa photographica do romancista, reflexo este que não é senão o que mui acertadamente Emilio Zola chama « a esperimentação artista » e que leva a imitação empyrica a immensa vantagem de não ser vasia de ideal, impessada, fragmentaria, inconnexa.

O artista tira da realidade o dado, o assumpto, e é nisso que reside a escrupulosa e fiel verdade da observação. E com estes elementos que serão todo o copioso que se puder conseguir, que é o apoveitamento dos subsidios da observação com o fim de comprovar o supposto e reconhecer a sua legitimidade, ou dissecal-o por subjectivo,

abstracto, incoherente e falso, elle architectará a sua obra.

Se o theatro seguisse este caminho, o drama estaria no terreno emque hoje pisa com segurança o romance, seguindo-lhe outrosim os passos no tocante aos processos adequados ao assumpto e sem desconhecer a sua maneira peculiar de applicação. A primeira cousa que se deve ter em consideração é o que se denomina a açcão do drama, tanto em suas qualidades intrinsecas, como nas circumstancias de lugar e de tempo, de força e movimento. Nisto é que estão as principaes preoccupações tradiccionaes dos theatros latinos, especialmente dos theatros hespanhol, italiano e francez.

As celebres e decantadas unidades de acção, logar e tempo do theatro grego, haviam-se desatado como laços que eram, como imposição dogmatica, mas não porque se acreditasse que o melhor e o mais perfeito drama fosse o que a ellas se amoldasse. E foi justamente esta concepção, observa Eug. Veron — *L'esthetique*, pag. 437, « que fez crer a um certo numero de criticos que a fatalidade era o grande movel do theatro antigo». E mais adiante, depois de demonstrar que os assumptos dos dramas gregos não eram puramente fantasticos e imaginarios, e sim factos consagrados pela legenda religiosa, accrescenta : « e foi esta con-

cepção de necessidade, junta á inflexibilidade da lei moral que permittiu á imaginação lyrica de Eskhylo dar á acção esse caracter de inexoravel dureza que torna o effeito tão surprehendente e que os criticos, sem analysal-a convenientemente, envolvem na acção commoda e simples da fatalidade».

Actualmente, porém, quando uma acção dramatica está tão bem facturada, de fórma que o seu trama e o seu enredo se podem advinhar em pouco tempo, num dado momento e sem accessorios de circumstancias influentes, alheias ao fundo do argumento, os criticos os mais idealistas e os mais revolucionarios applaudem-lhe o feliz resultado do conjuncto, e são os primeiros a reputar taes obras de arte como as mais perfeitas, as mais apropriadas aos paladares extra-exigentes do publico actual, e as « que mais se approximam do ideal scenico ».

Não é muito difficil descobrir-se que esses primores não são de valor real, e sim puramente subjectivo, porquanto desempenham leis artificiáes impostas pela convenção e nunca pela natureza da litteratura dramatica.

Lembremo-nos desses romances que Georges Sand, Walter Scott, Dumas pae, Navarret e muitos outros escreviam com o encargo oneroso de clausulas impostas. Cumprida a promessa, o merito

relativo não deixava, todavia, de transparecer, mas em rigor o trabalho nada valia absolutamente como obra de arte.

Todo aquelle que tem a habilidade de discorrer em argumentos *aliunde*, em series de actos de indole especial e concretos, as acções de que depende o destino de uns poucos de personagens, passa geralmente, não ha negal-o, por dramaturgo insigne, poeta dramatico de primeira agua e quejandas louvaminhas, que não custam mais do que a amisade e o interesse a tanto por linha. Se, no entretanto, o drama for o transumpto da realidade, com a *ficelle* bem estudada, a psychologia da movimentação bem dirigida, a observação dos sentimentos escrupulosamente feita, abandonando de um modo perempto o fantastico, o falso, a «pillula dourada» a que já se acostumou a massa popular, então o auctor é vaiado, e não raras vezes acoimado de de mediocre charlatão.

E' certo que a realidade em sua nudez jamais offerecerá exemplo de um bom drama, tal como entendem os partidarios da composição symetrica, mas o que é fóra de duvida é que ella, encarada através dos processos artisticos, será sempre a grande triumphadora de todas as escholas. É que á Razão, a deusa portentosa da arte e da esthetica, e á sua lei nos devemos curvar submissos.

Um drama falso, por melhor que seja, jámais subsistirá, ainda mesmo que o talento e os recursos do autor possam dar verosimilhança a essas coincidencias, a esse concurso de circumstancias. O artista experimentador nem sempre pode ser livre para escolher as circumtancias em que os dados estejam collocados, afim de que a observação se faça. Elle só póde ter essa decantada liberdade dentro dos limites das leis de relação a que obedecem os seres em sua convivencia. O artista não póde limitar-se á experimentação dos assumptos, nos elementos postos em açcão; elle tem que respeitar o que de si dér a observacão psychica da vida de relação entre estes elementos, do meio em que vivem, e todas as suas respectivas leis.

E' por esse motivo que não basta, nem ao romance, nem ao drama, que os caracteres, os dados de observação parcial estejam bem estudados, é preciso outrosim que o ambiente em que hajam de viver, seja o seu, e não o de estranhos. E é justamente nisto que reside o principal defeito de Dumas filho e seus discipulos. Seus personagens, quasi sempre muito bem delineados e estudados, agitam-se em um circulo convencional, absurdo, impossivel, inteiramente falso, num romantismo piégas e obram como seres de abstracção, como fantasmas aterradores de pesadello.

V

Que será preciso para cumprir, em condições racionaes, o que arte exige para o drama moderno, no que diz respeito á *acção*? Antes de tudo desprezar, por imprestavel, esse ideal de acção convencionada, polida, elegantemente trajada, pretenciosamente orgulhosa, inteiramente isolada no mundo da realidade, separada de todo o resto das acções humanas pela barreira artificial dos palcos.

A acção dramatica não deve ser senão um fragmento da vida, tal como se mostra, com relações de antecedentes, de consequentes, de subordinações das quaes depende. O interesse e a unidade da acção não devem estar na abstracção engenhosa do autor que suppõe, contra a realidade, acontecimentos casuaes que por si sós representam um mundo aparte, sufficiente para retratar em miniatura toda uma ordem da vida. O interesse do drama deve residir no fundo do ser dramatico por um lado, e por outro no resultado de suas relações com a realidade em que se move, relações

necessarias em todo o caso, de modo vulgar ou extraordinario.

A unidade do drama deve, antes de tudo, fundar-se na unidade da acção total da vida, no determinismo logico da convivencia social. Esta unidade póde estar sufficientemente representada, fazendo-se com que o essencial dos personagens tenha espaço e tempo para se expressar, sem comtudo violentar o curso dos successos, nem fabricar eventualidades symbolicas e, principalmente, sem cortar a vida, a agitação scenica em proveito da acção em fixos limites. Alguem já disse e com justeza que « a unidade de uma cousa que começa *ex-nihilo* e volve ao nada, é uma unidade absurda ».

Como nada se acaba neste mundo, conforme as leis bio-sociologicas, como nada começa nem se acaba absolutamente, a acção dramatica tambem não deve principiar nem finalisar de um modo definitivo; deve ser fragmentaria, e dar por supposta e necessaria a grande unidade da vida theatral. Só assim o drama deixará de ser uma ficção repugnante para o gosto apurado e delicadissimo a que já se vão acostumando os espectadores.

Quão opposta é esta doutrina do que actualmente se tem por dogmatico neste assumpto! Quão difficil seria a um poeta acclimatar semelhante con-

ceito das representações sociaes! Seria ocioso ponderal-o.

Em uma analyse percuciente, minuciosa, de critica theatral, segundo o conceito ligeiramente acima esboçado, dever-se-ia ampliar estas considerações, tratando das propriedades todas da acção, corrigindo as preoccupações que estorvam o autor na pesquiza da naturalidade e verosimilhança, ao fantastico e fabuloso da scena.

Se na unidade da acção dá-se o que demonstrámos, na de tempo e logar dar-se-á forçosamente o mesmo. A respeito dos expedientes de que lançam mão os autores, para o enredo e o desenlace do argumento, está claro que não seria preciso prescindir desses artificios, de que se valem ainda os melhores dramaturgos.

Os assumptos que nas obras do theatro contemporaneo se approximam mais da realidade do que da acção, considerados estheticamente, valem pouco ou quasi nada.

E' facto corrente em philosophia esthetica que a arte, tornando-se cada vez mais realista, deve *materialisar-se;* entretanto, M. Guyau em um livro posthumo, *L'art du point de vue sociologique*, mostra o que de inexacto ha nesta asserção. Segundo o autor da *Irreligião do futuro* « o realismo bem entendido não procura agir sobre nós por

uma *sensação directa*, mas pelo despertar dos sentimentos sympathicos». (1)

E, é precisamente isto que se torna necesario á acção dramatica.

Não é exacto que o caracter determine a acção no drama, como querem muitos. O autor que assim pense é mau observador e esquece-se de um elemento, de um factor poderosissimo, tantas vezes pugnado por um critico e historiador illustre (2). Queremos nos referir ao *meio ambiente*, que exerce grande influencia nas obras de arte, e que na sua infinidade é muito difficil de estudo, mormente no *quantum* de seu influxo, em cada caso e segundo o caracter de que se trata. Por esta razão é falsa toda a obra dramatica que architecta um caracter a seu modo, que faz com que toda a acção seja méramente a expressão extrema, o desenvolvimento do assumpto ideado.

Este processo unilateral de dentro para fóra é puramente idealista, e na natureza em que taes personagens se movem é uma região enganosa, falsa, tão pobre e absurda como esses objectos scenographicos que nos *atelieres* photographicos servem para fundo dos retratos.

(1) cf. Adherbal de Carvalho, *A poésia e a arte sob o ponto de vista philosophico*, pag. IX.

(2) Cf. Taine, *Hist. de la litt. anglaise*, vol. I, introduction.

Na maior parte dos dramas, mesmo entre os bons, sob o ponto de vista dos caracteres, não ha siquer esta logica, abstracta mas systematicamente certa e real, de que acima fallámos. Nos dramas de GONÇALVES DIAS, por exemplo, se houvesse um pouco desse homochronismo syntetico quanto aos caracteres, dessa vista de conjuncto sobre o que chamamos sentimentos psychicos, estados d'alma, psychalgia, não resta a menor duvida que *Pactkul* e *Leonor de Mendonça* estariam fazendo companhia aos mais notaveis dramas do seculo dezenove.

Alguns autores crêem haver desatado o nó gordio da questão, e julgam os seus caracteres bem affeiçoados, optimamente humanisados, mas quando os atira ao jogo scenico, a acção em que os complica, fal-os monstros, sêres estranhos, mais semelhantes a fantoches que a sêres humanos ou humanisados. Haja vista, como exemplificação, os dramas de BJÖRNSON e PAILLERON.

Circumscrevendo-nos á these cujo titulo epigrapha este artigo, deixaremos de entrar no estudo da « acção do caracter » no theatro antigo e moderno, desde ESKHYLO até BEAUMARCHAIS, o que já foi magistralmente feito pelo illustre PAUL DE SAINT-VICTOR em sua obra lapidar *Les deux masques*, infelizmente não concluida. Voltemos, pois, ao assumpto.

Respectivamente á relação do caracter á acção as influencias hão de ser muitas, porém não symetricamente, mas de modo tal, que nunca a resultante do choque de forças entre o exterior e o caracter seja a linha projectada pelo autor, sob o do ponto de vista que assignala a virtual direcção do caracter considerado abstractamente.

Vamos, pois, concluir. Como no naturalismo francez, as innovações introduzidas no romance foram as que suscitaram maior numero de desaffectos a autores que, como Emilio Zola, começaram a reforma com uma tenacidade e um heroismo verdadeiramente spartanos, no theatro semelhante temeridade seria de um effeito muito mais desastroso. O que affirmamos não é um paradoxo e muito menos uma fantasia, é a realidade palpitante dos factos e foram elles mesmos que nos ajudaram a pesquizar e descobrir, se se póde assim dizer, essa *lei da razão* de que tanto nos occupámos neste trabalho!

Neguem-n'a agora, os *soit disant* puritanos da arte dramatica.

GENESIS DO SENTIMENTO CONJUGAL ARYANO

I

Até ha bem pouco tempo era tido, como questão resolvida pela philologia comparada, a unidade de origem aryana dos povos europeus cujos mais notaveis representantes são MAX e FREDERICO MULLER, PENKA, PICTT, GRIMM, PICTET, SAYCE e tantos outros, theoria que baqueou com as mais recentes investigações anthropologicas e linguisticas, conforme o demonstra exhuberantemente ISAAC TAYLOR em seu explendido livro sobre a *Origem dos aryas*.

Segundo os mais palpitantes estudos paleontologicos, cahio definitivamente por terra essa pretendida theoria philologica de que não havia na diversidade ethnica dos povos occidentaes um só

que fosse autochtone, e que seus primitivos habitantes vieram em migrações successivas do planalto central do Asia-Menor, da Bactriana e do Iran, o que é inexacto, porquanto as descobertas do homem pre-historico em França, Inglaterra e Paizes scandinavos provam á evidencia que o homem habitou territorio europeu na época quaternaria, ha 80 mil annos pelo menos, segundo os calculos do sabio Dr. Geikie.

Eis o que diz Taylor, consoante o bello resumo de João Ribeiro na *Hist. do Oriente e Grecia*: « Diante dos resultados obtidos pela anthropologia, os philologos começaram logo a discutir e duvidar da theoria que durante tanto tempo elles construiram com brilhantismo. Latham foi um antigo precursor dos adversarios da theoria asiatica: achava nella contradicções e certa extravagancia em fazer dirivar da Asia os aryanos que em maior numero se acham na Europa.

Não seria mais facil explicar que o grupo menor, o asiatico, partio da Europa? Withnay sem decidir-se, conservou-se em attitude hostil contra a velha theoria. Benfey começou a campanha nova em 1868, baseado nos resultados da pre-historia e mesmo da philologia: elle achava extraordinario que no vocabulario aryano primitivo não se encontrassem os nomes do *leão*, do *tigre* e do *camelo*,

animaes importantissimos na zona em que se collocava o *clan* dos aryas. »

Como acabamos de ver, grandes e robustas são as autoridades que se debatem nesta questão ethnogenica dos povos europeus. O melhor é não termos opinião sobre ella feita, pois que á nós em nada nos interessa ella para o assumpto a que nos propomos. Entremos, pois, em materia.

II

Não pretendemos estudar a fundo a vida domestica, o instituto familial entre os aryanos, muito ao em vez disso, só por alto nelle tocaremos. Demais, este trabalho já foi magistralmente tratado por Clovis Bevilaqua que lhes estudou, com grande copia de erudição e elevado senso critico, a evolução juridica, em as suas *Contribuições para a hist. do direito* no 1.º vol. da *Revista Academica, do Recife.*

A familia, no rigoroso sentido hodierno da palavra, não existia entre os habitantes de Arya-Bactria, havia entretanto algo de semelhante a dos romanos e gregos. Em cada povo, assim como em cada individuo, notam-se, entretanto, certas disposições que constituem o caracter por onde elle se distingue dos outros.

« Os aryanos, desde o inicio de sua existencia social, diz Fustel de Coulanges, revelaram natural tendencia para a metaphysica, para a abstracção e para todos os conhecimentos especulativos. » E neste correr vae dissertando

longamente sobre o assumpto, sem nos dar, entretanto, as razões peremptorias desse modo de pensar. No seu monumental trabalho de paleontologia historica que denominou *La cité antique*, o sabio historiador francez pensa ser a religiosidade a primeira manifestação psychica dos povos, e é dahi que elle começa a estudar-lhe a philogenia, o que de todo não é exacto, pois como mui criteriosamente pondera Clovis Bevilaqua « encontram-se homens e até povos atheus, e ha mesmo religiões sem deuses. » (op. cit.) Documentos nenhuns consignam a genese da organisação familial aryana; o que se tem dito ha sido formulado em hypotheses mais ou menos verosimeis. Isto, porém, não nos importa, estudal-a-hemos já constituida, conglobadamente.

A primeira phase da familia aryana foi a de igualdade entre os dous ramos denominados Persas, Indianos, etc., o que se pode verificar não só pela confrontação dos codigos religiosos desses povos, como pela analyse das suas linguas sacerdotaes (1).

(1) Na primeira phase apenas se conhecem na India 2 classes: a dos conquistadores e a dos conquistados. O *Rig-Véda* não faz distincção entre o guerreiro (Kçhatria) e o sacerdote (*Brahmane*), cujos officios eram exercidos muitas vezes pelo mesmo individuo. As *castas* datam da promulgação das l is attribuidas a MANÚ.

Os deuses *Zend-Avesta*, diz BOURNOUFF, appareceram com os mesmos attributos no *Rig-Véda*, embora tendo nomes contrapostos. *Indra*, *Agnis*, *Vârûna*, *Sûrya*, *Vâyus*, *Chandra*, *Préthvi*, *Ucha*, *Viça*, *Asvinos*, etc, são genios tutelares a que ambos estes povos prestam culto e dedicam orações differentes na forma, porém identicas na substancia.

Segundo o grande philologo francez, não é menos evidente a similitude, o parentesco que existe entre o *Zend* e o *Sanskrito*. E no seu notabilissimo trabalho sobre o *Yaçna* chegou a demonstrar que estes idiomas são coexistentes.

Na opinião deste eminente orientalista, ha palavras *zends* que só differem das *sanskritas* na mudança de uma lettra. E o extraordinario BOPP crê que o « *zend* está para o *sanskrito* na mesma relação em que o latim para o grego. » (*Grammaire comparée des langues indo europiennes* — Trad. franceza de MICHEL BRÉAL — préface pag. 7).

A influencia da vida physica externa exercia sobre o espirito deste povo uma acção menos poderosa, do que a desses elementos invisiveis, *Brahma* e *Raxaxá*, que lhe prendiam o animo e captivavam a imaginação. E' o que se deve

deprehender da leitura do *Mahâbârâhta* e do *Ramâyânna*.

Impressionado pela belleza do fôgo, attrahido pelas formas polychromas da luz, o aryano prestou-lhes um culto fervoroso. Não obstante, cada uma das faces porque a luz se manifesta, cada um dos seus attributos foi immediatamente personificado em divindade especial. A abstracção levou logo as qualidades á cathegoria de entidades.

As perspectivas magestosas do Hymalaya, o Ganges, o oceano, os vastos e areientos desertos, as intrincaveis e viridentes florestas do Indus, a infinidade de formas particulares que a natureza alli reveste e por meio das quaes se mostra o poder creador, longe de os distrahirem, inspiravam-lhes constantemente a idéa da actividade e da vida universal de um Ser, que occupando todo o espaço, e compenetrando todos os entes creados, os subordina a leis analogas e immutaveis, dentro da orbita de sua immensa unidade.

Foi assim que, interpretando o mundo phenomenal, conforme o instincto proprio, ou as tendencias naturaes, os aryanos professaram o pantheismo com todas as consequencias religiosas, sociaes, litterarias e philosophicas que

delle se derivam. Não podemos todavia affirmar que os hindús não possuiam o sentimento do monotheismo, idéa aliás acceita por muitos escriptores.

Ainda que não tenha immediata relação com o o objecto que tratamos, a importancia deste assumpto releva perfeitamente que lhe consagremos algumas linhas, posto que, ao contrario de F. DU COULANGES, pensemos que só indirectamente surgio a organisação familial aryana, da noção religiosa entre elles.

Os Védas, os Puranás os Brahmanes, o codigo de Manú, as seitas orthodoxas, reconhecem sempre esse sentimento acima do extravagante polytheismo, grosseiramente abraçado pelo vulgo. O Rig-Véda enuncia claramente esta idéa : « Nada existia; nem o ser, nem o não ser; nem a terra, nem o ar, nem a região; nem a mortalidade; nem o astro do dia, nem o astro da noite. ELLE só, o SER, concentrado na sua propria essencia respirava sem inspirar. ELLE unico existia. As trevas eram sem luz; a agua sem claridade, tudo era cahos. O SER supremo repousava no vácuo, e do seu pensamento nasceu o mundo » (*Rig-Vêda* VIII).

O mesmo se deduz do hymno a um deus desconhecido : « No principio appareceu o germen

dourado da luz. Só Elle nasceu unico soberano do mundo. Encheu o ceu e a terra.

A que deus devemos nós offerecer o holocausto?

« Este é o deus que dá a vida, a força, aquelle cujas bençans os outros deuses imploram. A immortalidade e a morte são apenas a sua sombra. A que deus offereceremos nós ó holocausto?

« Este é o deus unico, senhor omnipotente do universo, que despertou e principiou a respirar. O deus que reina sobre o homem, e conduz o animal.

A que deus, etc.

« Este é o deus cuja potesdade as montanhas cobertas de neve, e a corrente longiqua do mar annunciam o deus cujos braços cingem a amplidão dos ceus.

A que deus, etc.

« Este é o deus cuja potestade as montanhas cobertas de neve, e a corrente longiqua do mar annunciam, o deus cujos braços cingem a amplidão dos ceus.

A que deus, etc.

« Este é o deus que illumina o ether, que sustenta firme a terra, que fixa o ceu e até o empyreo, que espalhou a luz atravez das nuvens.

A que deus, etc.

« Este é o deus que a terra e o ceu con-

templam, fixados por seu alvedrio, aquelle cuja fronte irradia luz de aurora.

A que deus, etc.

« Da estancia, onde se precipitaram as aguas poderosas, as aguas que trazem os germens productores da luz, dahi vem o sopro vivificador dos deuses.

A que deus, etc.

« Este é o deus cuja vista vigorosissima se estende por estas aguas portadoras da força e geradoras da salvação, o deus que sobre todos os deuses foi sempre o Deus.

A que deus, etc.

« Que nos deixe em paz este deus, o deus que creou a terra, que creou o ceu; o deus depositario da verdade, o proprio creador das aguas perennes e limpidas.

A que deus, etc. » (*Rig-Véda* VIII. 7 (1).

Iadjiù-Vede tambem promette a immortalidade a quem acreditar na immortalidade do SER ETERNO. (Vide *Les Ve'das* por M. B. SAINT-HILAIRE, pag. 84 e seguintes). Mas a noção fundamental

(1) Tem sido interpretado de modo differente este hymno pelos orientalistas. Vide C. C. de BUNSEN — *Dieu dans l'histoire*, p. 133; e F. G. EICHHOFF — *Poésie héroïque des Indiens* pag. 250 e seguintes. São dignos de consulta tambem, MASPERÓ — *Hist. anc. de l'Orient* e LE BON — *Les civilisations de l'Inde.*

de um ser supremo em nenhuma parte apparece tão clara como no Mānavâdhârma-Sâstra que, no livro destinado á interpretação dos dogmas védicos, se exprime nos seguintes termos : « Este mundo não passava de trevas; *incomprehensivel, invisivel, desconhecido* e como que involvido num sonho profundo; o deus que reune todos os elementos vitaes, dissipou repentinamente as trevas. O ser *espiritual*, *infinito*, *incomprehensivel*, *eterno*, o *principio mysterioso* de todas as creaturas manifestou-se na plenitude do seu explendor. (*Cod de Manu* 1 Estancias 5 a 7). Os Puranâs reproduzem a cada passo os textos védicos citados (Vide James Darmesteter, *Le Zend Avesta*; *traduction avec com. historique e philologique in* Annales du Musée Guimet 3 vols. 1892 — 93 — Paris).

É indubitavel, por conseguinte, que o deus supremo dos indianos, espiritual na essencia, é material nas suas manifestações. Uno, na substancia apresenta-se multiplo nas formas symbolicas. E' *Brahma*, é *Schiva*, e *Visnhou* — o *trimurti* masculino. E' *Sarâvâsti*, é *Lâemê*, é *Pârâvati* — o *trimurti* feminino. O ceu, a terra e o mar presidem a todos os elementos.

O *Sâma-Véda* no hymno á *Aranja-Ganá* descreve, com uma belleza inexcedivel a immensi-

dade do deus do *Ovo de Ouro* : — As cabeças de Brahma são innumeraveis, são innumeraveis os seus olhos, innumeraveis os seus pés. Com a sua presença Brahma occupa todo o espaço do ceu, e a terra toda. Brahma é tudo o que foi, tudo o que será; mas não se confunde com outras existencias. Principio do movimento universal, Brahma não existe separado do mesmo universo. E' a luz da lua, a luz do sol, a luz do fogo, a luz do relampago; é a luz de toda a substancia luminosa. Debaixo de cem formas differentes Brahma lança sobre os homens cem bençãos ; sob a forma de fogo prepara-lhe os alimentos; em forma de ar conserva-lhes a existencia; transformado em chuva satifaz-lhe os desejos. Cada um de seus passos regula a marcha dos tempos, e todos os entes são perante a sua divindade como fagulhas que se escapam das fornalhas. »

E' obvio, e indiscutivel por conseguinte, que o homem entre os aryanos não se distingue do resto da creação. A alma humana é um atomo do *Paramâtmâ*, da alma universal ; participa da mesma essencia de onde tiram a existencia o reptil, o peixe, o passaro, as plantas, os astros e os elementos. E não differe das almas que andam peregrinando pelos tres mundos dos *deuses*, dos *homens* e dos *animaes*, nem é considerada

intelligente, livre, distincta e pessoal. Brahma communica-se a todos os seres indistinctamente.

Os aryanos estabelecem differença entre os *Dêvas* ou genios superiores, os homens e os entes do mundo inferior. Esta differença, todavia, não procede da essencia da alma que, em toda a sua extensão, é a mesma; deriva-se da sua qualidade ou da quantidade do SER.

As *castas*, classificadas de harmonia com a quantidade do SER, e pelas funcções que lhes impõe a lei, extremam-se categoricamente umas das outras. Os *Tchândâlas* e *Párias* submettidos a condições degradantes, á proporção que vão perdendo o *sâttva*, a qualidade de bondade, ou a qualidade do SER, descem ás regiões do *tâmas*, onde existe o mundo inferior.

A divisão da sociedade em castas e o dogma da *transmigração*, formam as duas bases fundamentaes do Cod. de Manú, e são : o meio e a sancção.

O fim do legislador é consagrar o *Dever*, e sobre este fundamento construir o edificio social.

E' pelo *Dever* que o Brahmane une a terra ao ceu, e sustenta toda a creação. O dever prescreve as obrigações dos individuos na conformidade da casta a que pertencem. O dever do *Kṣhatrya* ou *radjá* consiste na manutenção da ordem entre os

homens, na despeza dos *ráxassás*, na prestação de auxilio aos sacerdotes, na celebração dos sacrificios. O *Vaysya* deve sustentar por meio de trabalho os *Kçhatryas* e os *Brahmanes*. O dever do *Çudra* é servir com cega obediencia os augustos senhores das castas superiores.

Destes deveres elementares nascem os especiaes, do que trata minuciosamente o *Manavâ Dharma Sastra*. As mulheres hindús são equiparadas em condição aos Çudras (casta degenerada).

Por tanto, se para alcançar a bemaventurança, o Çudra deve guardar fidelidade aos seus senhores, do mesmo modo é só respeitando e venerando o marido que a melhor aryana pode conseguir igual ventura. A mulher era uma companheira do homem, porem era-lhe sobremaneira inferior. « Ella não devia entrar no leito senão depois de haver lavado os pés... Não devia tambem despir-se completamente para recolher-se ao leito, e antes de deitar-se devia saudar respeitosamente os pés de seu marido... Mas, nem por ser inferior, a mulher podia ser maltratada pelo marido » (1).

(1) Clovis Bevilaqua — *Contribuições para a historia do direito* — in *Revista Academica*, vol. 1.° p. 151.

A servidão que opprime o Çudra peza outrosim sobre a mulher hindú, posto que menos violentamente.

Da honra da esposa depende a libertação do marido no ceu, e na terra a perpetuidade das castas.

E' facil de vêr que a pureza das castas se liga estreitamente com a pureza da familia.

Nos proprios poemas vedicos podemos ver a origem do sentimento conjugal. Por exemplo, o que ha de mais veridico e mais documental do que vimos de allegar do que a abnegação, o supremo desprendimento da grandeza terrestre de *Savytri*, a nobre e bella filha do *Kçhatria* Açvapati, pelo amor de seu esposo Sâtyavan, cuja proxima morte lhe é annunciada por Nâvâda? E ella não ignorando a dura sorte das viuvas entre os de sua casta, persiste em desposal-o. O seu amor extraordinario salvou a. E não deixa outrosim de ser menos tocante e bello o episodio de Damayanty, entregando-se de corpo e alma a seu marido Nálo, que a abandona no meio da floresta e cuja malignidade ella perdôa sem um queixume, a não ser o dos cuidados extremos que elle lhe dera durante sua ausencia.

Guiada por uma visão secreta, animada pela opinião e fortificada pelo exemplo, a mulher

aryana comprehende que o destino distribuindo todos os sêres do universo em certas classes distinctas e immutaveis, tambem a submette a seu marido.

Savytri e Damayanty representam a personificação da mulher hindú; estudar-lhes o caracter e os costumes é estudar o de toda essa gloriosa raça dos Aryas, a mais importante e a mais intelligente das raças pre-historicas.

E ahi fica neste despretencioso estudo um appello aos nossos poetas.

CARTA AO AUCTOR DAS "COISAS PROFANAS"

CARTA PREFACIO [1]

MEU CARO ACRISIO MOTTA :

Pedes-me que diga algo sobre o teu precioso livrinho de versos *Coisas Profanas*.

O que poderei fazer senão dar-te os parabens e felicitar as lettras paraenses por contar entre os seus representantes um poeta da tua estatura?

N'esta quadra de anémasis moral e intellectual que atravessamos, em que a politica impéra soberana, obliterando os caracteres, animalisando os espiritos, entorpecendo os ideaes, não deixa de ser extraordinaria coragem a publicação d'um livro, seja elle do que fôr.

Lendo com attenção as tuas *Coisas profanas*,

(1) Esta carta foi escripta em 1894, no Pará, estando eu em viagem de recreio pelo Amázonas, para servir de prefacio a um auspicioso livro de Versos, *Coisas profanas*, do talentoso snr. Acrisio Mótta.

que se resentem da influencia de muitas escholas poeticas, desde o lyrismo lamartineano até o decadismo de Verlaine, acudio-me ao espirito, de repente, toda essa complicada litteratura do seculo que atravessamos, verdadeiro labyrinthode Creta, em que o individuo se emmaranha e se perde, sem poder reconstruir cousa nenhuma, porque cousa nenhuma teve ainda o seu ultimatum.

Não precisa se ter olhos de lynce para lobrigar, por sob todo esse cerrado novoeiro litterario-scientifico, alguma cousa que justifique a felicissima phrase de Comte quando qualificou este seculo como o da anarchia mental.

Elle está a fazer-nos as suas despedidas e portanto já é tempo de lançarmos, embora de relance, as vistas por sobre a sua posante elaboração nos multiplos e variadissimos ramos da actividade humanal.

Guisot no prefacio da sua *Historia da civilisação na Europa*, em um momento de enthusiasmo pela sciencia de Vico, disse que o seculo XIX era o seculo da historia, como o seculo XVIII fôra o da philosophia.

Se a lente intellectual do notavel historiador francez fosse um pouco alem do angulo da sua incidencia certamente que elle não poderia, sem graves embaraços, qualificar um centenio tão

complicado e emaranhado como este que se finda, glorioso das suas mil conquistas, mas carecente, entretanto, de alguma cousa de definitivo, dessa eterna Luz que o Gœthe pedia ao soltar o ultimo suspiro da vida corporal.

Creou-se n'elle a critica historica, a critica litteraria, o criticismo philosophico, a psychologia, a sciencia das religiões, a linguistica, a philologia, a sociologia, a anthropologia, o folk-lore, a paleontogia, o romance physiologico, que digo? um rôr de cousas que entontecem, que allucinam, que attrahem, quer na industria ou nas artes, quer na lavoura ou no commercio.

Elle poderia ser indicado com o triplice nome de seculo da synthese, da nevrose e da electricidade, se essa classificação, por seu turno, não trouxesse embaraço ao seu inventariante.

A synthese é representada pela philosophia e pela historia, a nevrose pela arte, pela litteratura e pela medicina, e a electricidade pela mechanica, pela physica e pela industria.

Comte e Spencer são os fundadores da synthese scientifica; Michelet, Taine, Bukle, Thierry, etc., os fundadores da synthese historica; Victor Hugo, Musset, Zola, Baudelaire, Maupassant, Balzac, Flaubert, etc., são os nevrosicos das lettras, como Wagner e Leoncavallo, são os nevrosicos da arte.

E o mundo inteiro, a massa compacta das civilisações, é o somnambulo inconsciente dos estupendos progressos electricos.

E Edison, o semi deus da physica e da mecanica, sosinho, atordoado pelos applausos enthusiasticos de umas 500 milhões de almas, embriagado até a suffocação pela atmosphera opiada da immortalidade, é tambem um somnambulo do seculo que elle engrandece com o seu nome, e que atravessa inconsciente, sem despertar jamais.

A politica tem procurado fazer uma sciencia social, mas ainda não conseguio o seu desideratum, visto que a tal chamada e repetida sociologia não tem um ponto scientifico de apoio ou de partida.

Todos os escriptores que se dizem sociologos, encaram os phenomenos sociaes de modos inteiramente oppostos, todos apalpam as trevas á similhança dos cegos. E' a raça, é o mestiçamento, é o meio, são as influencias climatericas, é o temperamento, é emfim uma innumeravel quantidade de factores, de causas influenciaes a fornecerem á sociologia os dados necessarios á sua constituição.

A sciencia juridica, pelas pennas de Rudolph von Jhering, Lombroso, Vidari e outros, abriu novos horisontes aos estudos do direito civil, da criminologia e do direito commercial.

A litteratura propriamente dita, tomou todas as modalidades: — foi romantico-socialista em Victor Hugo; romantico-lyrico em Lamartine e Musset; psychologica em Stendhal, Bourget, Dostoievsky, Ibsen e Bjornson; realista em Balsac, Zola, Flaubert, Daudet; nevrotico-pessimista em Maupassant, os Goncourts, Baudelaire; parnasiana em J. Soulary, Gautier, Richepin, Lotti; sensualista em Catule Mendès, Armand Sylvestre; decadista, symbolista ou nephilibata em Verlaine, Peladam, Malarmée; scientificista em André Lefèbre, Mme Ackermann; individualista em Ed. Rod; socialista em Bellamy, Turguenieff.

E de tudo isso o que ficará para attestar a actividade dynamica do seculo XIX?

Muito pouca cousa, ou quasi nenhuma. A maior parte dos problemas philosophicos e scientificos e das theorias litterarias, já esta passando para o dominio da chronologia. Homens que ha bem pouco tempo viam em torno do seu nome, uma como que especie de apotheose delirante, têm desapparecido da baila do reclame, rapidamente, celeremente, na similhança dos meteóros.

Ninguem falla mais n'elles, a não ser um ou outro curioso que folheie alfarrabios. Este nome de alfarrabios com certeza que te ha de espantar,

homens, na despeza dos *râxassás*, na prestação de auxilio aos sacerdotes, na celebração dos sacrificios. O *Vaysya* deve sustentar por meio de trabalho os *Kçhatryas* e os *Brahmanes*. O dever do *Çudra* é servir com cega obediencia os augustos senhores das castas superiores.

Destes deveres elementares nascem os especiaes, do que trata minuciosamente o *Manavâ Dharma Sastra*. As mulheres hindús são equiparadas em condição aos Çudras (casta degenerada).

Por tanto, se para alcançar a bemaventurança, o Çudra deve guardar fidelidade aos seus senhores, do mesmo modo é só respeitando e venerando o marido que a melhor aryana pode conseguir igual ventura. A mulher era uma companheira do homem, porem era-lhe sobremaneira inferior. « Ella não devia entrar no leito senão depois de haver lavado os pés... Não devia tambem despir-se completamente para recolher-se ao leito, e antes de deitar-se devia saudar respeitosamente os pés de seu marido... Mas, nem por ser inferior, a mulher podia ser maltratada pelo marido » (1).

(1) Clovis Bevilaqua — *Contribuições para a historia do direito* — in *Revista Academica*, vol. 1.° p. 151.

A servidão que opprime o Çudra peza outrosim sobre a mulher hindú, posto que menos violentamente.

Da honra da esposa depende a libertação do marido no ceu, e na terra a perpetuidade das castas.

E' facil de vêr que a pureza das castas se liga estreitamente com a pureza da familia.

Nos proprios poemas vedicos podemos ver a origem do sentimento conjugal. Por exemplo, o que ha de mais veridico e mais documental do que vimos de allegar do que a abnegação, o supremo desprendimento da grandeza terrestre de *Savytri*, a nobre e bella filha do *Kçhatria* Açvapati, pelo amor de seu esposo Sâtyavan, cuja proxima morte lhe é annunciada por Nâváda? E ella não ignorando a dura sorte das viuvas entre os de sua casta, persiste em desposal-o. O seu amor extraordinario salvou a. E não deixa outrosim de ser menos tocante e bello o episodio de Damayanty, entregando-se de corpo e alma a seu marido Nálo, que a abandona no meio da floresta e cuja malignidade ella perdôa sem um queixume, a não ser o dos cuidados extremos que elle lhe dera durante sua ausencia.

Guiada por uma visão secreta, animada pela opinião e fortificada pelo exemplo, a mulher

aryana comprehende que o destino distribuindo todos os sêres do universo em certas classes distinctas e immutaveis, tambem a submette a seu marido.

Savytri e Damayanty representam a personificação da mulher hindú; estudar-lhes o caracter e os costumes é estudar o de toda essa gloriosa raça dos Aryas, a mais importante e a mais intelligente das raças pre-historicas.

E ahi fica neste despretencioso estudo um appello aos nossos poetas.

CARTA AO AUCTOR DAS "COISAS PROFANAS"

O NORTE LITTERARIO EM 1895

O NORTE LITTERARIO EM 1895

A Renascença das lettras brazileiras começou, pode-se dizer, com a proclamação da Republica. Isto já era de prever, uma revolução acarreta sempre outras revoluções, dil-o a philosophia da historia, dil-o a sociologia.

De 1889 para cá, de todos os angulos do paiz têm surgido livros e trabalhos esparsos de moços intelligentes, até então desconhecidos ou... desanimados.

Parecerá isso, talvez, uma blasphemia ou um paradoxo, em se tratando de jovens ainda na florescencia primaveril dos annos, a todos os que, desconhecendo a phase de *transição* ethno-sociologica da classificação de Heinrich Kenkle que atravessamos (1), não concebem ou não supportam

(1) Apud Tobias Barretto — *Estudos allemães;* pag. 104.

que uma theoria de desalento e pessimismo, medrada alem oceano, possa influir no animo dos que começam aqui.

O estimulo é tudo, dizem elles, sómente o estimulo, encoraja o titubante e alenta o fraco. O estimulo é um dos factores do homem de lettras, não ha duvida, a elle é que devemos em grande parte o desabrochamento intellectual de agora, mas é preciso não olvidarmos que, alem do estimulo, impéra soberana essa lei observada por Gabriel Tarde e genialmente por elle demonstrada, num bellissimo estudo (*Les lois de l'imitation*), em todos os periodos da civilisação humana : — o instincto da imitação.

E isso é uma inconcussa verdade pois em nós mesmos temos um exemplo. Quasi toda a nossa litteratura hodierna tem vivido exclusivamente da imitação, tem-se haurido de elementos estrangeiros, requer, entretanto a verdade que se diga, que somente do que ha de peior e de menos interessante. E para confirmação do que venho de dizer, não precisamos de ir muito longe, ahi está o nosso theatro, ahi estão os nossos... dramaturgos!

Que influencia têm exercido nelles Coppée, Ibsen, Echegaray, Björnson, Giuseppe Giacosa e tantos outros, que hão elevado o palco a grande altura de uma eschola de psycho-sociologia viva?

Qual dos nossos afamados *hommes de theâtre* que já se bateu contra ou em pról de uma theoria, de um problema social qualquer a luz da rampa, tal como Alexandre Dumas filho e Augusto Strindberg, o primeiro o mais fervoroso advogado da emancipação da mulher e do divorcio, e o segundo o mais acérrimo, o mais terrivel e o mais implacavel dos misogynistas actuaes?

Parece-nos de melhor aviso deixar esta interrogação sem resposta e passarmos adiante, porque ella traz ao historiador imparcial, difficuldade semelhante a que experimentára Shylock para extrahir a libra de carne do peito do veneziano.

Vamos, porém, ao assumpto que nos interéssa.

*
* *

Desde a revolta da Armada que tenho estado em o norte do Brazil, ora em Pernambuco e Ceará, ora em Maranhão, Pará e Amazonas, e em todos esses estados tratei, conforme pude, de conhecer da vida intellectual de cada um delles, tomando ligeiros aponctamentos, rascunhos fugitivos, em a minha carteira de impressões. Elles ahi vão, tal como os escrevi, com a unica differença de que estão methodisados e em ordem geographica.

Começaremos por Pernambuco. Nesse glorioso

Estado, de onde sahiu toda a moderna geração scientista e litteraria brazileira, graças ao benefico influxo que ás lettras e á sciencia nacionaes exerceu Tobias Barretto, a actividade mental não esteve de todo paralysada. Isidoro Martins Junior, Alcêdo Marrocos, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua e outros, estiveram sempre na brecha, trabalhando, trabalhando sempre, acuados por uma tormentosa sêde de saber, offuscados pelas tentações da Gloria, esse Moloch insaciavel, pae de todas as nevroses, origem de todas as loucuras.

Martins Junior foi o paladino da poesia scientifica, que elle defendeu com extrenuo carinho num substancioso opusculo, e de que nos deu um esplendido ensaio nas *Visões de Hoje*. Infelizmente essa eschola não lhe grangeou discipulos, ficou exclusivamente a braços com o mestre que a viu fenecer desemparada, quem sabe, até por elle mesmo para quem já estavam a encantal-o os mil attractivos do parnasianismo.

Alcêdo Marrocos e Arthur Orlando, dous robustos talentos e duas grandes illustrações, metteram-se na imprensa a que abrilhantam com as suas luzes. Clovis Bevilaqua, o mais moço d'elles e tambem o mais erudicto, o mais bem educado philosophicamente, é quem mais influencia ha exercido na mocidade belletrista de Pernambuco, depois

de Tobias Barretto. Em torno d'elle é que gyram actualmente todos os que estudam com amôr e carinho, o direito, a philosophia, a critica, a sociologia, que digo! tudo quanto pode interessar os espiritos ávidos de novos ideáes, de novas theorias, de novas concepções. Sua influencia na mocidade academica de agóra é superior a de Tobias Barretto, e os seus livros sobrelevam ao do sabio sergipano em methodo, disciplina, estylo e vernaculidade. Que o digam as suas *Lições de Legislação comparada,* o seu *Direito da familia* e o seu *Direito das Obrigações*, tres monumentos levantados á juristica nacional, onde, vencendo a aridez saharica do assumpto, elle, sem sacrificar o seu fundo scientifico, dá-nos paginas aromaticas de um estylo suggestivo e brihante, que nos attrahe até o fim, como um mysterioso filtro sybilino. E' que o preoccupa o estudo de ferro dos allemães e o rythmo da palavra, a torcedura da phrase e a filigrana rendilhada dos periodos dos estylistas francezes. A sua *Criminologia e direito*, os seus *Juristas philosophos,* ainda em impressão, são trabalhos magistraes, a avaliarmos por algumas das monographias publicadas nos jornaes e revistas de Pernanbuco, e têm a grande vantagem de (ao contrario do que tem havido até então com os nossos, escriptores, que se limitam a expôr theorias

alheias sem o menor commentario e até, isto é irrisorio, copiando-as servilmente, palavra por palavra dos autores em que se inspiram), de externar as suas idéas com elevação de espirito e não pequena profundeza de analyse (1). Algumas dessas monographias hão tido honrosas referencias dos competentes europens, e o seu estudo sobre a *Criminalidade no Estado do Ceará*, mereceu uma transcripção na *Revue d'antropologie criminelle*, por G. Tarde, que a traduziu. — Isso quanto á sciencia positivo-philosophica do direito. Relativamente á historia, pondo de lado o seu ensaio sobre *A Philosophia positiva no Brazil*, elle tem entre mãos o mais alevantado tentamem que somente a homens da estatura intellectual de um Jhering, de um Spencer, de um Hermann Post e de um Summer Maine é dado conceber; quero me referir às suas *Contribuições para a historia do direito*, que, conforme elle mesmo o disse, formará de 3 ou 4 grossos volumes, e de que já publicou varios capitulos e o plano geral da obra nas revistas *Academica* e *do Norte*.

(1) Actualmente o nome de Clovis Bevilaqua radia como um trophéu de Sul a Norte do Brazil. Depois dos livros acima discriptos, publicou elle *Direito das Successões*, *Esboços e fragmentos* e o notabilissimo trabalho, *Projecto de Codigo Civil Brazileiro*, confeccionado a convite do Governo federal, ora em discussão no Congresso legislativo.

E' verdadeiramente assombroso o facto de um rapaz de pouco mais de 30 annos de idade, haver já produzido uma meia duzia de obras primas, em todo o sentido em que possamos encarar o vocabulo, entre nós, onde o superficialismo dos folhetinistas sómente é apreciado e... lido.

Na qualidade de professor, que foi, de philosophia no Curso Annexo á Faculdade de Direito, Clovis Bevilaqua escreveu um uberrimo tratado de psychologia, em que estuda a luz de uma orientação moderna e de uma interpretação critico-analytica toda original, os mais notaveis trabalhos sobre o assumpto. Infelizmente, por falta absoluta de editores, ainda se acha esta importante obra inédita.

O litterato e o critico, se elle já não se deixasse trahir no aprimorado cipolinio da phrase, e na distribuição esthetica dos periodos de seus livros, bastar-nos-hia enumerar as suas *Epochas e individualidades*, os seus *Fragmentos de litteratura* e as suas *Phrases e phantasias* para poder aquilatar-se do seu merecimento como artista. Eis, pois, o motivo porque Clovis Bevilaqua tem sido, sem o haver pensado talvez, o director espiritualda mocidade academica actual, cuja benefica influencia ella tem se encarregado de ir lastrando por todos os ambitos do paiz. A autori-

dade que elle exerce com as suas prelecções e com os seus trabalhos, ha sido de uma tonicidade reconfortante e salutar, e de um incentivo forte, sem peias, para os cerebros dos que começam a dar os primeiros passos no caminho das lettras.

E' preciso estar-se algum tempo no Recife para poder observar-se o quanto Clovis Bevilaqua é idolatrado por seus discipulos, por seus collegas, por seus admiradores e por seus innumeros enthusiastas. Sob o seu influxo foi que surgiram naquelle Estado os moços da *Revista do Norte*, da *Revista Contemporanea*, da *Revistinha*, e de tantas outras que abriram novos espiráculos ás lettras pernambucanas e em cujas columnas elle sempre collaborou. E foi nas columnas dessas revistas que apareceram França Pereira, um robusto talento com raras aptidões para critica; Faria Neves Sobrinho, com naturaes propensões á um grande poeta; Demosthenes de Olinda, Thomé Gybson, Gervasio Fioravanti, Paulo de Arruda, Virgilio de Sá Pereira, Thaumaturgo Vaz e muitos outros poetas, todos muito distinctos e correctos; C. Villela, um trabalhador infatigavel; Arthunio Vieira, Theotonio Freire, que vem de crear uma nova eschola litteraria, mixto de lamartinismo e nephilibatismo, com a publicação

dos seus *Relêvos*, e muitos outros que nos fogem a memoria. Pernambuco é talvez o ponto do Brasil em que mais se trate lettras, incluindo-se a propria Capital Federal, que fica aquem mesmo do Ceará, attentas ás condições de meio, á facilidade de communicações com os principaes centros litterarios da Europa e á cultura dessa planta exotica que se chama editor, especie inteiramente desconhecida na botanica intellectual do Norte. Excepção feita dos Srs. Hugo et C., de Pernambuco e Ramos d'Almeida et C., do Maranhão, que estrearam o anno findo, desconheço outros editores em toda a zona que vai do Recife a Manáos.

Em Pernambuco faz-se litteratura nos cafés, nos jornaes, nas palestras intimas, nos salões etc. Não ha uma só redacção que não assigne as mais importantes revistas de philosophia, litteratura, direito, politica, finanças etc. O seu *Instituto archeologico historico e o geographico* é rico de documentos hollandezes, francezes e portugueses relativos á historia Patria e especialmente a daquelle Estado. A corporação de lentes da Faculdade é uma das primeiras da Republica. Os nomes de João Vieira, Pontual, Eugenio de Barros, Martins Junior, Barros Guimarães, Adolpho Cirne e tantos outros, já se tornaram notaveis no paiz pelos profundos conhecimentos das materias que leccio-

nam, orientados pela nova phase a que parece encaminhar-se o estudo dessa sciencia que fez o padrão de gloria do mais extraordinario povo que jamais viu a Terra : — o romano. Oxalá o ardor dos enthusiastas não se esfrie, e não aconteça o mesmo que a S. Paulo, onde sempre a actividade industrial aniquilou a mental.

*
* *

O Ceará nada tem que invejar a Pernambuco. Nesse Estado a litteratura já chega a ser mania. Não ha um cearense que não rabisque o seu conto, que não viva a idealisar romances. O cearense é litterato por indole e por nascimento. O que a natureza negou ao solo, deu-o a saciedade ao povo : — a grandiosidade cerebral.

E' certo que a Eschola militar contribuiu assaz para a revolução espiritual que se está dando na Fortaleza, mas o que é indiscutivel é que essa effervescencia já borbulhava na massa do sangue dos seus naturaes.

Nada menos de tres agremiações litterarias, de tres fócos luminosos, que projectam com reverberações intensas e polychromas a luz da intelligencia por sobre toda a vastidão interminа do paiz, existem na terra de José de Alencar são

ellas a *Padaria espiritual*, o *Centro litterario* e a *Academia Cearense*. Cada associação destas tem a sua bibliotheca escolhida, edita as producções de seus associados e possue bons jornaes periodicos, taes como o *Pão*, *Iracema*, *A penna*, o *Ceará Illustrado* etc. Em suas sessões discutem-se theses, leem-se versos, contos, fragmentes de romance e *tutti quantti*. Destacam-se, alem de outros, pela actividade mental e pelo prestigio moral de seus nomes, os de Thomaz Pompeo, Guilherme Studart, Martinho Rodrigues, Justiniano de Serpa, Antonio Salles, Juvenal Galeno, Papi Junior, Alvaro Martins, um poeta lyrico de raça, Themistocles Machado, Rodrigues de Carvalho, Pedro Muniz, Alves Lima, Ulysses Sarmento, Lopes Filho, Farias Britto, que acaba de publicar o 1° volume da *Finalidade do mundo*, obra de grande vôo philosophico em que o auctor pretende apresentar alguma cousa nova, estudando o kosmo em geral, como Jhering estudara o Direito, sob o ponto de vista teleologico, e outros muitos. Dessas tres arcadias, aquella que vae mais em progresso é, não ha negal-o, o *Centro Litterario*, que além de contar o triplo de socios dos das outras duas, é mais sympathisada pela mocidade estudiosa, em virtude da sua facil accessibilidade e da falta absoluta de exclusivismo,

defeito de que as outras, máo grado seu, não se puderam ainda exemptar. (Não se descubra nesta apreciação imparcial, allusão que de forma alguma possa melindrar susceptibilidades).

O *Centro Litterario* já possue uma explendida typographia, mandada vir directamente da Europa, e está levantando capitaes para a erecção de um Chalet bibliotheca, no Passeio Publico daquelle Estado, destinado a livre frequencia do publico. Do *Centro* foi que partiu a idéa, applaudida e acceita pela *Padaria* e pela *Academia*, de se angariar donativos, em procissões civicas, para a estatua projectada no Rio de Janeiro a José de Alencar. A idéa da mudança de — *Fortaleza* para *Iracema* tambem sahiu dessa associação litteraria.

O numero de livros annunciados para este anno pelas tres sociedades excede a cincoenta. Isto já é um symptoma por demais significativo na historia de um povo e merece ser estudado por aquelles que se interessam pelas nossas cousas.

Entretanto isto que se está dando no Ceará não é um facto anomalo na psychologia dos povos, é antes como que uma reacção do cerébro á fatalidade catalyptica da secca a que tem sido condemnada essa região pela natureza.

A toda a oppressão faz-se inevitavel o desforço,

e este no Ceará faz-se se pela elevação do nivel intellectual dos seus habitantes. Isto já é um consolo.

*
* *

Em Maranhão. . . . . .

E' dolorossima esta linha de reticencias, em se tratando do Estado que com o maior brilhantismo illuminou as lettras patrias, pelas obras de seus filhos. E' certo, todavia, que ainda hoje grande parte dos escriptores nacionaes, que brilham na constellação litteraria do paiz como astros de primeira grandeza, são maranhenses taes como Coelho Netto, Aluizio Azevedo, Teixeira Mendes, os irmãos Moraes Rego, Raymundo Corrêa, etc., mas em Maranhão mesmo é uma lastima a vida intellectual.

Não ha alli absolutamente litteratura. Os jornaes ou se occupam de politica escoteiro, ou então de intrigas e de mexericos. Não têm uma collaboração litteraria ou scientifica, que se possa dizer bôa, e os seus redactores limitam-se a transcripções do que ha de mais réles em verso e prosa. Não existe na capital uma associação litteraria um jornal a feição, uma bibliotheca publica, e a unica particular que havia, proporcionando a leitura de seus livros a mil réis mensaes, o Gabi-

nete portuguez de leitura, fechou as suas portas por falta de assignantes (1).

De holophote que foi das lettras patrias, o berço de Gonçalves dias tornou-se o mais espectral acampto.

Está se dando no Maranhão um phenomeno de paralysação intellectual, semelhante ao que se déra com toda a metade deste seculo na Italia. Nessa transicção, porem, não campêa a indolencia, a inercia.

Assim como a Italia, durante o tempo da obliteração dos diques da intelligencia, se centuplicava em actividade de outra especie, creando uma marinha e um exercito notaveis, do mesmo modo o Maranhão pôz de lado a lyra e a penna, e callejou as mãos para poder manejar com destreza as machinas a vapor, que abundam em S. Luiz, dando a essa famosa ilha a perspectiva de uma cidade industrial ingleza.

A cousa que mais vivamente desperta o viagante, que pela vez primeira avista o Maranhão, é a grande quantidade de chaminés e bueiros, ba-

(1) Não esquecer que isto foi escripto em 1895. Actualmente a capital do Estado possúe uma optima bibliotheca publica, creada pela iniciativa ée senador Benedicto Leite, e sole a direcção provecta de Antonio Lobo. Pelas noticios que me chegam d'alli, parece-me que o Maranhão começa a despestar da profunda lethargia mental em que jazia ainda bem.

forando em extensas e compactas espiraes, o fumo da actividade humanal. Fabricas de toda a especie espalham-se pela cidade, num labyrinto inextricavel; de tecidos a maior parte, outras de chumbo, de calçado, de meias, de roupas feitas etc.

As fabricas têm sido de um grande auxilio á pobreza dos habitantes do Estado; contam-se para mais de quatro mil o numero de mulheres que honestamente ganham o pão nos seus teares. De Athenas, que foi, o Maranhão passou a ser a Manchester brazilheira. Sómente a vida espiritual é nulla alli. Lettras em Maranhão só as de cambio. Apenas destacam-se alguns moços intelligentes que tomam a sério o labor mental, mostrando-lhe pronunciada vocação; é o caso de Augusto Britto e Americo Azevedo para a comedia de costumes e I. Xavier de Carvalho para a poesia que cultiva com talento e gosto. O resto é de uma phosphorescencia desanimadora. Ja se vê que não intento fallar dos que estão retirados da scena, taes como Souza Andrade, Dias Carneiro e muitos outros, representantes de uma geração que já passou.

Euclydes Faria, um satyrico de primeira agua, foi-se para o Pará onde se entregou aos penosos, porém praticos, labores commerciaes, e o mesmo aconteceu a J. Francisco Gromwel um *causer* admiravel.

Um professor de lyceu, o Sr. Manoel de Bethencourt, tentou exercer certa ou qual influencia na mocidade das escholas, quer nos seus programmas retumbantes de ensino, quer nas palestras, quer mesmo na imprensa onde trabalha constantemente e com brilhantismo. Nada porém conseguiu. E' que lhe faltava a musculatura rigida dos combatentes e a firmeza das convicções arraigadas.

Em todos os seus trabalhos, reveladores de intelligencia poderosa e fulgurante, elle se revela, todavia, um indisciplinado, tal a tergiversação de suas idéas e a falta de segurança de suas theorias.

Está claro, que um temperamento nestas condições, longe de ser um acúleo para a rapaziada que surge é, pelo contrario, uma das mais perniciosas influencias.

Como já affirmei, reina, a respeito das bellas lettras, a maior indifferença na terra de Odorico Mendes. E para dar um exemplo muito significativo, basta narrar o seguinte caracteristico facto. Manifestando eu desejo de visitar o tumulo de João Francisco Lisboa, a um dos jornalistas da terra, elle franziu os sobr'olhos, encolheu os hombros e com a maior sem ceremonia imaginavel disse-me ignoral-o. E se vim sabel-o mais tarde, devo a gentileza de um barbeiro, que demora fronteiro á Igreja do Carmo, sob cuja náve repousa

o mais illustre dos historiadores nacionaes, ao lado de Sotero dos Reis. E' o caso de se exclamar com os francezes : — *tableau.*

* * *

No Pará a litteratura ha sido, mais ou menos, cultivada com amor, com estudo e com algum proveito para os que começam. Ainda não faz muito tempo que esse Estado se achava no mesmo marasmo em que se engolfara o Maranhão.

O impulso ascencional ás lettras, ás artes e á sciencia actualmente alli, é devido aos esforços de José Verissimo, que em conferencias publicas, em artigos de jornaes e revistas, e no proprio collegio que dirigia, não cessava de pugnar assim pela educação espiritual de seus patricios, como de toda a mocidade brazileira. Pode-se affirmar, sem receio de constestação, que as suas *Scenas da vida amazonica*, os seus *Estudos brazileiros*, a sua *Educação nacional* e, com especialidade, o seu *Relatorio* apresentado ao Governador do Estado, quando direitor da Instrucção publica, abriram novos horisontes ás aspirações belletristas dos seus jovens patricios.

Dos Estados do Norte foi o Pará o que mais lucrou com o advento da Republica. A industria, a agricultura, as lettras, as artes, a sciencia, tudo

prosperou, tudo cresceu a passos agigantados. Seus jornaes são bem redigidos, optimamente impressos e pouco differem dos do Rio de Janeiro.

Periodicos litterarios e scientificos ha-os bons, nomeadamente a *Gazeta postal*, *A palavra*, *A Revista de educação e ensino* e outros, não se olvidando os *Boletins do Museu Paraense*, hoje sob a direcção do provecto naturalista Dr. Emilio Gœldi.

Já é numerosa a pleiade de escriptores e poetas paraenses e de entre essa gloriosa phalange surgenos á memoria os nomes do Barão de Guajará, Tito Franco, Antonio e João Marques de Carvalho, Acrisio Motta, Raul de Azevedo, Leopoldo de Souza, Arthur Lemos, Guilherme de Miranda, Frederico Rhossard, Paulino de Britto, e o do proprio governador, Lauro Sodré.

O Pará, pela sua posição geographica, tem todos os elementos para, se quizer, dar uma feição toda local as lettras patrias, e crear uma litteratura paraense, como João Lisboa, Sotéro dos Reis, Trajano Galvão, Gonçalves Dias e outros crearam o cyclo marahense. E' bom de notar-se, entretanto, que o predominio do elemento portuguez no Pará, muito tem contribuido para o desprezo de todas as lettras que não sejam as de terra ou de cambio, o que não acontece, entretanto, com

elemento maranhense que é quem incontestavelmente mais ha cooperado para o seu engrandecimento espiritual. Estou tambem certo de que, se elles não estivessem alli, alentados pela vontade e enthusiasmo de seus naturaes, nada fariam, como os seus conterraneos. De mais, eu os não considero senão como litteratos paraenses, pois que as individualidades não são productos da terra que os vio nascer, mas sim d'aquellas em que se desenvolveram e se educáram. O *meio*, o phenomeno da *obnubilação* a que se refere Araripe Junior é, não somente um substituto dos elementos kosmicos da patria nativa, como outrosim dos sentimentos affectivos, sensoriaes.

Infelizmente as minhas rabiscas findam aqui.

No Amazonas a mentalidade é rasteira, em completa contraposição com a magestade grandiloqua da sua vegetação fantasticamente bella; com a sua fauna estupenda, onde ha passaros de plumagens variegadas, os mais lindos do mundo; com os seus rios, os mais attrahentes, os mais lendarios do globo, cheios de jacarés colossaes, de patos bravos, de tartarugas, e de milhares de viventes ainda desconhecidos dos zoologos. Dir-se-ia que o homem acanhado da sua grande inferioridade, da sua immensa pequenez diante da natureza, deixa-se inervar pela cobardia a ponto de não

fazer senão o que fazem arvores : vegeta.

Quando do tombadilho do vapor que me transportava a Manáos, eu extasiado contemplava por sobre essa prodigiosa massa de agua potavel, as myriades de ilhas que surgiam de repente, como que por encanto, e embebia o olhar fascinado para longe da margen, para o colorido verdoengo das plantas que scintilavam reverberações metalicas sob os raios solares, e para a agonia do asto rei no horisonte, muito rubro e sangrento, na semelhança de um grande coração ferido, em contraste com a côr azulada e coccinea do céu; ao contemplar todo esse scenario luxurioso e indescriptivel, capaz de etherisar o mais profundo explenetico e o mais sequioso de ideal, eu disse de mim para mim, « é impossivel que esta privilegiada região não produza os maiores poetas bucolicos e lyricos de todo o mundo. »

Como eu me enganara! Cada vez mais me convenço d'aquelle sensato adagio popular de que santo de casa não faz milagre Cousa menhuma será capaz de demover o amazonense da sua proverbial indolencia, relatada por quasi todos os viajantes.

O estrangeiro que saltar em Manáos, ficará naturalmente estupefacto ao contemplar a faina de milhares de operarios, empregados na construcção

de predios e de pontes, em aterros, calçamentos, aberturas de estradas etc., n'uma actividade invejavel de yankee, n'uma acceleração febril de exposição universal e que está elevando a capital do Amazonas a uma das mais bellas cidade sul-americanas. Elle não julgará, porém, de que todo esse enxame de trabalhadores é composto de elementos ethnographicos o mais heterogeneo que se possa imaginar. E com effeito, aposto o que fôr possivel, se me mostrarem um natural dentre os que alli trabalham. Ha-os portuguezes, francezes, inglezes, russos, polacos, allemães, italianos, e alguns brazileiros de outros Estados.

O Ceará e o Maranhão, com especialidade, são os que lhe têm fornecido mais gente, assim para os cargos mais elevados do Estado, como para a extracção da *syphonia elastica*, sua principal producção.

Não ha em Manáos o que se possa chamar vida jornalistica. Dous ou tres jornaes mal impressos, excepção feita do *Diario official*, cuja impressão é nitida, mal concebidos e peior escriptos, passam todo o tempo a incensar o governador e a gente do governo.

O Amazonas é talvez o unico Estado do Brazil que desconhece a liberdade de imprensa. E' assim que o unico jornal de opposição, que alli havia,

desapareceu sob as ameaças dos partidos politicos da terra.

O commercio da capital é importante, excepção feita ao de livros, que não os ha sinão de *Razão* e *Diario*. É certo, todavia, que algumas tentativas se fizeram pelas lettras amazonenses, porém tem tudo sido debalde.

Mello Rezende e Gaspar Guimarães, este um poeta delicioso, de um sentimentalismo tocante, e aquelle com bellas qualidades para o romance e para critica, estão calados, frios, inteiramente desanimados, pela falta absoluta de encorajamento, de meio ambiente, de atmosphera mental.

INDICE

ANTELOQUIO 7
O NATURALISMO NO BRAZIL. 10
I — O romance moderno 11
II — Balzac, Flaubert e Sthendali 15
III — Naturalismo e pessimismo 22
IV — Emilio Zola e a sua obra 30
V — Os Goncourts, A. Daudet, Maupassant, Tolstoi e Iwan Turghenief. Em que os francezes são superiores aos russos e em que estes lhes levam vantagem. 41
VI — Psychologismo e sociologismo, Dostoïesvki, Bourget, George Elliot e Huysmans. 54
VII — Ethnographia e ethnologia brazileiras . . . 66
VIII — Golpe de vista sobre o romance no Brazil . 77
IX — Tentativas naturalistas 89
X — O meio — Eça de Queiroz e a sua inflencia entre nós 96
XI — Aluizio Azevedo. Estado intellectual do Maranhão. Seus principios litterarios, sua mocidade, seu caracter, sua educação, suas luctas, sua primera inclinação, sua vida jor-

naliatica. O *Mulato*, sua vida no Rio de Janeiro. Periodo de transição. *Casa de Pensão*, o *Coruja*, o *Homem*, o *Cortiço*. Seu estylo, sua linguagem, suas descripções, seus excessos, seus personagens. Homogeneidade da sua obra. — Conclusão 105

O THEATRO BRAZILEIRO DE RELANCE 131

A LEI DA RAZÃO NO THEATRO 149

GENESIS DO SENTIMENTO CONJUGAL ARYANO. 181

CARTA AO AUCTOR DAS « COISAS PROFANAS ». 199

O NORTE LITTERARIO EM 1895. 211

Paris. — Typ. GARNIER IRMÃOS, 6, rue des Saints-Pères. 420.12.01.

University of California Library
or to the
NORTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
Bldg. 400, Richmond Field Station
University of California
Richmond, CA 94804-4698

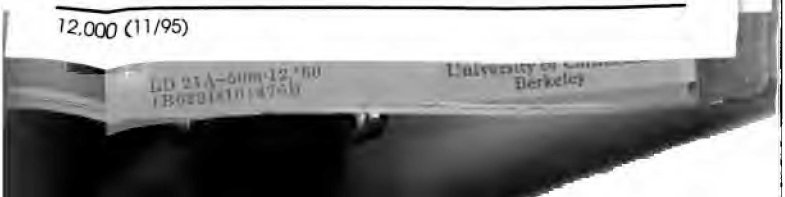
ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS

- 2-month loans may be renewed by calling (510) 642-6753
- 1-year loans may be recharged by bringing books to NRLF
- Renewals and recharges may be made 4 days prior to due date.

DUE AS STAMPED BELOW

NOV 18 1999

12,000 (11/95)



U.C. BERKELEY LIBRARIES

C024294260

YC144976